

UFRRJ

**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

DISSERTAÇÃO

**A BIOCONSTRUÇÃO NO AMBIENTE EDUCATIVO DE FORMAÇÃO
DE EDUCADORES AMBIENTAIS CRÍTICOS: um modo de confrontar a
hegemonia em novas sociedades possíveis.**

SOFIA EDER

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

A BIOCONSTRUÇÃO NO AMBIENTE EDUCATIVO DE FORMAÇÃO
DE EDUCADORES AMBIENTAIS CRÍTICOS: um modo de confrontar a
hegemonia em novas sociedades possíveis.

SOFIA EDER

Sob a orientação do professor
Mauro Guimarães

E coorientação da professora
Ana Maria Dantas Soares

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Seropédica / Nova Iguaçu, RJ

Abril de 2021

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

E22b Eder, Sofia, 1983-
A bioconstrução no ambiente educativo de formação de educadores ambientais críticos: um modo de confrontar a hegemonia em novas sociedades possíveis / Sofia Eder. - Seropédica ; Nova Iguaçu, 2021.
208 f.: il.

Orientador: Mauro Guimarães.
Coorientador: Ana Maria Dantas Soares.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, 2021.

1. Bioconstrução. 2. Educação Ambiental. 3. Formação de Educadores. 4. Pesquisa Participante. 5. Novas Sociedades. I. Guimarães, Mauro, 1963-, orient. II. Soares, Ana Maria Dantas, 1949-, coorient. III Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. IV. Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**



TERMO Nº 522 / 2021 - PPGEDUC (12.28.01.00.00.00.20)

Nº do Protocolo: 23083.034798/2021-59

Seropédica-RJ, 20 de maio de 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

SOFIA EDER

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestra**, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 26/04/2021

Conforme deliberação número 001/2020 da PROPPG, de 30/06/2020, tendo em vista a implementação de trabalho remoto e durante a vigência do período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais, em virtude das medidas adotadas para reduzir a propagação da pandemia de Covid-19, nas versões finais das teses e dissertações as assinaturas originais dos membros da banca examinadora poderão ser substituídas por documento(s) com assinaturas eletrônicas. Estas devem ser feitas na própria folha de assinaturas, através do SIPAC, ou do Sistema Eletrônico de Informações (SEI) e neste caso a folha com a assinatura deve constar como anexo ao final da tese / dissertação.

Membros da banca:

Mauro Guimaraes. Dr. UFRRJ (Orientador /Presidente da Banca).

Emerson Ferreira Guerra. Dr. UFRRJ (Examinador Externo ao Programa).

Clélia Christina Mello Silva Almeida Costa. Dra. FIOCRUZ (Examinadora Externa à Instituição).

(Assinado digitalmente em 20/05/2021 20:20)

EMERSON FERREIRA GUERRA
CHEFE DE DEPARTAMENTO - SUBSTITUTO
VICE-CHEFE DE UNIDADE
DeGEOIM (12.28.01.00.00.87)
Matricula: 1854118

(Assinado digitalmente em 20/05/2021 19:00)

MAURO GUIMARAES
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeGEOIM (12.28.01.00.00.87)
Matricula: 1542313

(Assinado digitalmente em 20/05/2021 19:53)

CLÉLIA CHRISTINA MELLO SILVA ALMEIDA DA
COSTA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 014.277.967-93

Para verificar a autenticidade deste documento entre em

<https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **522**, ano: **2021**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **20/05/2021** e o código de verificação: **6f943d2a1e**

Ao meu pai, que sempre sonhou com um mundo melhor e que, mesmo não estando mais entre nós, continua me inspirando constantemente.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais por terem me dado a vida e por ter tido a oportunidade de morar em um lugar com plantas, árvores e animais. A amorosidade do lar e o contato com a natureza me marcaram profundamente. Agradeço demais a minha mãe Silvia, por ser um ser humano tão incrível e inspirador. Agradeço por acreditar em mim e por ter aceitado participar deste trabalho junto comigo.

Agradeço profundamente ao Rafael pela parceria de vida mais especial, profunda e madura que eu jamais imaginei que pudesse construir com alguém. Agradeço por ter estudado junto comigo, lido meus textos, revisado, debatido, argumentado e contribuído enormemente com esse trabalho de várias maneiras. Você e o nosso gatinho Twix é a família mais linda, carinhosa e compreensível de que eu poderia precisar nesses anos. Agradeço ao Twix pela companhia dia e noite, pela gentileza, paciência e amorosidade que expressa diariamente por nós, e por ser esse ser tão apaixonante e carinhoso que me ensina muito sobre viver o presente e como ter uma vida mais leve a todo o momento. Essa conquista também é de vocês!

Agradeço a toda minha família: meus irmãos, minhas cunhadas queridas e meus sobrinhos amorosos por ter a oportunidade de conviver e aprender tanto com cada um de vocês, onde mesmo nas divergências conseguimos encontrar o caminho do diálogo, do respeito e da amorosidade.

Agradeço imensamente ao meu orientador Mauro Guimarães por ter me aceitado como orientanda e com quem aprendi tanta coisa nesses anos com seu pensamento instigante e repleto de amorosidade, que extrapola sua produção científica e inspira todos do GEPEADS/IM. Apesar dos inúmeros desafios que enfrentei nestes anos, sua postura compreensiva e acolhedora sempre se fez presente, e contribuíram imensamente com a superação de cada um deles.

Agradeço muito a minha coorientadora Ana Maria Dantas pelo carinho e acolhimento imenso desde quando eu ainda era uma aluna especial até me aceitar como coorientanda neste trabalho, com a sua fala repleta de cuidado e paciência nas palavras. É um grande prazer poder desfrutar da sua sabedoria e amorosidade.

Agradeço demais aos professores Clélia Christina Mello Silva e Emerson Ferreira Guerra pelas valiosas e pertinentes contribuições na banca de qualificação, que foi uma

verdadeira aula, e que me impulsionou para que eu conseguisse chegar aqui hoje. E agradeço também por aceitarem, com tanto carinho, participar da minha defesa e novamente terem contribuído imensamente com o fechamento desta pesquisa.

Não tenho como expressar com palavras o sentimento de profunda gratidão ao GEPEADS/IM por tantos aprendizados e contribuições desde antes do mestrado, como aluna especial, e até agora. Principalmente para as queridas meninas: Cassia, Jeniffer, Lilian, Magali, Marcela, Noeli, Rosinere e Tamires pela parceria incrível, principalmente durante a pandemia. Formamos uma família virtual de suporte e apoio mútuo. Sou enormemente grata a cada uma de vocês.

Agradeço enormemente ao Alex, meu querido amigo e colega do mestrado, pela ajuda imensa durante todos esses anos com trocas, debates e orientações, desde as disciplinas até a ajuda na formatação e revisão do texto final. É um privilégio poder encontrar pessoas assim na nossa caminhada.

Agradeço muito ao PPGEduc por ser um programa tão diferenciado e acolhedor, principalmente a cada professor de cada disciplina cursada por suas grandes contribuições à minha formação, assim como aos colegas da turma de 2018 pelo apoio, parceria e paciência comigo que estava caindo de paraquedas na área da educação.

Agradeço com todo meu coração ao Brahmatma Diva, principalmente, ao Bruno por embarcar nessas ideias junto comigo, cedendo o espaço com alegria e entusiasmo, e ainda fazer um registro tão lindo e rico de toda a vivência. Agradeço imensamente a cada uma das minhas queridas “cobaias” que aceitaram participar da vivência com muita disposição e alegria. Vivemos momentos incríveis e marcantes juntos. Muito obrigada a todos vocês!

Agradeço imensamente aos Mëbêngôkre (Kayapós) da aldeia Kawatum pela generosidade de nos receber em suas terras em 2015. Essa imersão na cultura de vocês foi um divisor de águas na minha vida. Agradeço pela oportunidade, pelos ensinamentos, pela atenção, pela paciência e carinho com que fomos tratados. Espero que estejam bem e saudáveis neste momento tão difícil para todos mas, principalmente, aos povos indígenas brasileiros. Que este trabalho contribua, de alguma forma, com a valorização e preservação das culturas e povos originários do país.

Agradeço a Fabiana Lisboa, minha ex-aluna que virou uma amiga querida, que aguentou meus medos, desesperos e revoltas no Whatsapp, principalmente durante a

pandemia, e me deu muita força e carinho para finalizar este trabalho. E que, também, me ajudou com muita disposição e cuidado na tradução para espanhol do título e resumo deste trabalho.

Agradeço ao querido Renato Mobaid que me deu a força que eu precisava para entregar a versão final do texto, me ajudando muito com a revisão final, com ideias e imagens que agora fazem parte desse trabalho. Obrigada pela companhia, disposição, escuta, palavras de apoio e paciência comigo nesse momento delicado.

Agradeço aos queridos e amados Luisa e Rafael pelo amor, carinho, paciência e cumplicidade comigo durante esse momento tão complexo da escrita. Agradeço demais pela força e por acreditarem mim e na minha pesquisa.

Faço um agradecimento especial à Fraternidade Espiritualista Luz, Amor e Alegria, principalmente aos queridos Teco, Fátima e Otávio, pelo acolhimento na casa, pelos aconselhamentos, apoios, suportes e pela enorme paciência comigo. Agradeço imensamente ao pai Tomé pelos infinitos conselhos e orientações dadas sempre com muito carinho. E também aos meus companheiros de terreiro: Adriana, Alex, Alfredo, Ana Paula, Andressa, Bárbara, Camila, Débora, Dudu, Joana, Juarez, Lívia, Mariana, Níger, Roberta, Rômulo, Thayanne. Se não fosse por todos vocês dessa casa de luz, amor e alegria, eu não estaria aqui hoje. Obrigada!

Muito obrigada a todos os amigos que me deram forças, me incentivaram, me ouviram que acreditaram em mim e acreditam na minha pesquisa e que, de alguma forma ou em algum momento, se fizeram presentes nessa trajetória. Ninguém faz nada sozinho nessa vida, me sinto privilegiada por poder contar com vocês nessa caminhada que chamamos de vida.

Faço meu agradecimento especial a todos os Orixás que me orientam e me guiam nessa caminhada da vida, e meus guias Cabocla Jussara, Pai Chico das Almas e Maria Madalena Mulambo que sempre me acompanham com muito amor e paciência, sempre me mostrando outras perspectivas e me ensinando algo novo. É um privilégio contar com esse carinho e a com essa parceria na vida. Axé!

*Eu sou a errante
Que se esgueira por caminhos
Ora tranquilos, ora tortuosos
Mas sempre na busca de um sentido*

*As pedras me ensinam
O sol castiga
A lua me comove
E as estrelas me inspiram*

*A imensidão do universo
Me acolhe e me esmaga ao mesmo tempo
E os seres que passam por mim
Me instruem de muitas maneiras*

*Não é sobre o caminho ser bom ou ruim
Ou se o destino é próspero ou infértil
A cada conexão feita
Eu me torno mais simples e humana
Me sensibilizo, me transformo e me revolto*

*O caminho é sobre aprender a renascer
Com a intensidade de um parto
Mas na sutileza de uma dança
Em sincronia com a imensidão de vida que me cerca.*

EDER, Sofia. **A BIOCONSTRUÇÃO NO AMBIENTE EDUCATIVO DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES AMBIENTAIS CRÍTICOS: um modo de confrontar a hegemonia em novas sociedades possíveis.** 2021. 208 p. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/ Nova Iguaçu, RJ, 2021.

RESUMO:

Esta pesquisa investiga formas com as quais a bioconstrução, e as concepções que a embasam, podem auxiliar na práxis formativa em educação ambiental crítica de maneira prática e integrativa, promovendo o contato direto com a natureza e com os saberes tradicionais e ancestrais, trazendo a perspectiva histórico-crítico-cultural e contrapondo práticas hegemônicas instituídas e construídas na sociedade. O presente estudo mostra, por meio de uma vivência imersiva em uma comunidade alternativa, a aplicação de referências teórico-metodológicas baseados na "ComVivência Pedagógica" e seus cinco princípios formativos (reflexão crítica, postura conectiva, indignação ética, desestabilização criativa e intencionalidade transformadora) na formação de educadores ambientais críticos. E ainda, sob a perspectiva de três âmbitos de atuação: relação com os seres não humanos e ambientes que nos cercam, relação com outros seres humanos e a relação consigo mesmo. Essa lente, por meio dos âmbitos, procura dar mais foco na crise de relações e no autoconhecimento repercutindo, assim, as concepções sobre os princípios formativos para o ambiente interior de cada participante. A bioconstrução com barro se conecta fortemente com os conceitos abordados por meio de uma experiência sensorial e intuitiva dentro da coletividade. O uso de materiais naturais locais na construção provocam uma profunda conexão entre prática, conceito e realização, potencializando muito o processo pedagógico para a formação de educadores ambientais críticos e conscientes. O ambiente educativo se cria através de dinâmicas de bioconstrução e outras atividades de convivência, que geram reflexões sobre a crise de relações e o modo de vida hegemônico, contribuindo, dessa forma, na edificação de caminhos e conexões para se pensar novas sociedades possíveis.

Palavras-chave: Bioconstrução, Educação Ambiental, Formação de Educadores.

EDER, Sofia. **BIOCONSTRUCTION IN THE EDUCATIONAL ENVIRONMENT FOR TRAINING CRITICAL ENVIRONMENTAL EDUCATORS: a way of confronting hegemony in new possible societies.** 2021. 208 p. Dissertation (Master Science in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural de Río de Janeiro, Seropédica/ Nova Iguaçu, RJ, 2021.

ABSTRACT:

This research investigates ways in which bioconstruction, and the concepts that underpin it, can assist in the formative praxis in critical environmental education in a practical and integrative way promoting direct contact with nature and with traditional and ancestral knowledge, bringing historical-critical-cultural perspective and contrasting hegemonic practices instituted and built in society. This study shows, through an immersive experience in an alternative community, the application of theoretical and methodological references based on "Pedagogical ComVivência" and its five formative principles (critical reflection, connective stance, ethical indignation, creative destabilization and transformative intentionality) in training of critical environmental educators. And yet, from the perspective of three areas of activity: the relationship with non-human beings and environments that surround us, relationship with other human beings and relationship with oneself. This lens, through the scopes, seeks to give more focus to the crisis of relationships and self-knowledge, thus reflecting the conceptions about the formative principles for the inner environment of each participant. Bioconstruction with clay is strongly connected with the concepts approached through a sensory and intuitive experience within the community. The use of local natural materials in construction causes a profound connection between practice, concept and achievement, greatly enhancing the pedagogical process for the training of critical and conscientious environmental educators. The educational environment is created through dynamics of bioconstruction and other activities of coexistence, which generate reflections on the crisis of relationships and the hegemonic way of life, thus contributing to the construction of paths and connections to think about new possible societies.

Keywords: Bioconstruction, Environmental Education, Educators Training.

EDER, Sofia. **LA BIOCONSTRUCCIÓN EN EL ENTORNO EDUCATIVO PARA LA FORMACIÓN DE EDUCADORES AMBIENTALES CRÍTICOS: una forma de afrontar la hegemonía en nuevas sociedades posibles.** 2021, 208 p. Disertación (Máster en Educación, Contextos Contemporáneos y Demandas Populares). Instituto de Educação/ Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural de Río de Janeiro, Seropédica/ Nova Iguaçu, RJ, 2021.

RESUMO:

Esta investigación se propone a examinar formas en las que la bioconstrucción, y los conceptos que la sustentan, puedan contribuir en la praxis formativa en la educación ambiental crítica de manera práctica, integradora, y promoviendo el contacto directo con la naturaleza y con los conocimientos tradicionales y ancestrales, aportando histórico-crítico-perspectiva cultural y prácticas hegemónicas contrastantes instituidas y construidas en la sociedad. Este estudio muestra, a través de una experiencia de inmersión en una comunidad alternativa, la aplicación de referencias teóricas y metodológicas basadas en la "ComVivência Pedagógica" y sus cinco principios formativos: reflexión crítica, postura conectiva, indignación ética, desestabilización creativa e intencionalidad transformacional, en la formación de educadores ambientales críticos. Y sin embargo, desde la perspectiva de tres áreas de actividad: la relación con los seres no humanos y entornos que nos rodean, la relación con otros seres humanos y la relación con uno mismo. Esta observación, a través de las esferas, busca dar más enfoque a la crisis de relaciones y autoconocimiento, reflejando así las concepciones a cerca de los principios formativos para el universo interior de cada participante. La bioconstrucción con arcilla está fuertemente relacionada con los conceptos abordados mediante una experiencia sensorial e intuitiva dentro de la comunidad. El uso de materiales naturales locales en la construcción provoca una conexión profunda entre práctica, concepto y logro, mejorando enormemente el proceso pedagógico para la formación de educadores ambientales críticos y conscientes. El entorno educativo se crea por medio de dinámicas de bioconstrucción y otras actividades de convivencia, que generan reflexiones sobre la crisis de las relaciones y el modo de vida hegemónico, contribuyendo así a la construcción de caminos y conexiones para pensar en nuevas sociedades posibles.

Palabras clave: Bioconstrucción, Educación Ambiental, Formación de Educadores.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Relações hierarquizadas de poder entre humanos e não humanos.....	34
Figura 2 - A flor da permacultura.....	41
Figura 3 - Panorâmica da aldeia Kawatum.....	45
Figura 4 - Chegada a aldeia Kawatum (Rio Curuaés).....	46
Figura 5 - Clareira da aldeia Kawatum imersa na floresta Amazônica.....	47
Figura 6 - Ritual da pintura Grafismo nas paredes da maloca que construímos.....	48
Figura 7 - Obra da maloca.....	50
Figura 8 - Fechamento das paredes com pau-a-pique: atividade que desperta a comunhão.....	52
Figura 9 - Maloca de pau-a-pique pronta.....	53
Figura 10 - Vista interna da maloca de pau-a-pique.....	54
Figura 11 - Início do ritual com ayahuasca.....	58
Figura 12 - Banho no lago Um dia de sol no sítio.....	60
Figura 13 - Esboço do novo espaço para o feitiço e outras atividades.....	64
Figura 14 - Mapa mental da "ComVivência Pedagógica".....	78
Figura 15 - Os cinco princípios formativos: suas intersecções, inter-relações e possibilidades	80
Figura 16 - Mapa mental sobre a Postura Conectiva.....	83
Figura 17 - Mapa mental sobre a Reflexão Crítica.....	86
Figura 18 - Mapa mental sobre a Intencionalidade Transformadora.....	89
Figura 19 - Mapa mental sobre a Indignação Ética.....	92
Figura 20 - Mapa mental sobre a Desestabilização Criativa.....	94
Figura 21 - Os três âmbitos propostos.....	106
Figura 22 - Primeira atividade-teste e “banco Jurema” finalizado.....	110
Figura 23 - O primeiro café da manhã.....	116
Figura 24 - Apresentação e grupo focal.....	119
Figura 25 - Limpeza coletiva do espaço da obra.....	136
Figura 26 - Primeira fiada de brita pronta.....	137
Figura 27 - Todos animados para colocar a mão na terra.....	138

Figura 28 - Primeiras fiadas de terra piladas.....	140
Figura 29 - Presenteados.....	144
Figura 30 - Estrutura do banco finalizada.....	145
Figura 31 - Banho no lago.....	146
Figura 32 - Introspecção com a mão no barro.....	147
Figura 33 - Decorando a obra.....	148
Figura 34 - Decoração com Ho'oponopono.....	149
Figura 35 - Nuvem de palavras do primeiro grupo focal.....	163
Figura 36 - Nuvem de palavras do segundo grupo focal.....	165

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

CEC Brahmatma Diva	⇒ Centro de Expansão de Consciência Brahmatma Diva
CONAD	⇒ Conselho Nacional de Política sobre Drogas
DSC	⇒ Discurso do Sujeito Coletivo
EA	⇒ Educação Ambiental
EAU-UFF	⇒ Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense
FAU-UFRJ	⇒ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro
GEPEADS/IM	⇒ Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental, Diversidade e Sustentabilidade do Instituto Multidisciplinar em Nova Iguaçu.
GEE	⇒ Gases do Efeito Estufa
IPCC	⇒ Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima (em inglês)
IPEC	⇒ Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado
IPOEMA	⇒ Instituto de Permacultura, Organização, Ecovilas e Meio Ambiente
OMS	⇒ Organização Mundial da Saúde
PPGEduc	⇒ Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares
RS	⇒ Representação Social
TIBÁ	⇒ Tecnologia Intuitiva e Bio-Arquitetura
UFRRJ	⇒ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
1. EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA.....	28
1.1 A hegemonia e o desenvolvimento na educação ambiental crítica.....	29
1.2. A forma antropocêntrica de compreender a realidade.....	32
1.3. O poder simbólico e o Estado.....	34
2. A BIOCONSTRUÇÃO.....	37
2.1 Breve histórico da construção com terra crua pelo mundo.....	39
2.2 O aporte da Permacultura.....	40
2.3. A experiência com os Mëbêngôkre (Kayapós).....	45
3. A ATIVIDADE PEDAGÓGICA COMO OBJETO DE ESTUDO.....	55
3.1 Objetivos gerais e específicos.....	56
3.2 O Brahmatma Diva.....	57
3.3. A pesquisa participante sensibilizadora.....	64
4. A “COMVIVÊNCIA PEDAGÓGICA”	67
4.1. A experiência significativa e o tempo da modernidade.....	70
4.2 Os cinco princípios formativos e o pertencimento no GEPEADS-IM.....	77
4.2.1. Princípio formativo Postura Conectiva.....	83
4.2.2. Princípio formativo Reflexão Crítica.....	86
4.2.3. Princípio formativo Intencionalidade Transformadora.....	89
4.2.4. Princípio formativo Indignação Ética.....	92
4.2.5. Princípio formativo Desestabilização Criativa.....	94
4.3. A construção metodológica resultante.....	95
4.3.1 A relação com os seres não humanos e o mundo que nos cerca: 1º âmbito.....	97
4.3.2 A relação entre os seres humanos: 2º âmbito.....	100

4.3.3. A relação eu comigo mesmo: 3º âmbito.....	102
5. ANÁLISE DAS ATIVIDADES REALIZADAS.....	108
5.1. Descrição da experiência com as atividades-teste e a captura de elementos.....	108
5.2. Descrição da atividade final.....	111
5.2.1. Primeiro dia presencial.....	115
5.2.2. Segundo dia presencial.....	116
5.2.3. Terceiro dia presencial.....	143
5.3. Identificando o Sujeito Coletivo e suas Representações Sociais.....	160
5.4. Contribuições para o processo formativo de educadores ambientais.....	165
6. A CRISE DE RELAÇÕES EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	171
6.1. O contexto atual.....	173
6.2. Segurança alimentar e as relações.....	175
6.3. Um mundo em transformação?.....	179
CONSIDERAÇÕES EM BUSCA DE ESPERANÇA.....	185
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	190
APÊNDICE A: <i>Organograma de relações entre a "ComVivência Pedagógica" e os cinco princípios formativos</i>.....	199
APÊNDICE B.....	200
APÊNDICE C.....	203
APÊNDICE D.....	206
APÊNDICE E.....	208

INTRODUÇÃO

O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas. (RIBEIRO, 2017. p.69)

Primeiramente, preciso declarar meu lugar de fala, minhas perspectivas e minha trajetória, característica essas que me acompanham, me permeiam e, naturalmente, enviesam tudo que produzo e faço. Sou uma mulher cis, branca e não heterossexual, pertencente à classe média brasileira. Natural do Rio de Janeiro, morei em Jacarepaguá¹ quase a vida toda e adorava morar lá por ser um bairro tranquilo, bastante arborizado e que tinha características de um ambiente rural com carroças, cavalos e estradas de terra, que transmitiam um ar bucólico com o qual me identificava. Até que o bairro teve um crescimento imobiliário enorme e assim, se tornou mais um bairro caótico e adensado na cidade do Rio de Janeiro.

[...] O moderno está nas cidades. Na roça, nas aldeias indígenas, onde a Natureza está mais presente de forma não dominada/transformada, consideramos primitivo. O crescimento urbano tornou-se inerente a esta forma de desenvolvimento da modernidade; símbolo do progresso deste modo de vida. As cidades pequenas caminhando para médias, as médias para grandes, rumando para metrópoles globais. Esse é o caminho único prescrito e de desejo produzido e inquestionável de progresso, a qual seguimos e desejamos sem questionar. (GUIMARÃES, 2018. p.61)

Tive o privilégio de crescer numa casa com quintal onde aprendi a ter o contato com a terra, plantando, semeando, colhendo e brincando. Também tive muito contato com animais, sejam silvestres ou domésticos. Eles, geralmente, são os primeiros a nos conectar com o principal ciclo da natureza: a vida e a morte. A primeira vez que temos que vivenciar que nada está estagnado e tudo que é vivo morre é sempre muito marcante.

Começar a observar e compreender os ciclos naturais me trouxe novas formas de

1. Bairro na zona oeste do Rio de Janeiro.

compreender e encarar o mundo, me deixando mais próxima do que eu entendo como a essência da vida: a percepção de que fazemos parte de um planeta, que é muito maior e mais complexo que nossa existência, e que dele não podemos ser destacados. Com essa sensibilidade crescendo em mim, comecei a criar um profundo respeito pela vida, seja de um boi ou de um inseto, e comecei a tomar ciência de como eu deveria ser responsável e consciente por cada ato e decisão que eu tomasse no meu dia. Quando tomei consciência de que eu não estou só, eu percebi como a vida nos cerca e não apenas por todos os lados externamente, mas também habita nosso corpo e faz parte de nossas microbiotas internas, sem as quais essa vida que conhecemos não seria possível.

Com a sensibilidade aflorada eu me interessei bastante por artes, principalmente as visuais, desenhava paisagens, fazia colagens e trabalhos manuais com sucata. Com pais marceneiros e habilidosos tive acesso a ferramentas e técnicas na marcenaria que tínhamos em casa, onde pude elaborar e acompanhar muitos trabalhos com madeira. Sempre me interessei por reaproveitar coisas que iriam para o lixo para transformar em algo útil usando a criatividade. Eu também tinha bastante facilidade e interesse com conteúdos ligados a razão e a lógica, gostava de abrir equipamentos ou brinquedos e ver como funcionava por dentro. A compreensão do mundo que me cercava era algo que me mobilizava intensamente e de forma criativa. Talvez tenha sido por isso que eu me interessei pelo curso de arquitetura e urbanismo e decidi seguir essa graduação na FAU-UFRJ em 2001.

Enfrentei muitas dificuldades no curso. Os professores pressionavam muito, a carga de trabalhos era imensa e as disciplinas não dialogavam. Eu pude perceber alguns elementos bastante nocivos para essas relações: existia um distanciamento claro e reforçado na relação entre docente e discente, além de muitos docentes adotarem uma prática de julgar o aluno que seria bom profissional e o que não seria. Essas atitudes produziam exclusão e, conseqüentemente, reforçavam desigualdades sociais, o que me levou a refletir se não existiria outra forma de se trabalhar conteúdos em sala de aula, algo que pudesse ser inclusivo

e reflexivo e não uma mera repetição de padrões de relações assimétricas e opressoras que vemos por todos os lados. Foi a primeira vez que compreendi com muita clareza como uma metodologia pedagógica poderia incluir ou excluir pessoas.

Também me incomodava muito ver como as questões ambientais eram tratadas com a superficialidade de uma estética, baseada em selos e certificações que serviam apenas para incrementar um produto à venda, sem nenhum compromisso em trazer reflexões sobre o nosso modo de vida e sobre o sistema capitalista industrial ao qual estamos imersos. Nesse sentido não achei nada sendo pesquisado, questionado ou que sequer vislumbrasse outros modos possíveis. Até as práticas para o desenvolvimento sustentável eram pouco abordadas e estimuladas.

Quando estava prestes a me formar pensei em fazer um mestrado, mas não achei nada na arquitetura que pesquisasse em direção ao que eu entendia ser o âmago dos problemas ambientais que enfrentamos: nosso modo de vida.

[...] a preservação de um ambiente natural favorável à vida no planeta é incompatível com a lógica expansiva e destrutiva do sistema capitalista. Não se podem salvar os equilíbrios ecológicos fundamentais do planeta sem atacar o sistema, não se pode separar a luta pela defesa da natureza do combate pela transformação revolucionária da sociedade (LÖWY, 2017).

No meu trabalho final de graduação consegui adotar práticas de desenvolvimento sustentável para viabilizá-lo de todas as maneiras possíveis e conseguir atuar frente o desafio de resgatar e ressocializar animais errantes da cidade. No trabalho: “Complexo de ressocialização, tratamento e pesquisa para animais domésticos abandonados” levantei a questão da relação entre humano e animal. O projeto² busca promover os animais domésticos perante a sociedade humana, um laço que traz benefícios tanto para os humanos e animais

2 Animação do projeto no link: <http://youtu.be/seHllh3MC40>

quanto para o meio ambiente. Por conta do teor social, cultural e ambiental, o retorno financeiro não seria o suficiente para sustentar o complexo. Assim sendo, era inevitável torná-lo o mais autossuficiente possível, empregando tecnologias como coletores solares, placas fotovoltaicas, reaproveitamento de águas da chuva e telhado verde, e até a coleta das fezes dos animais para usar em um gerador movido a gás metano.

Assim que me formei trabalhei em escritórios, construtoras e empresas. Trabalhar em uma construtora é uma experiência rica e muito proveitosa, pois é onde todo o processo construtivo acontece desde a concepção inicial do projeto, passando por orçamentos, planejamentos e processos de legalização, até a entrega final da edificação. Entretanto, de posse deste conhecimento, pude perceber muitos erros de gestão e prazos curtíssimos que geravam muitos retrabalhos, muitos desperdícios e muitos gastos desnecessários. Percebi também que a concepção de sustentabilidade inerente a uma formação ambiental não permeia essas empresas, pois como estão focadas em ter lucro não há interesse e nem reflexão nesse sentido. Somado a isso ainda estão presos em uma visão de custos imediatista, não apenas da parte do cliente, como da empresa e de todo o processo construtivo, como se existisse uma inércia das partes envolvidas para a pesquisa ou desenvolvimento de novas formas e métodos, inclusive de novas relações comerciais. Vale ressaltar que a construção civil é um dos setores mais poluentes e o maior gerador de resíduos sólidos no Brasil. Segundo Nagalli (2014), estima-se que cerca de 50% dos resíduos sólidos gerados nas grandes capitais são advindos da construção civil, ou seja, cerca de 3.000m³/dia.

Além destas experiências, também trabalhei como profissional liberal e pude vivenciar por conta própria o quanto as limitações econômicas e até a falta de visão, por parte dos clientes, dificultam muito a proposição de novas ideias. Por mais que existam outras soluções possíveis e viáveis são poucos que se propõem e sustentam isso até o fim. Tudo que é fora dos padrões e não segue o fluxo do “caminho único”³ (GUIMARÃES, 2004, p. 31), se torna muito

3. “A racionalidade do moderno, centrado na ordem, nega o embate hegemônico e apresenta as forças contra-hegemônicas como desordem; uma anomalia do processo social. Algo a ser cassado.” (GUIMARÃES, 2004)

mais cansativo e desgastante. Como arquiteta eu penso que, com um bom projeto, uma tarefa trabalhosa como, por exemplo, separar o lixo, pode se tornar algo simples quando se dedica espaços a essa finalidade. Assim como economizar energia fica fácil quando se prevê a instalação de placas solares de aquecimento de água ou fotovoltaicas. Acredito que na compreensão e relação harmoniosa com a natureza que está o caminho para o desenvolvimento das sociedades no futuro.

Paralelo a isso, me interessei muito por bioconstrução, arquitetura orgânica, permacultura, arquitetura indígena e vernacular⁴. Fiz uma série de cursos práticos na área e hoje dou palestras e faço oficinas sobre essas técnicas, inclusive participei da semana de arquitetura da UFF em 2014, fazendo uma atividade com os alunos da graduação de construção com barro. Há muito interesse e receptividade dos discentes pelo tema, porém ainda não há disciplinas ofertadas sobre essa área de conhecimento nos cursos.

Em 2015 participei de uma vivência de um mês em uma aldeia do grupo étnico Mëbêngôkre (Kayapós) no Pará, na qual construímos uma casa de pau-a-pique usando apenas materiais locais e misturando as técnicas que levamos com as dos Mëbêngôkre. Foi uma rica experiência sócio-cultural-ambiental, a qual relato com mais detalhes neste trabalho, e que me inspirou a entrar nesse mestrado.

Em 2016 conheci o PPGEduc por meio da disciplina optativa do professor Mauro Guimarães, “Educação, meio ambiente e sociedade”, a qual cursei até o fim como ouvinte e tirei muito proveito de todas as informações pesquisadas e debatidas em sala de aula, principalmente quando se tratava de educação ambiental e todas as suas complexidades, tema que me chamou muita atenção. A disciplina contou com uma imersão na qual teoria e prática se misturaram e conseguimos alcançar uma intensidade maior nos conceitos trabalhados.

Em 2017 eu participei como arquiteta convidada da disciplina da EAU-UFF

4. Próprio de uma cultura ou região. No texto se refere a uma arquitetura característica e particular dos povos originários que varia muito dependendo da cultura, local, clima e materiais disponíveis para construir.

“Arquitetura indígena bioclimática”, ministrada pela professora Dinah Guimaraens, para desenvolver metodologias práticas com soluções de baixo custo, através de oficinas, para construção de muros verdes e totens verdes na comunidade Morro do Palácio, em Niterói.

Ainda no mesmo ano eu cursei como aluna especial a disciplina “Educação, ambiente e sustentabilidade” ministrada pela professora Ana Dantas, do PPGEduc, onde aprofundei ainda mais meus conhecimentos na área e pude ter contato com uma gama de outros professores e pesquisadores em diversas áreas de atuação. E no ano seguinte comecei o mestrado.

Fiquei fascinada com a educação ambiental crítica pois ela traduzia, em palavras, estudos e pesquisas de vários questionamentos e percepções que eu trazia em mim empiricamente, e como a bioconstrução poderia ser uma ferramenta muito proveitosa para se trabalhar na formação de educadores ambientais na radicalidade necessária que a crise civilizatória (GUIMARÃES, 2018) impõe a todos nós.

O adensamento populacional urbano traz uma série de impactos ambientais conhecidos tanto para a população humana quanto para sua fauna e flora imediatamente impactadas, além de reflexos na sanidade dos solos, rios e ar. Os problemas variam desde saneamento básico ao consumo excessivo e concentrado de grande parte dos recursos captados ou produzidos, como a água e os alimentos. Além disso, encontramos grandes dificuldades para lidar com os deslocamentos, violência urbana, moradia, serviços na área de saúde, emprego e educação básica, principalmente quando se trata das populações de menor renda em situação de vulnerabilidade socioambiental.

O sistema hegemônico capitalista industrial⁵ no qual estamos inseridos não consegue

5. Faz referência ao modelo econômico industrial e a sociedade de consumo moderna que geraram um modo de vida que se propagou em escala mundial a partir da segunda metade do séc. XIX. Nesse período se consolidaram os “sistemas econômicos nacionais dos países que formaram o clube das economias desenvolvidas do século atual.” (FURTADO, 1974. p. 21). Esses países controlam a economia mundial e limitam o desenvolvimento dos países periféricos, mantendo uma relação de subalternização constante de suas economias e culturas.

trazer soluções satisfatórias em escala mundial, visto que desde a Conferência das Nações Unidas em Estocolmo em 1972, passando por uma série de outras convenções, tratados e protocolos até a atualidade não alcançaram soluções, de maneira efetiva, que consolidem práticas que contraponham os discursos hegemônicos instituídos, que têm levado a uma degradação socioambiental crescente no mundo.

Nesse contexto, o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (BRASIL, 1992, p. 1 e 2) alertava sobre a “insustentabilidade socioambiental” e a “crise civilizatória”, descrita por Guimarães (2004), como consequências do modelo de sociedade instituído.

[...] Consideramos que a preparação para as mudanças necessárias depende da compreensão coletiva da natureza sistêmica das crises que ameaçam o futuro do planeta. As causas primárias de problemas como o aumento da pobreza, da degradação humana e ambiental e da violência podem ser identificadas no modelo de civilização dominante, que se baseia em superprodução e superconsumo para uns e em subconsumo e falta de condições para produzir por parte da grande maioria (BRASIL, 1992, p. 1).

Nesse sistema, por princípio, prevalecem e sempre prevalecerão as dicotomias antagonizadas entre: pobres – ricos; explorador – explorado; opressor – oprimido, além de perpetuar a visão da natureza como recurso a ser explorado, perdendo a conexão da humanidade não apenas como parte desse organismo complexo, mas como sendo também a própria manifestação da natureza, e não podendo dela ser destacada.

O desenvolvimento econômico possível dentro do sistema capitalista industrial é mostrado como factível, mas é essencialmente uma ilusão. Se todos se desenvolvessem de forma igual ao que ocorreu nos países desenvolvidos a pressão sobre os recursos naturais e a poluição seriam de tal ordem que todo o sistema econômico entraria em colapso (FURTADO, 1974, p. 17). Como gerir um desenvolvimento econômico que funciona com base no aumento infinito do consumo, em um planeta como recursos finitos? É preciso reconhecer que o que

chamamos de criação do valor econômico⁶ não apenas nos leva à degradação social e ambiental, mas também nos mostra que não há futuro dentro desse modelo de progresso.

Martins (2011. p. 338) relata que a atuação dos padrões neoliberais no desenvolvimento econômico da América Latina acentua a deterioração ecológica, pois aprofunda as assimetrias tecnológicas entre os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos, priorizando nestes últimos, a produção agrícola ou mineral que são atividades altamente degradantes, poluentes e que contribuem fortemente com a perda de biodiversidade.

É importante considerar também que existe uma dificuldade de compreensão da relação assimétrica na qual o ser humano se coloca perante o mundo, entre si e com as outras espécies e que considero contribuir fortemente para essa relação degradante que temos com o meio ambiente. Se o tempo todo falamos de relações de poder e como elas impactam negativamente para o aumento das desigualdades econômicas e sociais, também podemos refletir no quanto elas afetam todos os seres que habitam o planeta. Quando estabelecemos uma hierarquia entre seres nos baseamos em um determinado ponto de vista. Será que este ponto de vista é o único válido? Sob a ótica do planeta qual ser vivo seria mais importante? Penso que para conseguirmos sair dessa crise civilizatória é preciso romper a esfera humana em sua concepção antropocêntrica e ir para além de nossa própria existência.

Dentro desse contexto, a bioconstrução em suas concepções e práticas dentro do ambiente educativo pode despontar como uma possível estratégia pedagógica dinamizadora de relações contra-hegemônicas na formação de educadores ambientais críticos. Ela traz em sua essência o rompimento de uma série de paradigmas hegemônicos, pois funciona por meio de outros referenciais, podendo, assim, ser uma prática pedagógica para contribuir com a ruptura ao que Guimarães (2004) chama de “armadilha paradigmática”, que “provoca a

6. A criação do valor econômico refere-se ao acréscimo de um valor adicional aos bens e serviços quando são transformados durante seu processo produtivo, como a contribuição de um recurso, atividade ou processo na fabricação. No texto, o termo faz referência à degradação social e ambiental por trás desse conceito que segue a lógica capitalista industrial.

limitação compreensiva e a incapacidade discursiva de forma redundante” em educadores ambientais sensibilizados, mas com uma perspectiva conservadora.

[...] professores foram ou estão sendo formados, em sua maioria, na mesma perspectiva conservadora de educação que reproduz *a* e se reproduz *na* armadilha paradigmática. Ou seja, dada uma compreensão de mundo moldada pela racionalidade hegemônica, geram-se práticas, entre elas a ação discursiva, incapazes de fazer diferente do “caminho único” prescrito por essa racionalidade, efetivando-se a hegemonia (GUIMARÃES, 2004, p.124. grifos do autor).

A bioconstrução, por princípio, pode ser feita por qualquer pessoa mesmo que esta não tenha nenhum conhecimento prévio de construção na vida, pois ela trata o processo de edificação de forma intuitiva utilizando, na maioria das vezes, tecnologias chamadas de *low tech*.⁷ Dessa maneira, o educador ambiental que se utilizar dessa prática poderá lidar com a parte mais densa da estrutura hegemônica: o ambiente construído.

A metodologia de ensino que vem sendo praticada em vivências e cursos em iniciativas contra hegemônicas resgata a alegria e a leveza das atividades coletivas nos mutirões e imersões, ressignificando a palavra *obra* e tirando dela o peso de adjetivos comuns da atualidade como algo sujo, caro, poluente e estressante. Desta forma busca-se fortalecer sua potencialidade de coesão social e de reidentificação do humano com o contato integrador da natureza e seus processos. Promove-se autonomia tecnológica e financeira em um primeiro momento, podendo evoluir para uma autonomia de recursos hídricos e de produção de alimentos, principalmente quando aplicada em comunidades e alinhada aos conceitos da permacultura.

Neste ponto, Freire (1996) chama a atenção que o ato de ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural por parte dos discentes, mostrando a importância em criar condições para que eles possam desenvolver sua autonomia, se

7. Tecnicamente simples, sem sofisticação. (<http://www.merriam-webster.com/dictionary/low-tech>); No âmbito do texto se refere a um conjunto de técnicas construtivas simples, baratas e intuitivas, sem uso de maquinários, podendo ser facilmente aprendidas por pessoas leigas no assunto.

assumindo como seres históricos, pensantes, comunicantes, transformadores, criadores e realizadores de sonhos. E ele ainda completa: “A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a ‘outredade’ do ‘não eu’, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade do meu eu.” (FREIRE, 1996, p.42), ou seja, a valorização da cultura e da diversidade faz um contraponto com a visão polarizada e fragmentada de mundo, onde prevalecem relações assimétricas.

E, sem dicotomizar a parte com o todo, ou o todo com a parte, as imersões⁸ na bioconstrução geralmente adotam uma postura reflexiva e transformadora no indivíduo (parte), justamente no encaixe e no processo de sincronicidade deste com o grupo em interação direta com a natureza (todo) através, principalmente, da construção, mas também nas refeições, nos descansos, nos dormitórios e banheiros coletivos e até na carona que se providencia para chegar ao local do curso. Inserindo o aprendizado da construção em si de maneira prática e didática com os participantes aprendendo a intuir, fazer e criar livres de padrões estéticos (autonomia) e usando as próprias mãos no barro, terra, bambu, madeira, pedra e outros materiais naturais, numa reaproximação com elementos naturais que sempre fizeram parte da trajetória humana, mas que a vida moderna e urbana nos desconectou.

A bioconstrução também resgata técnicas ancestrais de construção e, com isso, traz consigo a cultura e visão de mundo desses povos que, pelas suas relações viscerais com o ambiente natural, nos apresentam novas formas de nos relacionar com tudo, fora do discurso e fazer hegemônico. Acredito que essas novas epistemologias podem trazer muitos ensinamentos para os novos educadores ambientais em formação enfrentarem a atual crise socioambiental, usando a bioconstrução como uma prática pedagógica de contestação crítica, através de uma postura conectiva, integrada e transformadora.

8. Entende-se por “imersão” uma estratégia pedagógica na qual as pessoas se instalam em um determinado lugar por um determinado tempo para uma atividade-fim, considerando que todo o espaço, todas as relações que se estabelecem ali e toda a convivência sejam integralmente educativas.

A pesquisa qualitativa descrita neste trabalho pretende discutir o potencial transformador de relações que a bioconstrução como ambiente educativo pode dinamizar, dentro de um contexto de uma vivência imersiva em uma comunidade alternativa na cidade de Itatiaia no estado do Rio de Janeiro. A vivência foi embasada pela proposta metodológica da “ComVivência Pedagógica”, que será apresentada no capítulo 4 desta dissertação.

1. EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA

A educação ambiental crítica tem despontado como uma nova perspectiva da prática educativa trazendo uma reflexão profunda e contínua sobre a realidade não apenas do educando, mas também do educador, onde essas relações se realimentam para novas reflexões em busca de uma diversidade de caminhos e soluções. Não há um destino determinado. A incerteza faz parte, não apenas do processo educativo, mas principalmente da vida do ser humano, fazendo dessa incerteza uma energia em potencial e contínua para as transformações das realidades pessoais, ambientais, sociais e econômicas.

[...] A Educação Ambiental é uma prática pedagógica que não se realiza sozinha, mas nas relações do ambiente escolar, na interação entre diferentes atores, conduzida por um sujeito, os professores/as. No entanto, esses professores/as que estão nas salas de aula ou em formação nas Universidades, estão se sentindo compelidos, por toda uma demanda social e institucional, a inserirem a dimensão ambiental em suas práticas pedagógicas. No entanto, esses não são os educadores/as ambientais como “sujeitos ecológicos”⁵ descritos no estudo de Carvalho (2001). Esses professores/as foram ou estão sendo formados, em sua maioria, na mesma perspectiva conservadora de Educação que reproduz e se reproduz na armadilha paradigmática. Ou seja, limitados por uma compreensão de mundo moldada pela racionalidade hegemônica, geram-se práticas, entre elas a ação discursiva, incapazes de fazer diferente do “caminho único” prescrito por essa racionalidade, efetivando-se a hegemonia. (GUIMARÃES, 2004. p.124)

Guimarães alerta sobre a dificuldade dos educadores de sair da “armadilha paradigmática” por terem sido formados dentro de uma perspectiva fragmentada da realidade e, na incapacidade de superá-la, terminam por reproduzi-la. E Freire reforça sobre a necessidade de romper com relações hierarquizadas de poder dentro dos ambientes educativos a fim de construir novas relações entre sujeitos que buscam crescer juntos.

[...] Em verdade, não seria possível à educação problematizadora, que rompe

com os esquemas verticais característicos da educação bancária⁹, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos. Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo. (...) o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os 'argumentos de autoridade' já não valem (FREIRE, 2016b, p.120).

Dessa forma a relação entre educando e educador deixa de ser vertical e unidirecional para uma relação cíclica e recíproca, costurando na dialogia diferentes soluções para diferentes realidades e demandas. A educação aqui proposta não é mais pensada como uma construção do zero; ela é tecida a muitos pares de mãos, e cada par traz a trama da sua realidade distinta. Em conjunto é possível tecer novas realidades a partir da trama original e, assim, cada ator trabalha sua autonomia para transformar a própria realidade, rompendo com o “caminho único” proposto na *educação bancária*.

1.1 A hegemonia e o desenvolvimento na educação ambiental crítica

Com base em tudo que já foi aqui exposto é possível compreender que a educação ambiental no viés crítico não trata a questão ambiental como algo externo e distante como vemos muito nos dizeres de *ecobags*, slogans de empresas e propagandas que muitas vezes se apropriam da estética ambiental para incrementar seu produto. Textos que se limitam a conceitos como “ajudar a salvar o planeta” e “proteger as florestas” reforçam a ideia de que o problema ambiental é algo que acontece fora de nossas alçadas, onde parece que tudo o que podemos fazer é usar *ecobags* ou comprar produtos que tenham redução nas emissões de

9. Termo usado por Freire (2016b, p.111) que se refere à inconciliação entre educador-educando, onde o primeiro atua como um mero “fornecedor” e o segundo como um “depósito” de conhecimento numa relação essencialmente vertical; o termo “bancário” sugere uma visão particionada e passiva de mundo, propondo uma separação inexistente entre o ser humano e seu ambiente.

carbono.

Essa forma de pensar limita, ou até incapacita, as pessoas de refletirem e atuarem sobre o que considero o cerne da questão aqui colocada, que é nosso modo de vida. Construímos essa realidade e agora, tantos séculos depois, estamos presos nesse sistema crendo que ele é tudo que existe e que precisamos desenvolver uma maneira de lidar com a questão ambiental mas, sem saber ou conhecer as reais estruturas de sustentação do sistema, invisibilizamos outras alternativas que acabam sendo taxadas utópicas pela falta de encaixe com o próprio sistema. Da Conferência de Estocolmo até hoje pouco se alterou efetivamente e continuamos caminhando para o “abismo” como diz Michel Löwy (2017) comparando a civilização capitalista industrial com um “trem suicida”.

Na situação do incêndio que ameaçou a biodiversidade da floresta Amazônica e outros biomas próximos em agosto de 2019¹⁰, se torna fácil compreender através da postura do atual presidente do Brasil e França como o sistema do qual estamos imersos não oferece resposta à crise socioambiental que estamos entregues, pois numa situação de emergência ambiental que necessitaria de uma rápida atuação para evitar danos maiores, que em termos de biodiversidade podem ser irreparáveis, se focou numa polarização política com nuances de disputa de poder, onde se perdeu o foco do real problema e suas reais soluções a curto e longo prazo.

O capitalismo industrial se sustenta na busca constante da obtenção do lucro e, assim sendo, todas as outras demandas, sejam culturais, sociais ou ambientais, ficam sempre em segundo plano. Sob essa lógica não existe um real ímpeto na resolução dessas questões aqui colocadas. Elas sempre cairão na condição que Löwy (2017) chama de “capitalismo verde”, tornando estas demandas nada mais que outro produto à venda, sem real compromisso com as questões mencionadas sendo, assim, mais comprometido com a intenção de lucro. Ele acredita

10. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/08/26/amazonia-incendio-jair-bolsonaro-emmanuel-macron-twitter-crise.htm>>

que o “ecosocialismo” é uma “alternativa radical ao capitalismo que resulta da convergência entre a reflexão ecológica e a reflexão socialista (marxista).”

A educação praticada dentro da hegemonia é voltada para desenvolver aspectos cognitivos focados na razão e na atitude individual, descontextualizada da cultura e da realidade do local. Essa prática exalta uma forma de pensar particionada e dicotomizada onde Baran descreve que a “ação do indivíduo é superior ao coletivo” dentro de um “modelo único de desenvolvimento” (BARAN, 1977) preso à classe burguesa hegemônica.

Furtado (1974) alerta sobre a crescente dependência e demanda dos países desenvolvidos aos recursos naturais e seu uso predatório dentro de um sistema que tende a se fechar em escala planetária.

[...] Uma vez fechado o sistema, os autores do estudo se formularam a seguinte questão: que acontecerá se o *desenvolvimento econômico* para o qual estão sendo mobilizados todos os povos da terra, chega efetivamente a concretizar-se, isto é, se as atuais formas de vida dos povos ricos chegam efetivamente a universalizar-se? A resposta a essa pergunta é clara, sem ambiguidades: se tal acontecesse, a pressão sobre os recursos não-renováveis e a poluição do meio ambiente seriam de tal ordem (ou, alternativamente, o custo do controle da poluição seria tão elevado) que o sistema econômico mundial entraria necessariamente em colapso (FURTADO, 1974. p.17, grifos do autor).

Furtado (1974) também coloca que muitos creem que os problemas ambientais poderiam ser solucionados com os avanços tecnológicos, como se eles mesmos já não estivessem contribuindo com a degradação. Eles apenas poderiam sanar pontualmente algumas questões, mas de maneira alguma atuar no sentido de solucionar pois a crise relacional (que considero o ponto central dessa questão) continuaria intacta nesse formato. Ele (1974. p.18) propõe que “trata-se apenas de reconhecer que o que chamamos de criação do valor econômico tem como contrapartida processos irreversíveis no mundo físico, cujas consequências tratamos de ignorar”. Ou seja, o modelo capitalista industrial está nos levando à degradação social e ambiental e isso não está sendo considerado dentro da lógica do mercado.

Examinando o contexto da América Latina, Martins (2011, p. 338) sinaliza que a utilização dos recursos naturais extrapolaram a capacidade de regeneração e provocam degradação social e cultural que, em vez de ser considerado como um impedimento, está sendo constantemente ignorado. Martins (2011, p. 339) também avisa que “o capitalismo dependente, ao marginalizar e excluir culturalmente as populações da América Latina, impulsiona um desenvolvimento insustentável e ecologicamente danoso” e cita três aspectos dessa manifestação: polarização social com o aumento das desigualdades e construção de uma sociedade altamente consumidora de bens materiais e pouco consumidora de bens imateriais ligados às artes e cultura; padronização de consumo e produção tecnológica que leva à diminuição da variedade de produtos nos mercados e à redução da biodiversidade e conservação de ecossistemas; e o caráter imperialista da globalização que, ao impor um determinado modo de vida, exclui saberes e culturas locais que poderiam ser somados na produção cultural, científica e tecnológica.

Esses fatores evidenciam como a influência econômica externa, principalmente dos EUA, podem gerar e manter um constante ciclo de subalternização econômica e cultural no Brasil e países da América Latina. O termo “países subdesenvolvidos”, que também faz referência aos “países em desenvolvimento”, provocam uma imagem de que existe um caminho a seguir (caminho único) para que alcancemos um desenvolvimento referenciado em países norte-americanos e europeus. Tanto Martins (2011) como Furtado (1974) se questionam se, de fato, existe tal caminho ou se a construção imagética dessa lógica faz parte, na verdade, de um processo de subalternização desses mesmos países.

1.2. A forma antropocêntrica de compreender a realidade

As raízes estruturais dessa forma hierárquica de pensar da humanidade moderna se

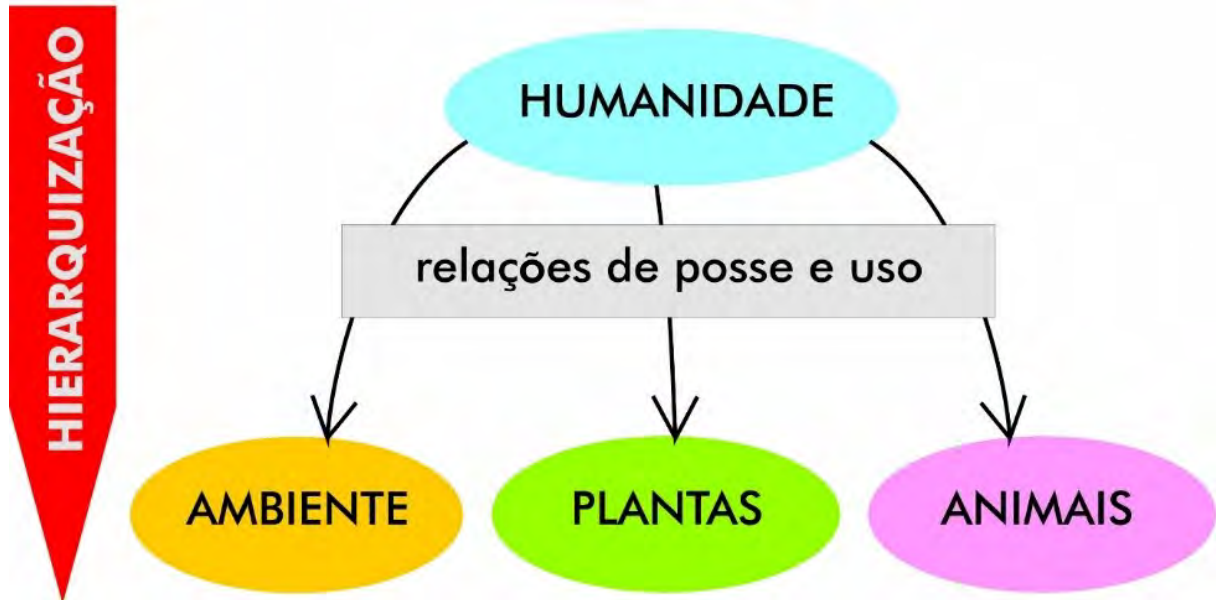
consolidaram quando o ser humano teocêntrico da Idade Média se transformou no ser humano antropocêntrico da Idade Moderna que consistiu no deslocamento figura central da divindade para o humano. Essa deslocação disjuntou o ser humano do mundo que o cercava, processo necessário para ascender em uma posição antes assumida por uma divindade. Em um lugar hierárquico arbitrado, e agora hegemônico, a humanidade passa a se entender no mundo como um grupo particular que está destacado de tudo, assumindo um caráter de importância acima dos demais,

[...] duas perspectivas essenciais, inerentes à racionalidade urbano-industrial, têm profundo impacto na forma como o ser humano concebe a realidade. A visão dicotômica, que separa o que está naturalmente unido, e a ótica antropocêntrica de mundo. A primeira provoca a fatídica disjunção ser humano e natureza. E a segunda coloca hierarquicamente o ser humano acima, numa posição utilitarista e de direitos sobre a natureza (GUIMARÃES & GRANIER, 2017, p. 1579).

Essa forma classificatória de entender e sentir o mundo, que se tornou hegemônica, passa a ser reproduzida em todas as suas relações, consolidando assim, as relações hierarquizadas de poder (**fig. 1**). Relações essas que são mais comumente observadas entre humanos enquanto: civilizados e primitivos; elite e subalternos; desenvolvidos e subdesenvolvidos; homem e mulher; branco e negro. Mas também é representada pela forma de trato com outros animais, e ainda temos reflexos dessas relações assimétricas no modo com que nossa mente lida com o próprio corpo. Essa maneira de se relacionar parece patológica em vários âmbitos, pois vem adoecendo nossas mentes, corpos, sociedades e ambientes, simultaneamente.

Esses vínculos que, conseqüentemente, se consolidam como de posse e uso estabeleceram novos paradigmas filosóficos e incrementaram o pensamento científico na época. A ousadia de se sentar no lugar antes ocupado por uma divindade revolucionou a forma do ser humano se colocar no mundo e sua capacidade de intervir nele. Era essencial ter o controle sobre o ambiente criando espaços seguros onde a humanidade pudesse prosperar, seja para produzir alimento e evitar perdas ou para se proteger do ambiente natural hostil.

Figura 1 - Relações hierarquizadas de poder entre humanos e não humanos.



Fonte: **EDER, 2019**

A visão particionada desse ser antropocêntrico gerou um olhar diferenciado sobre a sua própria realidade e isso contribuiu com o grande avanço em todas as ciências da época. Tudo era visto de cima, tudo poderia ser apropriado para estudo. Pensar que grande parte desse desenvolvimento foi em detrimento da vida como um todo no planeta leva a entender que conceitos como civilidade e prosperidade carregam uma forte incoerência ética quando priorizam não apenas determinadas classes sociais, mas também uma única espécie, a humana.

1.3. O poder simbólico e o Estado

Quando refletimos sobre as estruturas de poder que moldaram o mundo e a forma

como vivemos, sentimos e existimos nesse ambiente, também cabe refletir sobre a influência interna que a hegemonia do Estado exerce sobre nós e conseguir identificar, segundo Bourdieu (1991), seu “poder simbólico” e suas “estruturas estruturantes”. Bourdieu (1989, p. 11) coloca que as relações de comunicação são “relações de poder que dependem na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes (ou pelas instituições) envolvidos nessas relações” e assim classificadas como portadoras de poder simbólico. Afinal, como “é possível que a ordem social seja tão facilmente mantida, quando (...) os governantes são pouco numerosos e os governados tão numerosos, e têm, portanto, a seu favor a força do número?” (BOURDIEU, 1991, p. 304). Por que a hegemonia traz mais conformação do que revolta se as desigualdades socioambientais afetam negativamente a maioria da população?

É preciso compreender que essas estruturas de poder agem de maneira invisível, e conforme as pessoas vão experienciando o mundo sob essa ótica (relações de poder, desigualdade e opressão) isso vai sendo interiorizado e normalizado como se fossem características inerente ao ser humano e não frutos de um modelo civilizatório dominante e, assim, a existência dessas estruturas passa a ser ignorada e até defendida, principalmente, por aqueles que mais sofrem com ela.

[...] O dominado conhece e reconhece: o ato de obediência supõe um ato de conhecimento, que é ao mesmo tempo um ato de reconhecimento. Em reconhecimento há, evidentemente, “conhecimento”: isso quer dizer que quem se submete obedece, dobra-se a uma ordem ou a uma disciplina, opera uma ação cognitiva. (...) Os atos de submissão e de obediência são atos cognitivos que, como tais, empregam estruturas cognitivas, categorias de percepção, esquemas de percepção, princípios de visão e de divisão. (BOURDIEU, 1991, p. 305 e 306)

As estruturas do poder simbólico atuam em quem as reproduz e em quem as obedece de acordo com suas próprias categorias de recepção, ou seja, tudo que foi construído e instituído pode ser desconstruído e destituído. As instituições, geralmente, existem de duas formas: fisicamente e cognitivamente, porém elas só funcionam devidamente “quando há

correspondência entre estruturas objetivas e estruturas subjetivas.” (BOURDIEU, 1991, p. 308). Assim, quando há receptividade e obediência, não basta apenas a ordem. Bourdieu aponta que, o mundo como ele é, foi acordado pelas partes sem se perceber, sendo então o Estado o grande produtor e reproduzidor da construção da realidade socioambiental.

[...] a representação que temos do sistema escolar como lugar de distribuição das competências e de diplomas que sancionam a competência é tão forte que se precisa de certa audácia para lembrar que aquele é igualmente um lugar de consagração, um lugar em que se instituem diferenças entre os consagrados e os não consagrados, entre os eleitos e os eliminados. São diferenças que pertencem à ordem da magia social, como a diferença entre masculino e feminino, e que são produzidas por um ato de constituição (...), instaurando divisões duráveis, definitivas, indelévels, com frequência insuperáveis porque inscritas nos corpos individuais e incessantemente lembradas aos corpos pelo mundo social. (BOURDIEU, 1991, p. 312 e 313)

Ao trazer a consciência para compreendermos a existência dessas estruturas subjetivas de cognição ao qual estamos expostos e atuantes de acordo, muitas vezes sem perceber, penso que podemos também abrir brechas nessas estruturas para a indignação com relação a esse modelo civilizatório que se expandiu em escala global, produzindo e reproduzindo opressão e desigualdade social. Romper com as amarras internas dos oprimidos pode ser um passo além para suas libertações. “Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos (opressores e oprimidos)” (FREIRE, 2016b, p.63).

[...] A desigualdade social é um retroalimentador da dinâmica do crescimento capitalista, pois introjeta ideologicamente nos que têm menos quererem mais (sociedade de consumo). Estabelece-se assim uma dinâmica sociometabólica de reprodução do capital (...) que se realiza desconectado dos ciclos da natureza e suas capacidades de suportar tamanho impacto (GUIMARÃES, 2014, p. 89).

Todo esse processo disjuntivo nos leva ao abismo da crise civilizatória em que, presos ao caminho único, não conseguimos fazer diferente. Não sabemos como encaixar a preocupação com a degradação ambiental em nosso modo de vida. De fato não há encaixe. Nosso modo de vida produz e reproduz a crise.

2. A BIOCONSTRUÇÃO

O conceito bioconstrução é baseado na forma ancestral de se construir o que abrange diversas culturas e técnicas de arquitetura vernacular em todo o mundo. Ela emprega materiais locais do próprio terreno ou região, como barro, palha, madeira, bambu, pedra e gelo, e até alguns materiais que seriam descartados como garrafas e pneus. O uso desses insumos reduz os custos e o consumo de recursos na fabricação e transporte de materiais industrializados, diminuindo resíduos e podendo construir ambientes acessíveis economicamente e com excelente conforto ambiental.

O termo “Bio-arquitetura” foi usado pela primeira vez pelo arquiteto e escritor holandês Johan Van Lengen em 1987 quando fundou e batizou seu sítio incluindo a palavra no nome (TIBÁ - Tecnologia Intuitiva e Bio-Arquitetura), no Rio de Janeiro. Segundo Soares (2008), a palavra “Bioconstrução” foi usada pela primeira vez em 2001 num evento no IPEC em Pirenópolis no estado de Goiás.

A terra crua é o material de construção mais abundante que existe e não gera resíduos poluentes no seu uso. Minke (2015, p. 13) relata que o barro sempre prevaleceu como material de construção no mundo, em todos os tipos de clima, e mesmo hoje, um terço da população mundial habita em casas de terra. Minke (2015, p. 16) destaca que a terra não é um material de construção “estandardizado” como os industrializados, o que além de dinamizar o processo construtivo por evitar as reproduções de padrões construtivos e arquitetônicos em locais diferentes, também incentiva o resgate do caráter regional, tanto estético como no uso de determinados materiais da construção da localidade.

Por adotar técnicas conhecidas como *low tech*, a prática da bioconstrução pode ser exercida por pessoas que nunca tiveram contato com obra, com o mínimo de orientação e supervisão, em mutirões ou grupos de trabalho, garantindo assim a autonomia dos seus

usuários. Como se trata de materiais naturais não tóxicos ou abrasivos, a prática orienta o uso das mãos nuas na construção, possibilitando um trabalho educativo com desenvolvimento de qualidades intuitivas e artísticas nas pessoas, principalmente quando se trata de construção com o barro ou palha.

Johan Van Lengen (2002, introdução) alerta para o distanciamento não somente dos profissionais da construção com a natureza, mas também da separação soberba na atualidade entre a pessoa que pensa o projeto da pessoa que o executa, abordagem esta que já foi praticada no âmbito da educação no passado com o ensino profissionalizante (para a baixa renda) e ensino pleno (para a elite). E que, atualmente, voltou a fazer parte das pautas de reforma de grupos conservadores da educação.

[...] Na antiguidade, os primeiros arquitetos amassavam a terra com os pés para preparar os tijolos. Arquitetos descalços pisando a terra, uma imagem distante da nossa realidade que se afasta cada vez mais da natureza. (VAN LENGEN, 2002, introdução)

Van Lengen, segundo Valdo Felinto (FELINTO, 2003, apresentação em “Manual do Arquiteto Descalço”), conviveu por muitos anos em comunidades rurais mexicanas onde aprendeu a palavra Tlayoltehuani que, segundo a cultura náhuatl¹¹, significava “aquele que com o seu coração torna as coisas divinas”. Esse era o nome dado a artistas e arquitetos dessas comunidades, exemplificando como a arte e o sagrado se mesclam em suas vidas cotidianas.

O mesmo autor, agora no livro: “*Arquitetura dos índios da Amazônia*” (2013), sugere que a valorização dos saberes e da cosmovisão das centenas de etnias indígenas do Brasil podem trazer soluções e reflexões sobre a atual crise socioambiental que atravessamos.

[...] Acredito que olhar para os habitantes da Amazônia seja um bom ponto de partida para começar a ‘ouvir’ a floresta. Se pudermos prestar atenção ao que as pessoas que lá moraram por séculos se adaptaram – vindas de outras regiões do continente e atraídas ou pela curiosidade ou por populações maiores – talvez

11. Etnia indígena mexicana que fez parte da civilização asteca.

comecemos a aprender algo mais sobre como podemos nos adaptar ao nosso próprio ambiente de forma menos destrutiva. (VAN LENGEN, 2013, p.20)

2.1 Breve histórico da construção com terra crua pelo mundo

A terra é um dos materiais de construção mais antigos e populares do mundo. Há registros de edificações de mais de nove mil anos encontrados na região onde hoje se localiza o Turquestão, de acordo com Minke (2015, p.13). Ele também diz que a terra crua foi usada como material de construção em todas as culturas antigas, tanto em casas como também em outros tipos de edificações, nas mais variadas áreas e climas do planeta.

Conhecida como a mais antiga cidade com arranha-céus, segundo Minke (2015, p.72), as edificações do centro histórico de Shibam, no Iêmen, foram todas construídas em adobe autoportante e a maioria delas são torres com até oito andares que chegam a, aproximadamente, 30 metros de altura e datam do séc. XV. A cidade teve que se verticalizar para se defender dos ataques beduínos. As construções com terra são ideais para climas áridos como do Oriente Médio e até hoje para proteger os edifícios da chuva e erosão as paredes são periodicamente revestidas com uma nova camada de terra.

No mundo existem muito exemplares famosos construídos com terra. Minke(2015, p. 13 a 16) descreve que do Egito há construções com mais de 3.500 anos. Na cidade de Bam, no Irã, existem construções de mais de 2.500 anos. A grande Muralha da China foi originalmente erguida com taipa¹² há 4.000 anos. E ainda há exemplares de construções de adobe em quase todas as culturas pré-colombianas.

12. Existem duas técnicas conhecidas por esse nome: a taipa de mão, também conhecida como pau a pique; e a taipa de pilão. O texto faz referência a essa segunda, que consiste em colocar camadas grossas de terra entre taipais (barreiras laterais que definem a espessura da parede), e pilar o solo de forma que fique bem compactado e firme, constituindo uma parede maciça e autoportante.

No mundo há várias edificações de terra crua que atravessaram séculos resistindo ao tempo. Paradoxalmente, o valor e a extensão do patrimônio arquitetônico de terra têm sido sistematicamente desconhecidos, ignorados e ocultados por quase todas as disciplinas ligas às arquiteturas e engenharias que não se interessam, em escala mundial, em integrá-la em seus sistemas de transmissão de conhecimento.

2.2 O aporte da Permacultura

Outra disciplina que caminha junto da bioconstrução e agrega muito a essa pesquisa é a permacultura. Desenvolvida por Bill Mollison e David Holmgren na década de 70, a permacultura pode ser definida como:

[...] Paisagens conscientemente desenhadas que reproduzem padrões e relações encontradas na natureza e que, ao mesmo tempo, produzem alimentos, fibras e energia em abundância e suficientes para prover as necessidades locais. (MOLLISON e HOLMGREN, 1978, tradução de Luzia Araújo no livro “Permacultura princípios e caminhos para além da sustentabilidade” de HOLMGREN, 2002, p.33).

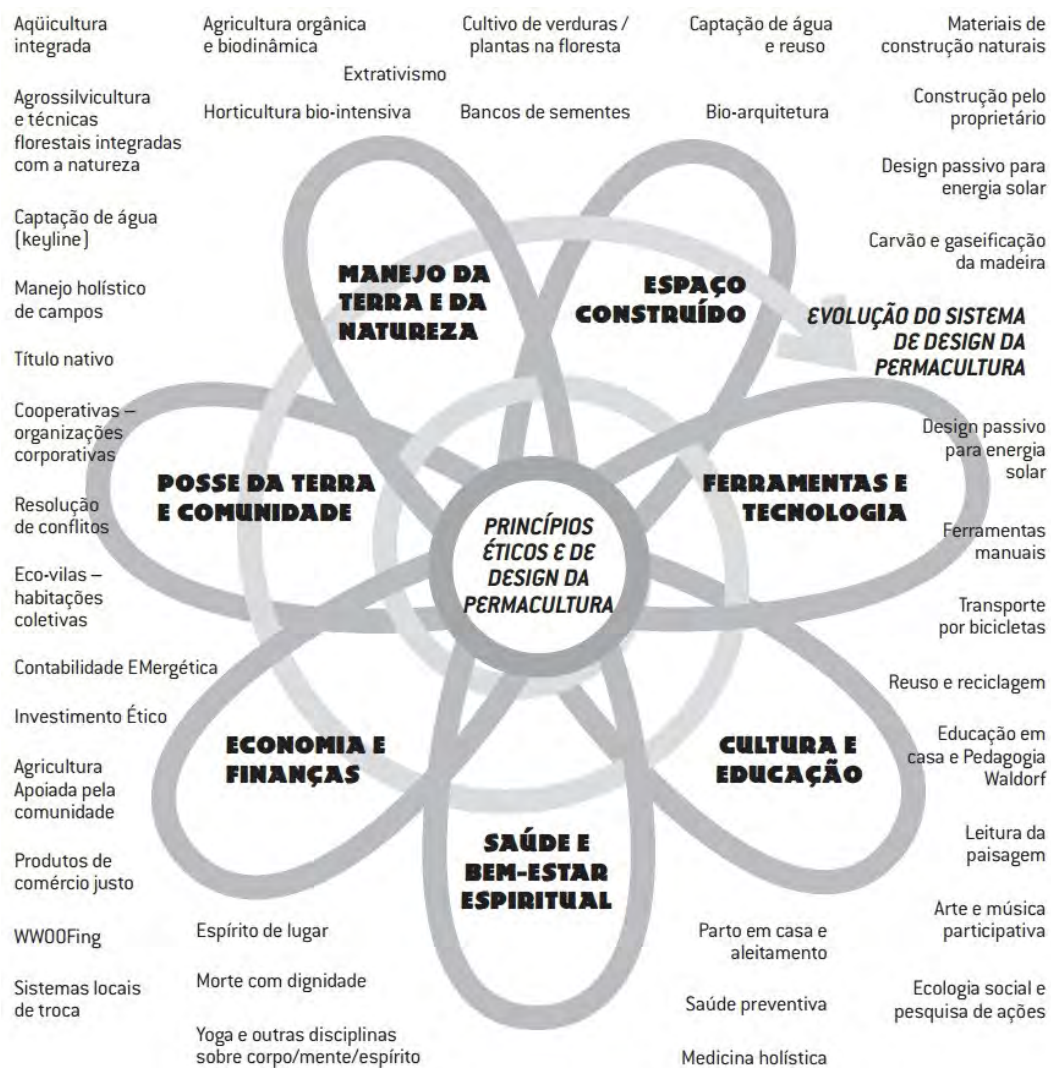
Dessa maneira, os princípios da permacultura podem ser concepções relevantes na práxis do educador ambiental crítico, principalmente na busca por práticas que visem à autonomia das pessoas, melhor explicado nesse diagrama conhecido como *a flor da permacultura* (fig. 2).

[...] O caminho evolucionário em espiral, começando com a ética e com os princípios, sugere uma costura comum a todos esses domínios, inicialmente em um nível pessoal e local, prosseguindo para o nível coletivo e global. O aspecto ‘teia de aranha’ dessa espiral sugere a natureza incerta e variável desse processo de integração. (HOLMGREN, 2013, p.34)

Fazendo um paralelo desse autor com o recorte de Guimarães (2006) abaixo

observamos a intencionalidade incerta com que se trata o futuro nessa outra ótica de educação, dando liberdade de atuação e pensamento a cada nova geração de educadores ambientais críticos, rompendo, novamente, com a postura determinista do sistema hegemônico.

Figura 2 - A flor da permacultura



Adaptado da introdução do livro "Princípios e Caminhos da Permacultura Além da Sustentabilidade" Direitos reservados © 2002

Fonte: HOLMGREN, 2013

[...] acredito ser possível e eficaz o esforço no trabalho de formação inicial e continuada dos educadores (ambientais) nessa perspectiva crítica, como forma de potencializar a resistência capaz de abrir brechas na estrutura dominante, promovendo a regeneração de uma nova realidade, como síntese desse embate, capaz de construir, nesse movimento, a sustentabilidade socioambiental (GUIMARÃES, 2006, p.27).

Nessa linha de atuação, várias instituições fixas e itinerantes despontam com vivências e cursos de bioconstrução, permacultura e tecnologias afins como o TIBÁ (Tecnologia Intuitiva e Bio-arquitetura), IPEC (Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado) e IPOEMA (Instituto de Permacultura, Organização, Ecovilas e Meio Ambiente), além do grupo itinerante Lowconstructores Descalzos, todos espalhados pelo Brasil.

Essas vivências tendem a ter uma postura integrativa em sua formação estrutural de maneira que até as mais simples atividades como arrumar a cama e lavar a louça das refeições ficam a cargo de cada participante, estimulando a coletividade e a horizontalidade inclusive nos momentos de intervalo das práticas didáticas, florescendo no grupo o que o Mauro Guimarães (2016, p.54) chama de “sentimento de pertencimento na amorosidade”.

[...] Na cosmovisão de povos tradicionais, a não dicotomização das partes enaltece as relações. A vida como existente nas relações, a sacraliza. Torna o outro ser fundamental, sacralizado na relação, para a manutenção da minha vida. Portanto o sagrado está no cotidiano, na ação concreta (do ritual por exemplo), não há separação matéria espírito. Há uma sacralização no viver e o que torna o ato respeitoso nas relações. Aspecto este que vivenciado por nós, realiza-se como extremamente pedagógico em processos formativos de Educação Ambiental, formando-se um sujeito ético num *religare*¹³ como práxis. (GUIMARÃES, 2016, p. 58).

Dessa maneira podemos compreender como a vivência imersiva e ritualística praticada nos cursos na área de bioconstrução e permacultura parece constituir uma práxis coerente com a formação de educadores ambientais críticos, ainda mais quando inspirada nos saberes integradores das culturas tradicionais do Brasil e do mundo.

13. Palavra latina que significa atar ou ligar com firmeza. Também é considerada uma das etimologias possíveis da palavra latina “*religio*” que é a origem da palavra religião. Neste texto o conceito de *religare* busca extrapolar a dimensão física nesse ato de “re-ligar”. Uma conexão profunda e multidimensional.

Outro ponto de ruptura que a bioconstrução junto com a permacultura podem dinamizar é a possibilidade de se criar uma brecha no sistema hegemônico de forma que pequenas comunidades, inseridas no contexto urbano, possam desenvolver relações de trocas que não necessariamente envolvam dinheiro, considerando que estas pessoas podem construir suas próprias casas e escolas, podem tratar seu esgoto, captar águas das chuvas e produzir energia e, também, possam produzir seus próprios alimentos, ainda que parcialmente.

A adoção dessas práticas pode gerar certa autonomia de forma que seria possível diminuir as relações comerciais que envolvam dinheiro. Dentro dessa possibilidade poderíamos também presumir que talvez essas pessoas não precisariam trabalhar num emprego formal que segue uma lógica exploratória de mercado, optando por usar seu tempo para fortalecer a própria comunidade. Assim, esse grupo de pessoas lentamente alcança o reequilíbrio da relação de opressor e oprimido entre eles e seus governantes, fugindo da “generosidade” (Freire, 2016b, p.64) praticada pelo sistema opressor que barganha os interesses públicos em benefícios próprios, uma realidade escancarada na política brasileira, tornando a população necessitada atuante, e não mais uma frustrada expectadora na mudança de realidade almejada.

[...] Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos. Por isto é que o poder dos opressores, quando se pretende amenizar ante a debilidade dos oprimidos, não apenas quase sempre se expressa em falsa generosidade, como jamais a ultrapassa (FREIRE, 2016b, p.63).

Nesse contexto pode-se compreender a bioconstrução como uma estratégia educativa que pode atuar com versatilidade tanto nas demandas sociais ligadas ao deficit habitacional da população de baixa renda, nas demandas culturais de resgate de práticas ancestrais e suas cosmovisões, bem como o desenvolvimento de suas expressões artísticas, e também nas demandas políticas buscando soluções locais para as necessidades locais, descentralizando as políticas públicas e trazendo identidade e autonomia às comunidades e, assim, alcançando as

três esferas da cultura humana: a vida, a arte e o conhecimento.

A busca pela autonomia e o desenvolvimento pessoal também fazem parte do complexo conceito da Permacultura, como explica Holmgren (2013):

[...] Ela (Permacultura) reúne diversas ideias, habilidades e modos de vida que precisam ser redescobertos e desenvolvidos para nos dar o poder de passarmos de consumidores dependentes para cidadãos responsáveis e produtivos. Nesse sentido mais limitado, porém importante, a permacultura não é em si a paisagem, nem mesmo as habilidades de cultivo orgânico, a agricultura sustentável, as edificações energeticamente eficientes ou o desenvolvimento de ecovilas. Mas pode ser usada para planejar, estabelecer, manejar e aperfeiçoar esses e todos os demais esforços empreendidos por indivíduos, famílias e comunidades rumo a um futuro sustentável (HOLMGREN, 2013, p.33).

A permacultura enfatiza processos de baixo para cima, partindo do indivíduo, do local e dos pequenos coletivos o gatilho para as grandes mudanças nas esferas das sociedades, governos e culturas, descentralizando as estruturas sociais e econômicas e fortalecendo os pequenos grupos.

Sob todos esses aspectos aqui percorridos, a bioconstrução entra como uma prática pedagógica dinamizadora da educação ambiental, pois ela traz em sua essência o exercício da autonomia, das relações horizontais, da diversidade nas soluções, no planeta e no ser humano, da criatividade para lidar com as incertezas inerentes do processo educativo, entre outras características, como o caráter essencialmente sustentável de suas obras, trazendo uma reflexão também sobre o ambiente construído, o uso de materiais e o acesso à moradia.

Nas pesquisas de Minke (2015) sobre construção com terra é possível perceber a relação direta entre o déficit habitacional e a impossibilidade de se solucionar essa demanda utilizando materiais e técnicas industriais.

[...] Em quase todos os climas quentes, áridos ou temperados, a terra sempre prevaleceu como material de construção. Mesmo hoje, um terço da população habita em casas de terra. Nos países em desenvolvimento este número é mais do que a metade. Isto prova que, nestes países, é impossível cumprir as exigências, e construir casas com materiais industriais de construção, ou seja, tijolo, concreto e ferro, tampouco utilizar técnicas industriais de construção. Nenhuma região do

mundo está dotada com a capacidade de produção ou recursos financeiros necessários para satisfazer esta demanda. Nos países em desenvolvimento, as necessidades de moradia só podem ser atendidas com a utilização de materiais de construção locais e técnicas de autoconstrução. (MINKE, 2015, p.13)

2.3. A experiência com os Mëbêngôkre (Kayapós)

Em julho de 2015 estive na aldeia Kawatum (**fig. 3 e fig. 4**), do grupo étnico Mëbêngôkre, no sul do Pará, para participar do projeto TIBÁ-Kayapó, que tinha como proposta uma imersão na cultura Mëbêngôkre na Amazônia, troca de saberes e a construção coletiva de uma maloca¹⁴ com tecnologia mista. Essa imersão também foi, para mim, uma desconexão radical com o mundo capitalista industrial hegemônico, com o qual ficamos sem contato durante toda a experiência.

Figura 3 - Panorâmica da aldeia Kawatum



Fonte: **EDER, 2015**

Contávamos somente um rádio que funcionava em uma determinada hora do dia usado apenas para emergências. Não havia energia elétrica, apenas um pequeno gerador onde carregávamos nossos celulares e acendíamos uma lâmpada à noite por um curto período. Não havia banheiros nem água encanada, o vaso sanitário era a terra sob nossos pés e o chuveiro

14. Habitação indígena com espaço para uma família inteira com genros, noras e netos. Geralmente é feita de palha e possui uma única entrada e sem janelas.

era o rio. Sem geladeira, a nossa rotina de alimentação também era diferente, tudo que era cozinhado deveria ser consumido e tudo que era colhido deveria ser plantado novamente.

Figura 4 - Chegada a aldeia Kawatum (Rio Curuaés)



Fonte: **EDER, 2015**

Ser inserido num contexto com uma rotina tão diferente da qual estamos acostumados, já é, por si só, uma experiência forte e marcante. Porém, também estávamos imersos em outra cultura, com outra língua, com outro modo de vida e outras práticas, e isso tudo rodeado pela floresta amazônica (**fig. 5**) e completamente desconectados de nossas vidas cotidianas.

A aldeia tinha uma população de aproximadamente 50 pessoas com 7 famílias morando no total. Nos primeiros momentos de contato percebemos que existia certo distanciamento de nós para os moradores da aldeia e também deles para nós. Mas com o passar dos dias, as crianças locais foram preenchendo esses vazios e construindo espaços de socialização entre todos. A barreira da língua influenciou na distância, mas logo a comunicação por gestos, atitudes e sorrisos foi acontecendo. Alguns deles já tinham ido para a

cidade estudar, pois na aldeia eles tinham educação até o equivalente ao primeiro ciclo do nível fundamental, e por isso alguns dos Mëbêngôkre falavam português.

Figura 5 - Clareira da aldeia Kawatum imersa na floresta Amazônica



Fonte: **EDER, 2015**

No dia seguinte a nossa chegada passamos pelo ritual da pintura corporal que era organizado pelas mulheres da aldeia que faziam uma mistura de jenipapo verde cozido com carvão em pó (**fig.6**). Usando uma lasca fina da folha da palmeira Babaçu elas marcavam nossas peles com seus característicos grafismos geométricos. O jenipapo verde possui um fixador natural e a pintura durava até duas semanas na pele.

Meus preconceitos foram se rompendo um a um durante os 22 dias que passei dentro da aldeia. Assim que chegamos percebi que eles usavam roupas da cidade e chinelo, e acabei por pensar que o homem branco já tinha contaminado sua cultura, mas com a convivência foi ficando evidente o quanto a cultura Mëbêngôkre era muito mais resistente que qualquer visão romântica que costumamos imputar a essas pessoas. O adolescente com corte de cabelo da

cidade e tênis também era um exímio caçador, a menina que usava vestido também era conhecedora de todas as trilhas da aldeia, e o adulto que se graduou na cidade e disse que não quis ficar lá porque teria que pagar por comida e moradia e isso não fazia muito sentido para ele. Essa observação revelou para mim que tratava-se de um modo de vida orientado em outros sentidos, que divergiam fortemente dos sentidos modelados pela hegemonia que carregou em mim e que estavam extremamente mobilizados com aquela experiência.

Figura 6 - Ritual da pintura | Grafismo nas paredes da maloca que construímos



Fonte: **EDER, 2015**

Os Mëbêngôkre possuíam características de mobilidade territorial com abertura de clareiras na mata, construção de malocas de palha, e vivendo de forma cíclica nas regiões que se instalavam. Depois que a terra e a caça ficassem menos produtivas e escassas, cerca de 6 anos em média, o grupo se deslocava para outro espaço e este lugar deixado para trás se regeneraria naturalmente. Atualmente, com os territórios indígenas cada vez menores e cada vez mais ameaçados, muitos dos que tinham essas práticas acabaram se fixando na terra e hoje temos aldeias Mëbêngôkre de 50 anos de idade, por exemplo. Essa transformação no

modo de vida é, ao mesmo tempo, o retrato de uma sociedade resistente e sobrevivente da colonização ainda em curso, e também de uma política de extermínio desses povos com mais de cinco séculos de idade. Guerra alerta sobre essa questão também em relação ao povo Krahô, que:

[...] enfrentou sérios problemas de insuficiência de área física para desenvolver suas atividades tradicionais de caça e coleta e, posteriormente, uma completa desestruturação de seu sistema produtivo baseado, em grande parte, na agricultura tradicional dos povos do cerrado. Estes problemas de subsistência do grupo foram gerados pelo contato com a sociedade envolvente, pela demarcação de uma Terra Indígena e conseqüente limitação territorial imposta a um grupo nômade e, mais adiante, pela equivocada atitude de órgãos governamentais em incentivar atividades agrícolas mecanizadas à monocultura do arroz (2008, p.55).

Assim, as casas de palha tradicionais Mëbêngôkre passaram a demandar manutenções mais frequentes, pois a palha tem uma durabilidade sob sol e chuva de aproximadamente 6 anos, sendo que sua deterioração também era um dos indicativos de quando a aldeia deveria deixar a clareira e encontrar um novo lugar. Em um ambiente hostil, uma cultura de resistência como a deles encontrou nas lonas plásticas vendidas nas cidades, que estão cada vez mais próximas, uma forma de fazer um fechamento mais duradouro trocando o pano¹⁵ de palha para o pano de plástico. Porém, essa solução compromete muito o conforto térmico e a ventilação das malocas que, por sua vez, são características muito presentes na vedação com palha.

15. Expressão usada na arquitetura como referência ao material de vedação das fachadas das edificações.

Figura 7 - Obra da maloca



Fonte: **EDER, 2015**

Uma das diretrizes para a construção da maloca durante a vivência seria trazer uma outra técnica de fechamento de paredes que não mais se deteriorasse com o tempo, mas que também deveria ser um material que eles pudessem encontrar em qualquer lugar da região, como a palha, e assim escolhemos construir com barro cru. Devido ao isolamento da aldeia, considerando que demoramos cerca de 4 horas de transporte terrestre e mais quase 12 horas subindo o Rio Curuaés com um pequeno barco a motor, com relação à cidade mais próxima pensamos em propor uma técnica simples, com materiais locais e que necessitasse de poucas ferramentas.

Assim, escolhemos o pau-a-pique, ou taipa de mão como também é conhecida (**fig.7**), inclusive muitos membros da aldeia já conheciam a técnica de outros contatos durante as suas trajetórias. Toda a estrutura foi feita de toras de madeira colhida pela comunidade e amarradas com uma corda retirada da casca de uma árvore chamada de “Imbira”. A cobertura foi

preenchida com folhas de *Geonoma baculifera* (chamada de Oporeô) e de folha de Babaçu intercaladas.

Durante as primeiras semanas a construção foi legitimamente uma troca de saberes; todos chegavam e se reuniam na obra, contribuindo, aprendendo ou rindo, era um espaço de trabalho e confraternização ao mesmo tempo (**fig.8**). Mostrávamos uma amarração específica para o pau-a-pique, enquanto alguns moradores mostravam um outro estilo de taipa e uma técnica impressionante de trama de folhas para fechar a cobertura da maloca. Com a cobertura e paredes prontas colocamos o piso de terra batida e, por fim, ainda fizemos tintas de barro para as paredes e uma na cor preta onde puderam marcar as vedações com seus grafismos.

Depois de pronta a maloca foi visitada por todos e a satisfação coletiva foi perceptível. (**fig.9**) O ambiente interno era fresco e agradável devido ao barro ser um isolante térmico natural, assim como, a densa cobertura de palha (**fig.10**). Na última noite do nosso grupo na aldeia tivemos uma festa com várias comidas e fogueira. Uma celebração simples, porém cheia de alegria e contentamento. Estar completamente imersa em um contexto tão diferente foi uma experiência repleta de significados e um divisor de águas na minha vida. Fui intensamente transformada. Entrei na aldeia com a expectativa de ajudar a essas pessoas e saí sentindo que eu que fui muito mais ajudada a compreender o mundo, as relações e outros modos de vida possíveis. Me marcou muito pensar sobre o quão pouco precisamos para viver bem e satisfeitos, e realmente senti que vivia uma ilusão sobre muitas coisas até aquele momento.

Figura 8 - Fechamento das paredes com pau-a-pique: atividade que desperta a comunhão



Fonte: **EDER, 2015**

Estar inserida em uma cultura que é, ostensivamente, objeto de extermínio há séculos me traz profundas reflexões não apenas sobre a luta e resistência desses povos que é, ao mesmo tempo, inspiradora e revoltante, mas também me trouxe intensas ponderações sobre novos paradigmas com críticas e ensinamentos carregados de indignação ética. Sobre isso Guerra (2008) coloca que:

Os *Krahô* possuem um vasto conhecimento de seu território, da fauna, da flora e dos seus ciclos. Este conhecimento vem sendo ameaçado há décadas devido a mudança de hábitos a que o grupo foi submetido, por interesses externos, em relação à sua Terra Indígena e à sua propriedade intelectual. A combinação destes fatores tem sido destrutiva para a cultura e para o povo *Krahô*. (GUERRA, 2008, p. 14, grifos do autor).

Figura 9 - Maloca de pau-a-pique pronta



Fonte: **EDER, 2015**

Assim, a investigação que mobiliza este trabalho busca beber dessas epistemologias contra-hegemônicas para se fortalecer e se embasar como luta. Certamente essas culturas que

sobrevivem e resistem desde a invasão colonizadora europeia até hoje, têm a potência de inspirar propostas que caminham no sentido da pluralidade.

Figura 10 - Vista interna da maloca de pau-a-pique



Fonte: **EDER, 2015**

Em um contexto de ameaça das mudanças climáticas causadas pelo ser humano capitalista industrial colonial, a transformação política, social e econômica, para além de desejável, é uma necessidade para a sobrevivência. Nesse sentido, estes grupos humanos que foram e continuam sendo objetos de extermínio, carregam uma existência histórica repleta de flexibilidade para continuarem sobrevivendo até hoje. São povos que tiveram que se construir, desconstruir e reconstruir em constante luta para resistirem ao genocídio em curso. Assim, o que trato como tradicional neste trabalho tem um sentido de flexibilidade, pluralidade, vanguarda e contemporaneidade, e o que trato como moderno tem o sentido do engessamento do caminho único da hegemonia.

3. A ATIVIDADE PEDAGÓGICA COMO OBJETO DE ESTUDO

Esta pesquisa está delimitada pela área temática da educação ambiental dentro de um viés crítico, onde a proposta é consolidar metodologias para a formação de educadores ambientais, considerando a radicalidade da emergência de uma crise socioambiental global. Eu e os demais integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental, Diversidade e Sustentabilidade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro GEPEADS/IM – UFRRJ, coordenados pelo Professor Mauro Guimarães, pesquisamos sobre a formação de educadores ambientais sob a perspectiva de uma crise civilizatória e investigamos práxis com forte intencionalidade transformadora e provocadoras de uma reflexão crítica, que busquem, a partir de uma postura conectiva, desestabilizar criativamente padrões mentais e comportamentais mobilizando uma indignação ética coletiva.

Por meio da proposta teórico-metodológica da “ComVivência Pedagógica”, que também está sendo desenvolvida pelo grupo, procuramos construir ambientes educativos imersivos que catalisem transformações pessoais e coletivas alimentadas por outros referenciais e modos de vida, inspirados, principalmente, por povos tradicionais e suas cosmovisões.

O objeto de estudo deste trabalho é as relações que se estabelecem em concepções e práticas contra hegemônicas, como a bioconstrução, no sentido de trazer reflexões e novas formas de se estar e se conectar com o planeta e todos seus habitantes, formas essas que tendem a se contrapor com as relações hierarquizadas de poder que se estabeleceram na modernidade.

Assim sendo, a delimitação do objeto partiu dos seguintes questionamentos: será que a bioconstrução dentro de um ambiente educativo pautado pelas diretrizes da “ComVivência

Pedagógica” poderia construir relações mais horizontais e justas? O uso de materiais e técnicas ancestrais de construção podem resgatar relações mais conectivas e viscerais com o ambiente natural, seus ciclos e habitantes? O consumo da bebida ayahuasca, dentro da vivência proposta, pode potencializar a desconstrução de padrões relacionais assimétricos e contribuir para a construção de padrões mais horizontais? Como reatar relações e conexões sob outras óticas?

Com base no exposto no capítulo 2, a bioconstrução como uma prática pedagógica poderia contribuir na qualidade de práxis formadora de educadores ambientais críticos, pois tem sua origem em uma concepção de mundo sacralizada e culturalmente rica. Essas qualidades podem reencaminhar o ser humano na busca pelo conhecimento por meio da observação sensível da natureza, contrapondo com o modo de vida imposto e padronizado pelas sociedades capitalistas industriais do ocidente que disjuntou o ser humano do contato integrativo com o meio natural e seus processos, pois parte de uma visão fragmentada e antropocêntrica da realidade.

3.1 Objetivos gerais e específicos

O objetivo principal é avaliar a potencialidade da bioconstrução no ambiente educativo para a formação de educadores ambientais críticos que consiga trazer reflexões dentro do âmbito da crise de relações, configurando uma prática pedagógica imersiva seguindo a proposta da “ComVivência Pedagógica” e aplicada em uma comunidade alternativa. E, além disso, tratando a bioconstrução como um potencial dinamizador de relações em uma práxis pedagógica como forma de realizar uma atividade que comporte a pesquisa, sendo então terreno fértil para aplicação dos cinco princípios formadores da “ComVivência Pedagógica”.

[...] Identificamos nas experiências de ‘ComVivência Pedagógica’ em contextos interculturais, uma possibilidade formativa capaz de oferecer ao sujeito alternativas para um reencontro com o natural, da mesma forma que oportuniza a construção de conhecimentos empíricos, através das observações e interações no espaço proposto (GUIMARÃES & GRANIER, 2017).

As metas definidas para cumprir o objetivo foram: definir um local para fazer a imersão; organizar a viabilidade financeira da imersão considerando compra de materiais, equipamentos, custos de consumo e de alimentos; selecionar os participantes e preparar um ambiente virtual para trocas pré e pós-vivência; escolher a técnica de bioconstrução ideal para a atividade, considerando o tempo da imersão, a falta de conhecimento técnico dos participantes (necessidade de pontuar a conclusão da atividade); e programar toda a vivência com horários, atividades e objetivos específicos.

Assim sendo, identifiquei três objetivos específicos: 1-viabilizar a atividade de forma que pudesse ter um custo baixo, já que os recursos são próprios. Isso também inclui escolher uma técnica construtiva rápida, prática e eficiente, além de definir também o que iria ser construído e onde; 2- criar um sistema de avaliação da atividade que se encaixasse no ritmo da imersão; 3- possibilitar a formação de educadores ambientais críticos fora de uma instituição formal, considerando que a maioria deles não se vê como um educador, e a construção da autoimagem de educador.

3.2 O Brahmatma Diva

[...] Um local para, através de exercícios e atividades em diferentes áreas, podermos enxergar a vida, a natureza e nós mesmos, por um ponto de vista elevado, sem a interferência de emoções inferiores, como apego a certezas, separatismo ou egocentrismo. (...) Acreditamos que todas as crises mundiais, financeira, política e social, estão ligadas a uma crise de consciência. (BRAHMATMA DIVA, 2018)

O Centro de Expansão da Consciência Brahmatma Diva se localiza em um sítio em Itatiaia, no estado do Rio de Janeiro, dentro de uma região de Mata Atlântica, próximo ao Parque Nacional de Itatiaia. O sítio é da família dos dirigentes há mais de 50 anos, mas foi apenas em 2014 começaram a realizar trabalhos de expansão da consciência (**fig. 11**). Em 2018 o espaço se abriu para receber moradores voluntários para auxiliarem no cuidado com o sítio e nos afazeres do Centro. No início de 2019 propus a um dos dirigentes uma atividade de educação ambiental a partir de uma prática pedagógica com bioconstrução, aliando a demanda de aumento de trabalho do espaço com a necessidade de trabalhar as relações que se estabelecem em uma vida em grupo e todas as questões que se derivam disto.

Figura 11 - Início do ritual com ayahuasca



Fonte: **EDER, 2015**

O C.E.C. Brahmatma Diva trabalha, através de rituais com misturas de ervas consideradas como medicinas ancestrais como a ayahuasca, o rapé e a sananga (todas feitas com ervas nativas da região da Amazônia), na busca por consciência, qualidade de vida e a sanidade física, mental, emocional e espiritual. A ayahuasca tem uso milenar na região mais ao oeste da Amazônia e até hoje é consagrada em várias etnias como os Yawanawá e os Huni Kuin, ambos do Acre.

O uso da ayahuasca, também conhecida pela ritualística do Santo Daime¹⁶, tem crescido bastante nos últimos 10 anos. Seu consumo expande a consciência e reforça as conexões com nossa própria essência, com nossos semelhantes e com toda a vida que nos cerca, o que propicia aos seus praticantes a constituição da percepção de um outro modo de vida mais coletivo e voltado para valores mais espiritualizados.

Vale ressaltar que o consumo do chá é liberado pelo CONAD (Conselho Nacional de Política sobre Drogas) para uso religioso ou ritualístico em locais próprios para este fim. A ayahuasca é feita através do cozimento do cipó *Banisteriopsis caapi*, também conhecido como Jagube e pela folha *Psychotria viridis*, também conhecida como Chacrona. Ambos são nativos da floresta amazônica.

Com esse histórico de trabalho, a recém-criação da comunidade do Brahmatma Diva conta com membros voluntários que decidiram abrir mão de suas vidas na cidade para desfrutar de uma nova relação comunitária. Percebi então a potencialidade do espaço para a atividade de educação ambiental dentro das diretrizes da “ComVivência Pedagógica”.

Em outubro de 2014 eu participei da primeira ritualística que marcou a fundação do centro, o qual eu passei a frequentar até 2019. No sítio há, ao menos, uma atividade por mês na qual, pela localidade isolada, os frequentadores costumam pernoitar no espaço que conta com uma casa grande, um lago e muita área para acampamento (**fig. 12**). As acomodações da

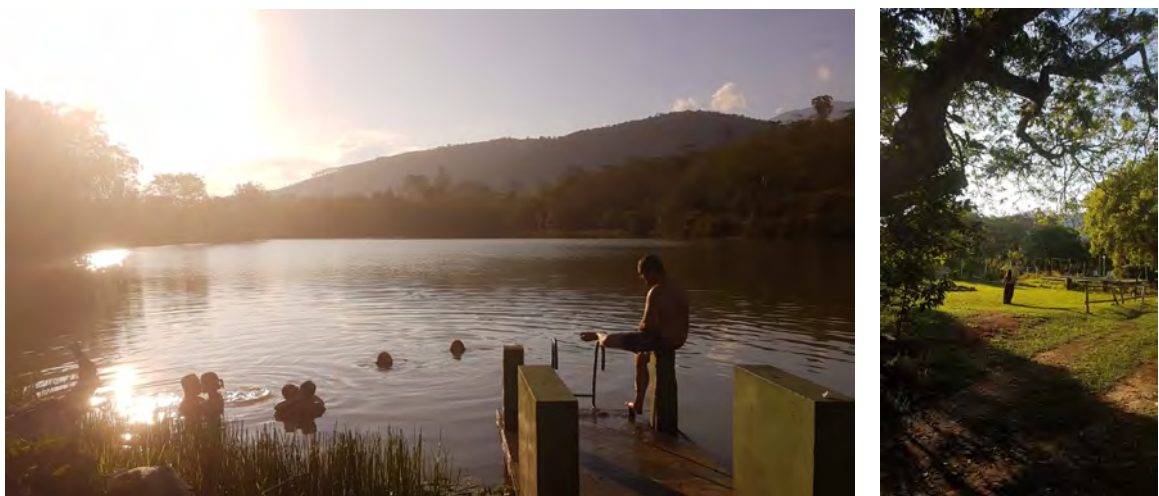
16. Religião brasileira criada por Raimundo Irineu Serra no Acre na década de 60. É conhecida por fazer trabalhos espirituais ritualísticos com o uso do Daime (ayahuasca).

casa são bem simples e todas as atividades e tarefas são realizadas pelos frequentadores, desde a limpeza e organização da alimentação até a preparação do ritual e preparo das medicinas usadas. Dessa forma o Brahmatma Diva consegue ter um valor de contribuição baixo por trabalho, o que dá um sentido de inclusão, que também é a proposta da casa e seus coordenadores: disseminar a expansão de consciência sem elitizar e sem estar preso a dogmas religiosos, já que a casa se considera ecumênica.

A busca por expansão da consciência e novas compreensões da realidade costumam acompanhar os consumidores da bebida, que procuram por transformações em suas vidas, curas físicas, espirituais e relacionais, que muitas vezes se desdobram de quebras de padrões mentais e comportamentais que geralmente são derivados do estilo de vida insalubre da modernidade em plena crise civilizatória.

De acordo com minhas observações, muitos não enxergam mais sentido na conservação da hegemonia e em gastar o tempo da vida trabalhando para ganhar dinheiro num sistema que não dá espaço para se viver com dignidade e plenitude o presente. O tempo urge e nossas necessidades ficam em um espaço-tempo imaginário chamado futuro.

Figura 12 - Banho no lago | Um dia de sol no sítio



Fonte: BRUGMANN, 2019

Em 2018 começou a se conformar a comunidade alternativa no sítio, que reuniram pessoas que buscavam por outras experiências sociais que não estivessem vinculadas ao dinheiro. Moravam na casa sem custo em troca de trabalhos voluntários relativos ao espaço. A partir de fevereiro de 2019 comecei a fazer algumas atividades-teste de bioconstrução com os moradores da época, que eram 5 pessoas no total.

Pude perceber, através de conversas e observação, que o desafio estava em gerenciar as relações na casa, em que eventualmente aconteciam atritos. Segundo minha percepção, essas desarmonias não eram tratadas com a atenção e reflexão necessárias, o que ocasionava recorrência de situações de conflito muito parecidas, consumindo energia e causando desânimo nos moradores.

Com essa problematização em mente, compreendi que a aplicação de uma atividade que trabalhasse as relações em um sentido de harmonizá-las poderia ser proveitoso para todos que se dispusessem a participar. E foi a partir desse momento que comecei a direcionar a vivência para trabalhar no foco das relações.

Outro desafio foi encaixar o grupo dentro do contexto da proposta da “ComVivência Pedagógica” que trabalha na perspectiva de formação de educadores ambientais, e não na formação em educação ambiental, considerando parte do grupo não se consideram como educadores. Afinal, o que é se reconhecer como educador? E como alcançar essa perspectiva?

Segundo Freire (2016a), se a educação, fora de um viés bancário, é uma troca entre partes que assumem suas identidades (planetárias), o educador é aquele que aproxima e facilita o conhecimento, já sensibilizado pela realidade de cada educando. O educador, como um ser inacabado (Freire), é aberto a aprender também com o educando, pois dentro de uma compreensão dialógica da realidade, as relações de poder perdem o sentido. Todos podem ser donos de seus caminhos e empoderados de uma perspectiva de mundo única, onde a diversidade é mais valorizada que a busca por um “caminho único”.

Conforme apresentado aqui, formar educadores ambientais dentro do viés crítico em tempos de emergência climática requer uma radicalidade, requer uma desconexão de padrões impostos em vários âmbitos da experiência humana, para um *religare* ambiental. Um resgate de conexões que foram esquecidas com a evolução do que chamamos de civilização ocidental.

[...] A gravidade e urgência da crise socioambiental da atualidade, amplamente reconhecida no mundo acadêmico, preconiza uma EA que seja capaz de contribuir no processo de transformação desta realidade. Tal crise, acreditamos ser reflexo da crise do modelo civilizatório da sociedade moderna e, portanto, de seus paradigmas, denominados por Morin (2007) de Paradigma da Disjunção e de Redução. Uma de suas graves consequências é a desconexão entre seres humanos, sociedade e natureza, que provoca a degradação de todos. (GUIMARÃES & GRANIER, 2017. p.1578)

Dada a gravidade e emergência da crise descrita por Guimarães e Granier que “provoca a degradação de todos”, não busquei trabalhar exclusivamente com educadores formais, mas sim com pessoas que buscam essa reconexão em suas profissões e modos de vida em geral. Penso que, em sendo uma experiência significativa e transformadora dentro de uma intencionalidade clara e seguindo uma proposta teórico-metodológica definida, também podem ser formados educadores ambientais informais e atuantes. Considero que abrir essa possibilidade de aplicação das diretrizes da “ComVivência Pedagógica” para grupos além da academia enriquece a mesma e soma ao seu arcabouço de conteúdos uma perspectiva de inclusão e potencialidade de alcance muito maior frente aos desafios socioambientais que estamos enfrentando.

O comportamento negligente perante a manutenção da vida no planeta precisa ser superado em todos os estratos sociais e níveis de instrução. Penso que se a metodologia é acessível a todas as camadas de forma assertiva sua potencialidade poderia aumentar exponencialmente.

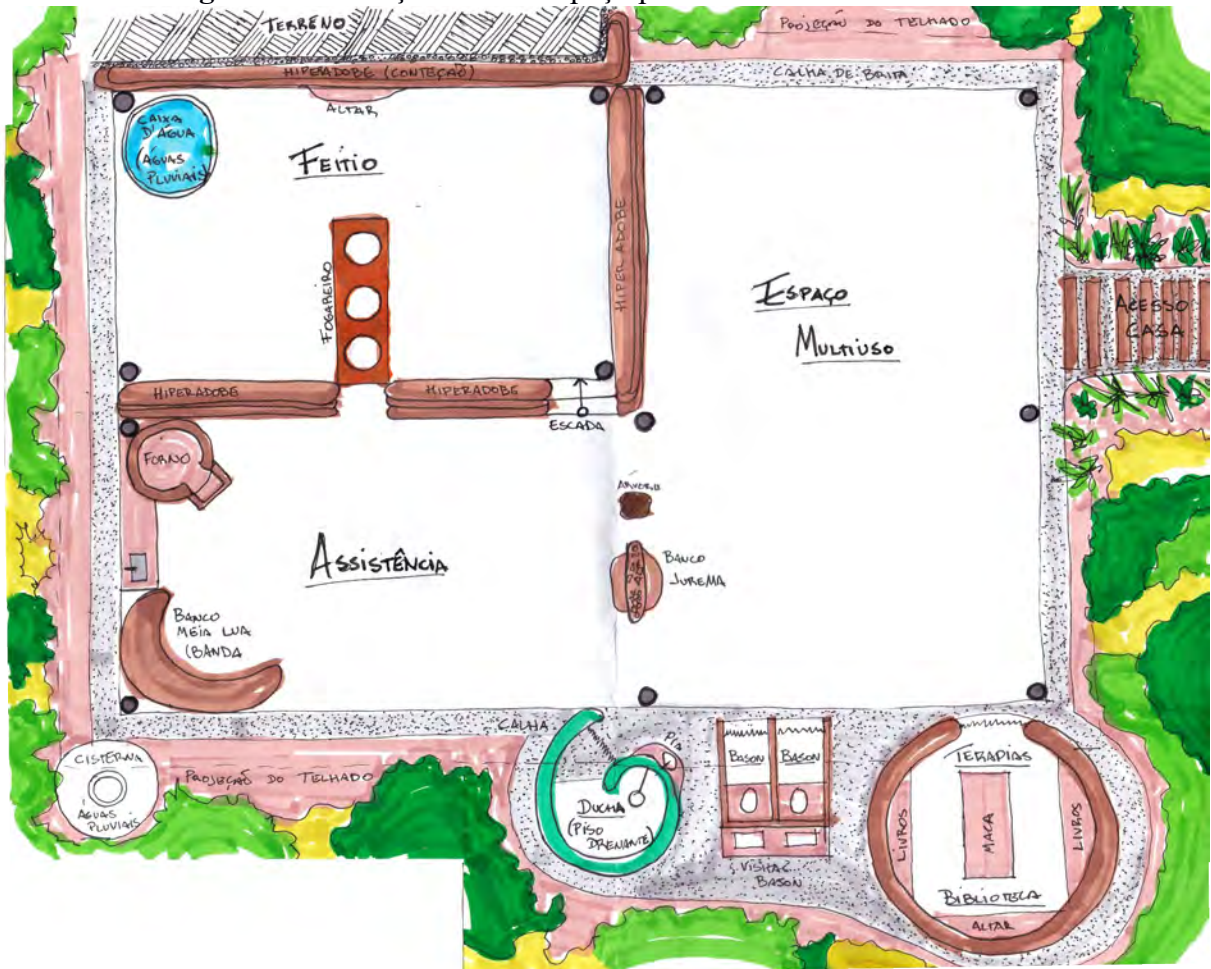
[...] O que acreditamos é que o educador no processo formativo, passando por experiências vivenciais profundas de ruptura com o modo de vida da modernidade possa, como sujeito no trem (LÖWY, 2017), transformado e

transformador, assumir em sua práxis o compromisso com outros modos de vidas possíveis. Que seja um interventor no cotidiano, na construção de novas relações diversas dos padrões da modernidade, para que como educador, cidadão, ator social, exerça o papel de dinamizador de movimentos emergentes contra hegemônicos. (GUIMARÃES, 2018. p. 65)

O local de trabalho de todas as atividades realizadas foi um espaço ao lado da casa principal, onde já existia uma proposta de criação de um espaço para o feitiço da ayahuasca, que tem suas necessidades específicas. Evoluindo mais o projeto chegamos a uma proposta mais elaborada (**fig. 13**) que organizou os focos de trabalho. Além do espaço do feitiço, o projeto também considerava uma cozinha externa, áreas de estar, banheiros secos e um espaço para terapias. Tudo foi baseado em demandas do grupo e dos organizadores do local, onde atuei como facilitadora em algumas partes pontuais. Assim sendo, observei que a demanda por esses espaços definia um potencial território educativo para a aplicação da metodologia proposta.

Considero que os frequentadores do espaço são pessoas já sensibilizadas ao contato integrativo e revigorante com a natureza, mesmo não sendo ou se considerando educadores formais. São pessoas que buscam relações mais harmoniosas e reflexivas que identifiquei como propensas à reflexão, conexão, indignação, desestabilização e transformação, no empenho por encontrar sentidos outros em sua relação consigo mesmo e com o mundo de ambientes e seres que os cercam.

Figura 13 - Esboço do novo espaço para o feitiço e outras atividades



Fonte: **EDER, 2019**

3.3. A pesquisa participante sensibilizadora¹⁷

A pesquisa sempre terá uma relação direta com o pesquisador. Seu olhar, sua inserção

17. A adjetivação “sensibilizadora” é apenas para dar destaque a essa perspectiva do trabalho de Brandão (2017), a metodologia aqui proposta foi totalmente fundamentada pela Pesquisa Participante dele.

social e sua experiência de vida formatam sua visão particular do mundo, que o conduzem a uma experimentação única da realidade. Conhecer o local de fala do pesquisador é imprescindível para se compreender o que está sensibilizado nele, o que o move e a intencionalidade de seus atos. Brandão (2017) explica que existem:

[...] diferentes modalidades de buscas coletivas e comprometidas com causas populares e sociais de construção de “um outro mundo possível” que, convergentes em seus princípios e vocações, apresentam-se como diferentes modalidades de realização de processos de procura, criação e partilha de saberes em que um propósito de *participação* se realize (BRANDÃO, 2017. p.38, grifos do autor)

Dessa forma, a pesquisa assume um “propósito de participação” que pode ser desenvolvido com maior ou menor profundidade. Brandão (2017, p.38) esclarece que esse propósito pode permear todo o processo da pesquisa, o “emprego de seus resultados”, que “ela envolva uma substantiva participação de atores-autores dos contextos sociais-populares investigados”, e que “a própria investigação participe, pedagógica e politicamente de momentos de vida, resistência e lutas contra-hegemônicas e emancipadoras das mulheres e dos homens investigados”.

[...] uma pesquisa é substantivamente participante porque ela, a própria investigação, em todos os seus segmentos e para todos os seus efeitos participa como um momento de um processo de ações emancipadoras originadas de algum segmento social efetivamente popular. (BRANDÃO, 2017. p.17)

O presente trabalho busca, então, esse “propósito de participação”, da forma mais profunda possível, a fim de desenvolver a pesquisa de forma dialógica, sem estabelecer relações hierarquizadas e alimentar posturas imperativas. Brandão (2013. p.5) coloca que “sujeitos pesquisados” também são pesquisadores, são “essencialmente co-autores e co-atores de todo seu acontecer”. Granier (2017) aponta a importância desse gênero de pesquisa na formação em EA e “pede investigações para além dos muros institucionais” e que sejam “direcionadas para ideais transformadores da ordem que vem gerando, e normalizando, a degradação socioambiental generalizada.” (GRANIER, 2017. p.117)

Dessa forma, não se separa a investigação acadêmica dos processos formativos de quem pesquisa e de quem é pesquisado. Quem pesquisa forma e se forma com quem é pesquisado. Assim, a investigação também possui uma dimensão de autoconhecimento para todos os envolvidos, pois se realiza na relação e na identificação com o outro (sentido de alteridade) que também é uma identificação consigo mesmo.

[...] Cada vez que entramos num *acordo* para fazer algo juntos, de modo a não precisarmos nos controlar mutuamente, porque com aceitação e respeito pelo outro agimos com sinceridade, estamos numa conspiração ontológica. Quer dizer, estamos na construção de um mundo comum a partir do desejo da convivência. (...) A conspiração ontológica nos confere liberdade porque se funda na confiança e no respeito mútuos. (MATURANA, 2002. p.78, grifos do autor)

Quando Maturana (2002. p.81) coloca que a “convivência democrática surge da aceitação mútua e não a gera, pois é somente a partir da aceitação mútua que uma conspiração ontológica definidora de um modo de convivência que não leve ao abuso pode ocorrer”, ele enaltece valores de comunhão, diversidade e liberdade que ressaltam sua essência ideológica.

É necessário, então, fazer da pesquisa participante um ambiente educativo que seja capaz de abraçar a maior diversidade de realidades possível. O desenvolvimento da empatia por meio da (re)sensibilização e do (re)encontro do ser humano com sua própria natureza.

Adjetivei a pesquisa participante de Brandão (2017) como sensibilizadora porque sensibilizar-se é estar aberto a viver a experiência e a se transformar com ela, é se permitir a desestabilização, é refletir com criticidade, é se expressar de forma conectiva, e também é se indignar com as injustiças. Quando nos sensibilizamos nos tornamos mais presentes e empáticos porque colocamos nossa atenção naquilo. Considero esse repertório essencialmente relevante para a pesquisa.

4. A “COMVIVÊNCIA PEDAGÓGICA”

A ‘ComVivência Pedagógica’ é uma proposta teórica metodológica, (...) pela qual o ambiente educativo se constrói em uma práxis pedagógica de educadores ambientais em formação, na convivência com outros grupos humanos silenciados na modernidade.

Propõe-se, pela radicalidade de experiências vivenciais de outros referenciais epistemológicos, o exercício da dialogicidade de novas relações conectivas com o outro, com o mundo. (GUIMARÃES & GRANIER, 2017. p.1576 e 1577)

A proposta metodológica da “ComVivência Pedagógica” é estudada por grande parte do GEPEADS do Instituto Multidisciplinar da UFRRJ, no campus de Nova Iguaçu. Acreditamos que seu caráter imersivo pode levar a busca por novos referenciais relacionais dentro do sistema hegemônico ao qual estamos submetidos. É nesse aspecto imersivo que mora o que chamamos de radicalidade do processo educativo, trazendo, entre muitas coisas, um choque de realidade quando nos deparamos com tantas outras possibilidades de viver, se relacionar e existir no mundo. Buscando, num primeiro momento, a ruptura com o que Guimarães (2004) denomina de “agir no automático” e com a “armadilha paradigmática” que limitam a compreensão de mundo por estarem estruturadas no paradigma disjuntivo (MORIN, 2005) de uma visão fragmentada e reducionista da realidade que impossibilita a mudança de atitude.

Para referenciar a proposta recorreremos às culturas tradicionais de povos originários que carregam em si o saber de diferentes trajetórias de experiência humana paralelas a nossa, seus referenciais veem de outras fontes e outras épocas, contrapondo a hegemonia capitalista que nos apresenta apenas um “caminho único” para seguir: o da sua constante manutenção, custe o que custar. Essas culturas, que funcionam por meio de outras epistemologias e outras cosmovisões, costumam a ter uma relação visceral com o ambiente natural que os cercam e, onde parecem aprender a se relacionar de maneira mais equilibrada, respeitosa e inteligente. Essa composição de um ambiente natural educativo parece levar a uma compreensão plena

dos inúmeros ciclos que regem a vida no planeta, como do sol, da lua, da agricultura e caça para cada época do ano, bem como o ciclo de vida e de morte.

Guimarães e Granier (2017) colocam que o estímulo ao diálogo entre compreensões de mundo baseadas em outras epistemologias, onde “o sentido de integração do ser humano, coletividade e natureza estejam presentes, como forma de oportunizar ao educador ambiental em formação a vivência de práticas individuais e coletivas baseadas em outros padrões relacionais” provoca o olhar a uma diversidade transformadora, que joga a atenção a sua existência, talvez não antes percebida.

Dentro desse contexto emerge um importante conceito: a criação do ambiente educativo. Essa construção busca gerar um espaço educador receptivo à diversidade de realidades das pessoas do grupo e que provoque inquietação. Assim, o educador ambiental assume o papel de catalisador do processo de transformação coletiva, inclusive a sua própria, concebendo dessa forma um educador transformado, transformador e em constante transformação.

A “ComVivência Pedagógica” promove, então, uma abordagem educativa contra-hegemônica, pois não prioriza conteúdos específicos nem testa conhecimentos, “a práxis e a amorosidade são elementos essenciais em sua abordagem” (GUIMARÃES & GRANIER, 2017. p.1593). A busca é pela sensibilização individual e em grupo de forma que se criem novas relações e novas formas de compreensão dessas relações, celebrando a essência plural de todos os seres, humanos e não humanos.

No âmbito desse trabalho, o ato de se construir um espaço (abrigo) dentro de toda essa práxis aqui descrita pode, de maneira literal e também figurada, construir bases sólidas para a formação de educadores ambientais. Levantei alguns eixos principais de questionamentos para direcionar essa pesquisa: 1-como a construção de espaços em grupo com materiais locais e técnicas de baixa tecnologia pode ter um potencial dinamizador de relações na formação de

educadores ambientais críticos devido ao seu caráter de aprendizado essencialmente horizontal e com contato direto com as dinâmicas do ecossistema local? 2- Como o processo construtivo utilizando apenas materiais disponíveis na natureza e mobilizando toda a comunidade para tal fortalece a coletividade sendo uma ferramenta agregadora não somente da parte para o todo, mas do todo para o todo e da parte para a parte? 3- Como os princípios formativos da “ComVivência Pedagógica” podem ser aplicados no desenvolvimento desta atividade proposta?

Identificamos nas experiências de “ComVivência Pedagógica” em contextos interculturais, uma possibilidade formativa capaz de oferecer ao sujeito alternativas para um reencontro com o natural, da mesma forma que oportuniza a construção de conhecimentos empíricos, através das observações e interações no espaço proposto. (GUIMARÃES & GRANIER, 2017. p.1577)

A escolha pela imersão traz em si uma ruptura com a necessidade instituída da prática educativa numa edificação própria para tal fim. Assim como nas comunidades indígenas em que a educação acontece em qualquer ambiente e a todo o momento, a construção do espaço para a atividade traz a possibilidade de uma vida em grupo educativa em qualquer ambiente, inclusive na ausência de um espaço definido, como em uma obra.

O estudo aqui proposto tem como objetivo o uso da bioconstrução como uma potência para contrapor práticas e discursos hegemônicos, usando imersões e atividades em grupo para compartilhar conhecimento de forma horizontal e participativa, no qual cada partícipe pode se expressar, dentro da intencionalidade do aprendizado proposto, sua forma de entender e construir o espaço.

A bioconstrução também resgata formas ancestrais de se construir, trazendo consigo a cultura de outras épocas, antes da massificação do modo de vida das sociedades ocidentais. Essa conexão carrega em si os saberes e cosmovisões de povos indígenas, andinos, aborígenes, inuítes, entre outros, estimulando um olhar histórico-crítico-cultural nos participantes, trazendo diversidade de compreensões, de soluções e caminhos, e como tudo

isso poderia nos aproximar de uma sociedade mais igualitária, ambientalmente consciente, economicamente justa e culturalmente diversa.

4.1. A experiência significativa e o tempo da modernidade

A construção de sentidos da “ComVivência Pedagógica” requer a abertura para o desconhecido para o que não se pode antecipar, que é o essencial para a transformação. Assim, os sujeitos devem estar receptivos à experiência, e que essa precisa ter um sentido, único e especial para cada indivíduo.

[...] A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. (...) Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (LAROSSA. 2002, p.21)

Para compreender as nuances aqui apresentadas sobre a experiência sem reducionismos, Larossa (2002) destaca a dicotomia implicada na educação que, por um lado, a compreende como um campo de aplicação de técnicas pré desenvolvidas, e por outro, como um espaço de reflexão crítica, considerando que “nas últimas décadas o campo pedagógico tem estado separado entre os chamados técnicos e os chamados críticos, entre os partidários da educação como ciência aplicada e os partidários da educação como práxis política” (2002. p. 20). E completa considerando uma terceira possibilidade: “pensar a educação a partir do par *experiência/sentido*” (2002. p. 20, grifo do autor).

O ser humano moderno se relaciona com uma infinidade de informação constantemente e anseia por se manter informado e sabedor do que acontece a sua volta. Larossa coloca aqui que é importante separar o sentido de “experiência” e “informação”:

[...] a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituirmos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça. A primeira coisa que gostaria de dizer sobre a *experiência* é que é necessário separá-la da informação. E o que gostaria de dizer sobre o *saber de experiência* é que é necessário separá-lo de saber coisas (LAROSSA, 2002. p. 21 e 22, grifos do autor)

Dessa forma, “uma sociedade constituída sob o signo da informação é uma sociedade na qual a experiência é impossível” (LAROSSA, 2002. p. 22). Além de se manter constantemente informado sobre o que acontece, o ser humano também desenvolve uma opinião sobre o acontecimento e sobre qualquer assunto que se sinta suficientemente informado para opinar. Larossa coloca que “a experiência é cada vez mais rara por excesso de opinião” (2002. p.22) e que para ele “a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça” (2002. p.22).

[...] E quando a informação e a opinião se sacralizam, quando ocupam todo o espaço do acontecer, então o sujeito individual não é outra coisa que o suporte informado da opinião individual, e o sujeito coletivo, esse que teria de fazer a história segundo os velhos marxistas, não é outra coisa que o suporte informado da opinião pública. Quer dizer, um sujeito fabricado e manipulado pelos aparatos da informação e da opinião, um sujeito incapaz de experiência. (LAROSSA, 2002. p. 22)

Nesse contexto há ainda de se considerar a noção de tempo na modernidade que, por ser cada vez mais escasso, assume uma compreensão coletiva de estar em constante aceleração, como coloca Freire: “o mundo encurta, o tempo se dilui: o ontem vira agora; o amanhã já está feito. Tudo muito rápido” (2016a. p. 136). O ser humano moderno é bombardeado de informações constantemente e sem tempo hábil para processar e refletir sobre o que chega, sem tempo para parar, pensar e buscar compreender profundamente sua realidade e sua condição. Os celulares, televisores e computadores, que são os principais

dispositivos de trabalho e/ou entretenimento, transbordam informação. Não há pausa ou descanso passivo na correnteza de informações que chegam. Sobre isso, Freire alerta sobre o poder da mídia e “sua ‘sintaxe’ que reduz a um mesmo plano o passado e o presente e sugere que o que ainda não há já está feito. Mais ainda, que diversifica temáticas no noticiário sem que haja tempo para a reflexão sobre os variados assuntos” (FREIRE, 2016a. p. 136).

Assim sendo, Larossa (2002, p.23) conclui que “a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo” e a experiencição de mundo fica reduzida a um “estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera”, concordando com Freire sobre a forma como a informação chega as pessoas:

[...] O acontecimento nos é dado na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma da vivência instantânea, pontual e fragmentada. A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio. (LAROSSA, 2002. p. 23)

Sobre a memória, é importante considerar como as sociedades modernas ocidentais se relacionam com sua história e seu passado em que tudo precisa ser gravado, escrito e registrado, ou seja, não se abre ou se abre pouco espaço para repercutir as memórias da pessoa, do núcleo familiar, do lugar ou da sociedade em suas rotinas. Os registros servem para consultar quando precisar e assim essa memória é retirada de circulação colocada em um lugar seguro para vencer as gerações. Porém, esse movimento acaba distanciando a maioria dos indivíduos de suas próprias histórias. Krenak (2020) faz esse contraponto afirmando que:

[...] Os povos tradicionais valorizam muito a memória e às vezes fazem até uma crítica ao mundo de registros, dos museus, das academias, porque acham que as pessoas ficam dependentes desses mecanismos porque não têm memória. E quanto mais ficam dependentes desses registros, mais eles acham que não precisam guardar uma memória de si, de quem são, de onde vieram. Ninguém está impedindo de mudar, mas alguns povos preferem manter as suas memórias e

cultivar essas memórias como um valor. (KRENAK, 2020)

Dessa forma, a patológica falta de tempo produz um indivíduo alienado de sua história e de si mesmo e também, “um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades, um curioso impenitente, eternamente insatisfeito. Quer estar permanentemente excitado e já se tornou incapaz de silêncio” (LAROSSA, 2002. p. 23). E assim, Larossa completa: “a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência” (2002, p. 23). Então, incapazes de arrumar tempo e constantemente bombardeados por estímulos os sujeitos ficam sem espaços para silêncio e reflexão, sem momentos que possam experienciar sentidos na própria vida.

[...] Nós somos sujeitos ultra-informados, transbordantes de opiniões e superestimulados, mas também sujeitos cheios de vontade e hiperativos. E por isso, porque sempre estamos querendo o que não é, porque estamos sempre em atividade, porque estamos sempre mobilizados, não podemos parar. E, por não podermos parar, nada nos acontece. A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LAROSSA, 2002. p. 24)

Larossa (2002) então sugere que para que a experiência aconteça é necessário “um gesto de interrupção” de padrões de comportamento e pensamento, e para isso é preciso que se tome consciência deles. Aqui a experiência ganha um sentido de busca de autoconhecimento. É preciso interromper o “automatismo da ação” e aprender a silenciar a mente para que se estabeleça reais conexões com as pessoas, com o grupo e com as atividades para que se configure uma experiência significativa.

[...] Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem

nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre. (LAROSSA, 2002. p. 25)

Larossa, então, ressalta a importância de se colocar em uma posição de vulnerabilidade para se tornar sujeito da experiência que “seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (LAROSSA, 2002. p. 24) e conclui que ele é o ambiente “onde têm lugar os acontecimentos” (idem). Assim, para ser esse sujeito é preciso se colocar a prova e ter a coragem de se conhecer e atravessar espaços desconhecidos. É o sujeito vulnerável, que cai, que sofre, que se emociona e que tem empatia.

[...] O sujeito da experiência (...) é um sujeito alcançado, tombado, derrubado. Não um sujeito que permanece sempre em pé, ereto, erguido e seguro de si mesmo; não um sujeito que alcança aquilo que se propõe ou que se apodera daquilo que quer; não um sujeito definido por seus sucessos ou por seus poderes, mas um sujeito que perde seus poderes precisamente porque aquilo de que faz experiência dele se apodera. Em contrapartida, o sujeito da experiência é também um sujeito sofredor, padecente, receptivo, aceitante, interpelado, submetido. Seu contrário, o sujeito incapaz de experiência, seria um sujeito firme, forte, impávido, inatingível, erguido, anestesiado, apático, autodeterminado, definido por seu saber, por seu poder e por sua vontade. (HEIDEGGER *apud* LAROSSA, 2002. p. 25)

Definidos a experiência e o sujeito da experiência agora falta compreender o saber da experiência. Larossa (2002, p. 26 e 27) explica que ele “se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. De fato, a experiência é uma espécie de mediação entre ambos”. Assim, o “conhecimento” está essencialmente ligado à “ciência e a tecnologia” e que é algo “que somente pode crescer; algo universal e objetivo, de alguma forma impessoal; algo que está aí, fora de nós, como algo de que podemos nos apropriar e que podemos utilizar” (LAROSSA, 2002. p. 27). Conceito intimamente ligado às relações hierarquizadas de poder que estabelecem uma relação de uso com outros seres e com o planeta que é compreendido como um recurso a ser explorado (discorrido no capítulo 1 desta pesquisa). Já o entendimento de “vida” assume um sentido reduzido apenas na “sua dimensão biológica” (LAROSSA, 2002. p.

27) ou então na “satisfação das necessidades” (idem), considerando a sociedade de consumo. O significado de ter uma vida boa costuma a acompanhar a imagem de posse bens materiais que reforça o modo de vida da modernidade e as relações hierarquizadas de poder.

[...] Pense-se no que significa para nós “qualidade de vida” ou “nível de vida”: nada mais que a posse de uma série de cacarecos para uso e desfrute. Nestas condições, é claro que a mediação entre o conhecimento e a vida não é outra coisa que a apropriação utilitária, a utilidade que se nos apresenta como “conhecimento” para as necessidades que se nos dão como “vida” e que são completamente indistintas das necessidades do Capital e do Estado. (LAROSSA, 2002. p. 27)

Assim, o saber da experiência se passa “no e por aquilo que nos acontece” (LAROSSA, 2002. p. 27) acompanhado da forma como se experiencia o que acontece na vida do sujeito e seus desdobramentos. É “o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece” (idem). Está intimamente conectada à compreensão particular e plural da realidade em cada indivíduo. “No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece. E esse saber da experiência tem algumas características essenciais que o opõem, ponto por ponto, ao que entendemos como conhecimento” (ibidem). Esse saber assume, então, uma dimensão de um valor adquirido, algo que pode ajudar em experiências futuras porque trouxe autoconhecimento, e revela “o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude” (ibidem). Dessa forma “o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência” (ibidem). Portanto,

[...] o saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma

estética (um estilo). Por isso, também o saber da experiência não pode beneficiar-se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria. (...) A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida. (LAROSSA, 2002. p. 27)

O saber da experiência está profundamente conectado ao filtro único e individual dos sujeitos de compreender e se assumir dentro de suas realidades singulares. Compreender como o ambiente exterior afeta o ambiente interior, e compreender como as transformações que lhe acontecem monta e desmonta esse saber, que também não é estático e está se transformando. Freire explica a relevância de se abrir para a experiência:

[...] A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado que terminou por se saber inacabado. Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas. O fechamento ao mundo e aos outros se torna transgressão ao impulso natural da incompletude.

O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História. (FREIRE, 2016a. p. 133)

O sujeito da experiência de Larossa também é o ser inacabado de Freire que se permite abrir para viver a experiência com significado, com conexão e sentido. O saber se dá no viver o presente rompendo com destinos, planos e projetos. O sentido é presente, mas é errante e mutante.

[...] Se chamamos existência a esta vida própria, contingente e finita, a essa vida que não está determinada por nenhuma essência nem por nenhum destino, a essa vida que não tem nenhuma razão nem nenhum fundamento fora dela mesma, a essa vida cujo sentido se vai construindo e destruindo no viver mesmo, podemos pensar que tudo o que faz impossível a experiência faz também impossível a existência. (LAROSSA, 2002. p. 27 e 28)

Por fim, a experiência significativa não pode ser definida racionalmente ou medida em uma prova, seu caráter subjetivo se revela no reconhecimento de si próprio e no reconhecimento do outro. O outro e/ou o grupo é fundamental para a experiência; sem os

outros não há transformação nem compreensão. A experiência aqui tratada não pode ser um produto para consumo, mas sim como algo que dê sentidos outros e traga conceitos outros, para abrir espaços internos e externos para significados nos sujeitos da experiência.

4.2 Os cinco princípios formativos e o pertencimento no GEPEADS-IM

[...] Nesse ambiente potencializamos o exercício de novas relações de um com o outro, na relação dialógica entre indivíduos e destes com a natureza. A vivência de reconstrução do sentimento de pertencimento a um todo, como sujeitos coletivos e como natureza que somos. Acreditamos que movidos por uma indignação ética da degradação humana e da natureza, na convivência intensa de compreendermos, por uma reflexão crítica, e vivermos outras relações que nos conecte, possamos nos colocar como indivíduos num caminho conjunto de educadores-educandos, rumando para um reencontro com o natural na formação de sujeitos ecológicos transformados e transformadores em suas práxis pedagógicas. (GUIMARÃES & PINTO, 2017. p. 127)

A pesquisa sobre a “ComVivência Pedagógica” que está sendo desenvolvida pelo GEPEADS - IM está se desdobrando na identificação de cinco princípios formativos inerentes à proposta: 1- Postura Conectiva; 2- Reflexão Crítica; 3- Intencionalidade Transformadora; 4- Indignação Ética; 5- Desestabilização Criativa (**apêndice A**).

Em agosto, setembro e outubro de 2019 fizemos uma formação virtual que contou com vários encontros durante os três meses com o intuito de aprofundar os conhecimentos sobre a “ComVivência Pedagógica” (**fig.14**) e seus cinco princípios formativos (**fig.15**). O grupo estava dividido, parte na Galícia e parte no Brasil, e essa formação precedeu duas atividades, uma em cada localidade. O grupo Galícia fez a imersão no Caminho de Santiago de Compostela por uma semana e o grupo Brasil participou de um retiro regular no Brahmatma Diva durante o fim de semana (21 e 22 de setembro). As atividades tinham a intencionalidade de consolidar a troca de saberes da formação com o intuito de vivenciar a

proposta teórico metodológica e assim aprofundar ainda mais os conceitos e identificar nuances relevantes à pesquisa.

Figura 14 - Mapa mental da "ComVivência Pedagógica"



Fonte: **EDER, 2019**

Esse encontro/formação virtual se desdobrou para além das discussões teóricas e metodológicas. Nós, separados pela distância e onde muitos mal se conheciam, criamos vínculos nas trocas e experiências. Ao relatarmos nossas histórias de vida descobrimos que partilhávamos muito mais em comum do que apenas o grupo de pesquisa ou nossas indignações. Em cada uma das histórias tinha um momento preciso onde estabelecemos uma conexão com o mundo, seres e ambientes que nos transformou como seres sensíveis a essas relações. Transformações que não cessam de acontecer porque o transformado também se transforma e também é transformador. Como um ciclo contínuo que se propaga em ondas.

Nesse encontro virtual e não menos real, a empatia foi se construindo a cada palavra. Aproximamos com delicadeza e amorosidade uns dos outros. Desenvolvendo, conseqüentemente, o pertencimento ao grupo GEPEADS. Ter consciência do estado de pertença é se sentir parte de um todo maior e mais complexo, seja uma família, uma sociedade ou um ambiente, que abrange desde o próprio corpo humano até o planeta.

[...] Pertencer é uma necessidade humana, bem como para os demais animais. É um sentimento inconsciente e subjetivo. No sentido inconsciente nos

organizamos e convivemos em sociedade, compartilhando uma cultura, tecida por uma determinada visão de mundo. Pertencemos a uma família, a um time de futebol, a um contexto de trabalho, a um bairro... E assim, criamos uma identidade a partir das nossas vivências. O pertencimento é constituído em uma relação mútua. Sentir-se como pertencente a um grupo, uma comunidade, um lugar e etc. é ao mesmo tempo saber que tal grupo, comunidade, lugar e etc. também lhe pertencem. Em resumo, o sentimento de pertencimento possui um sentido de participação. (PIEPER 2012 *apud* SANTOS, 2018, p. 42)

De acordo com Santos (2018, p.109) esse sentimento também pode ser compreendido como “um elo conectivo que nos liga ao todo, capaz de potencializar a autonomia e a coletividade necessária para a construção da identidade (o eu), a construção da alteridade (o outro) e as interações de relações múltiplas (o universo)”, e que também pode emergir pelas e nas redes/comunidades de aprendizagem.

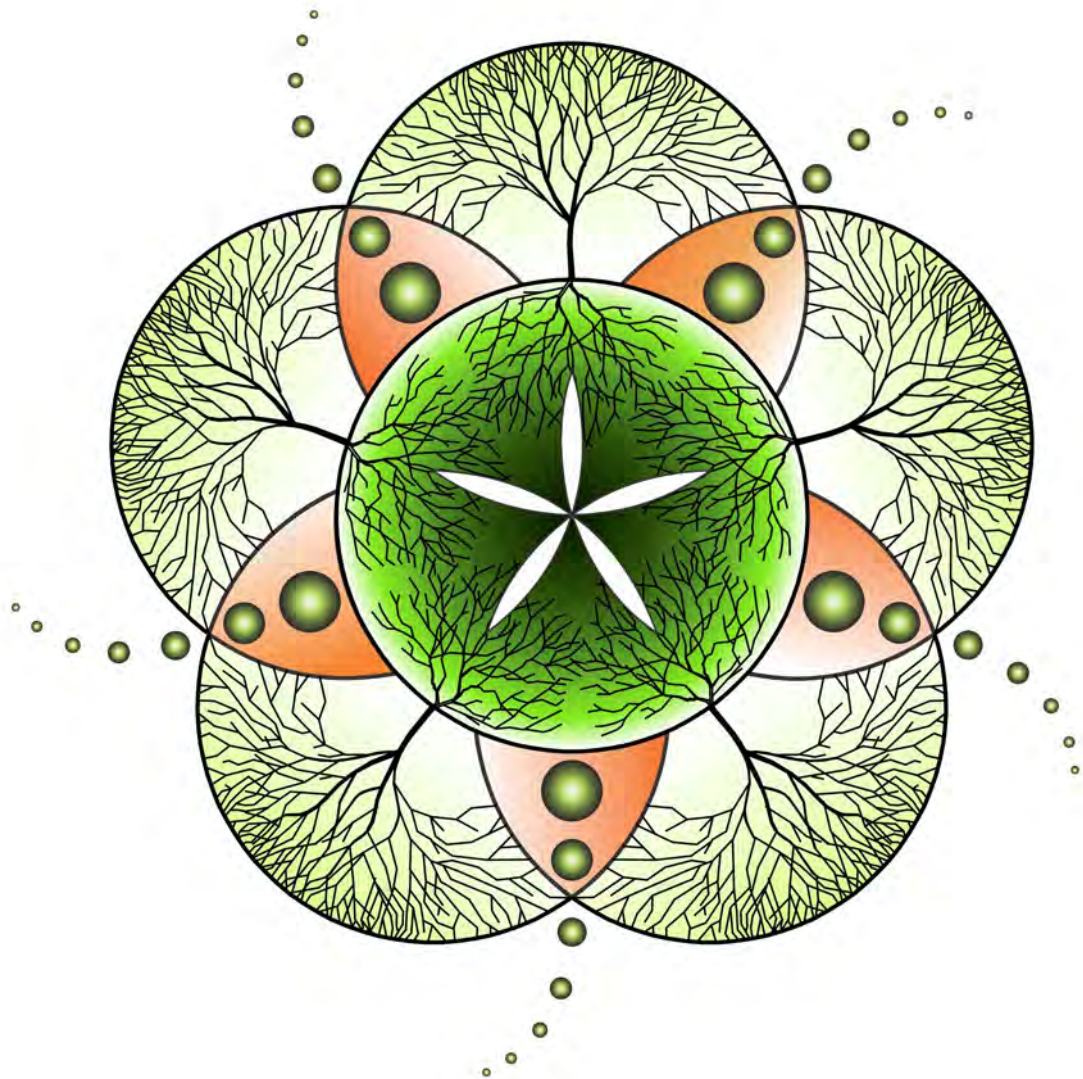
Entretanto, para a construção da identidade planetária é essencial o desenvolvimento do sentimento de pertencimento contrapondo com as relações disjuntadas e individualizadas estabelecidas no mundo moderno ocidental. Capra *et al* (1991, p.27) coloca que “quando digo: ‘eu pertenço’, não quero dizer com isso que alguma coisa me possui, mas que eu faço parte de, e estou intimamente envolvido com uma realidade maior do que eu mesmo.”

Nesse sentido, quando Sá (2005) diz que o modelo de desenvolvimento capitalista estabelece relações artificiais no e com o mundo e assim nos esquecemos e nos afastamos da capacidade intrínseca do ser humano de pertencer, reforçando “a coisificação de tudo e de todos, a banalização da vida, o individualismo exacerbado e a dicotomização do humano como ser descolado da natureza” (LOUREIRO, 2009, p. 94). Por isso, independente da relação se estabelecer de maneira presencial ou virtual, a transparência e a horizontalidade são importantes para a criação do vínculo conectivo no ambiente educativo onde Santos reforça:

[...] Pertencer, para além da lógica simplista e reducionista, requer do educador uma postura conectiva consigo mesmo, com o outro e com o universo. (...) Essa conexão só pode ocorrer com o rompimento das relações culturais e historicamente construídas de poder, dominação e opressão presentes na sociedade moderna. Para a postura conectiva torna-se fundamental a compreensão da complexidade parte-todo e da complementaridade entre

autonomia e coletividade. (SANTOS, 2018, p.105)

Figura 15 - Os cinco princípios formativos: suas intersecções, inter-relações e possibilidades



Fonte: EDER, 2019

Morin (2005) coloca que um dos princípios da teoria da complexidade é a incompletude, e mostra que é necessária a compreensão da complexa relação entre a unidade do múltiplo e a multiplicidade do uno. Freire (2016a) diz que é importante tomar consciência do próprio inacabamento, ou seja, da própria complexidade e incompletude, onde “cada indivíduo é a síntese singular das relações sociais” (LABICA apud LOUREIRO, 2006, p. 45). Ter consciência do próprio inacabamento é compreender que o que nos cerca também nos completa, também nos pertence, onde também completamos e também pertencemos. Uma relação complexa, dialógica e de amorosidade em um pertencimento mútuo. E assim, Santos (2018, p.45) completa que “quanto mais complexos, mais autônomos e mais dependentes das relações que estabelecemos com os outros seres e com o universo. Cabe aqui ressaltar que essa autonomia é diferente da autonomia da razão, pautada no pragmatismo e no individualismo.”. Gutiérrez e Prado (2013, p.20) concluem que “o êxito do sistema como um todo depende do êxito de cada parte e, ao contrário, o êxito de cada parte depende do êxito do sistema como um todo” (GUTIÉRREZ E PRADO, 2013, p.20).

Ao ressaltar a importância do sentimento de pertencimento na práxis educativa e nas relações é inevitável falar do sentimento que traz essa coesão aos grupos. Pellandra (2009) ressalta que Maturana compreendia o amor como uma força conectiva que nos liga ao todo. “O amor é a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência” (MATURANA, 2002, p. 22).

Santos (2018, p.112) explica que pertencer requer um movimento contra a correnteza que nos aprisiona no “caminho único” (GUIMARÃES, 2004). E completa que “defendemos o pertencer no sentido mais amplo, ao todo, à humanidade e à natureza. Esse sentimento de pertencimento pode potencializar a emoção do pertencer. Compreendendo que a emoção gera uma ação.” (SANTOS, 2018, p. 112)

A partir dessas reflexões, podemos inferir que ambientes virtuais podem gerar tanto conexão como desconexão, assim é importante ter em mente que eles podem ser

caracterizados como dispositivos com um forte potencial educacional, inclusive sob a lente de uma educação ambiental, pois vence distâncias, mostra a diversidade do mundo e, principalmente, conecta as pessoas resgatando nosso sentido de pertencimento planetário de uma maneira nunca antes experienciada pela humanidade.

É importante ressaltar que a experiência aqui relatada também contrapõe práticas hegemônicas, pois se apropria de um ambiente virtual para criar conexão, estabelecer laços, aprofundar relações, ouvir e ser ouvido, ou seja, estabelecer um ambiente educativo para se trabalhar a *postura conectiva* nos participantes, que é um dos princípios formativos imbricado no ambiente educativo proposto pela “ComVivência Pedagógica” e que remete a estar ativo e disponível, presente no e com o mundo, com o outro e consigo mesmo na busca por um estado de presença em múltiplas dimensões. Um despertar para o corpo de forma a se integrar com o meio ambiente e com os demais corpos sutis que nos formam ao prover um encontro (ou reencontro) com sua parte mais Divina, sua essência.

Acreditamos que para alcançar a radicalidade transformadora esperada da proposta pedagógica é necessário que o educador em formação crie, desenvolva ou tome ciência de alguns aspectos fundamentais para serem trabalhados individualmente e em grupo no sentido de construir uma visão crítica da realidade; desconstruir relações hierarquizadas e construir relações horizontais dialógicas; buscar a transformação individual e coletiva; desenvolver a empatia num sentido mais amplo e se reconhecendo como sujeito ético; e trabalhar com a ruptura de certezas, se abrindo para novas possibilidades fora dos padrões.

Os princípios não encerram-se neles mesmos; não há um limite definido onde começa um e termina outro, eles se permeiam. E nas interseções suas essências se ampliam, provocando novas abordagens e se completando numa relação dialógica de interdependência. Os conhecimentos e as figuras¹⁸ colocadas nesse capítulo são frutos da formação.

18. O organograma e os mapas mentais aqui apresentados foram construídos por mim no site *Goconqr* a partir da formação virtual descrita neste subtítulo. Durante o encontro virtual cada um pode elaborar um mural com a

4.2.1. Princípio formativo Postura Conectiva

Figura 16 - Mapa mental sobre a Postura Conectiva



Fonte: **EDER, 2019**

A postura conectiva não é o primeiro no sentido de uma ordem; a ideia aqui não é estabelecer um método rígido e linear, mas compreender um dos cinco pontos de partida identificados para criação do ambiente educativo dentro da proposta da “ComVivência Pedagógica”.

ferramenta expondo seus conhecimentos e entendimentos sobre a “ComVivência Pedagógica” e os cinco princípios formativos. O organograma completo está no **apêndice A** deste trabalho.

De forma empírica a postura conectiva remete a uma forma de se comportar ou se expressar que conecte ideias ou pessoas, como uma força que liga elementos separados por espaços (**fig. 16**). Mas que espaços seriam esses? Onde acontece a desconexão, a ruptura e a fragmentação? Falar de espaços onde não há união é falar de ambientes conflituosos; assim esse princípio também tem um sentido de harmonização, de amorosidade e de pertencimento.

As relações hierarquizadas de poder são alimentadas pelo individualismo da sociedade de consumo, que reforça desigualdades sociais e ambientais quando estabelece que determinado grupo é melhor ou mais importante que outro. Essa forma de pensar essencialmente excludente tensiona os vínculos e reduz a complexidade para uma simplicidade polarizada: bom ou ruim; bem ou mal; esquerda ou direita. Essa postura taxativa desconecta o ser humano da sua diversidade intrínseca, pois coloca apenas duas possibilidades, sendo que apenas uma é julgada como a certa (caminho único possível).

Assim, trabalhar a postura conectiva requer que se considere a diversidade no experienciar do mundo e suas infinitas possibilidades, agregando sentidos outros nas trocas e aprendizagens mútuas, como tolerância, inclusão, pertencimento, amorosidade, solidariedade e acolhimento. Requer que se reconheça nossa identidade planetária e nossa multidimensionalidade, desconstruindo rótulos, estereótipos e identidades preestabelecidas. Esse princípio também implica a dimensão da ruptura com a hegemonia da matéria e do mundo físico transcendendo a outras possibilidades, trazendo a dimensão do *religare* como parte da práxis formativa.

Para Maturana e Varela (2001, p. 268 e 269) o “ato de ampliar nosso domínio cognitivo reflexivo” depende do reconhecimento do outro, onde “só podemos chegar pelo raciocínio, ou mais diretamente, porque alguma circunstância nos leva a ver o outro como um igual, um ato que habitualmente chamamos de *amor*”, ou na “aceitação do outro junto a nós na convivência”.

[...] Sem amor, sem a aceitação do outro junto a nós, não há socialização, e sem esta não há humanidade. Tudo o que limite a aceitação do outro - seja a competição, a posse da verdade ou a certeza ideológica - destrói ou restringe a ocorrência do fenômeno social e, portanto, também o humano, porque destrói o processo biológico que o gera. (MATURANA & VARELA, 2001. p. 269)

Nesse sentido o conceito da amorosidade emerge no preenchimento dos espaços e seus elementos como uma força de coesão. Se conexão é a ideia ou a racionalização, a amorosidade é a essência, é o que sustenta a postura. Dessa forma, esse princípio formativo não pode ser plenamente compreendido por de uma explicação teórica. É fundamental que se viva a experiência. a emoção e se reconheça na amorosidade. Sobre essa dimensão Maturana (2002, p.77) coloca que “o emocionar da convivência no discurso, na linguagem, não pode nem deve ser negado, porque é com ele que se dá o viver humano”, agregando sentidos mais profundos a experiência humana, contrapondo as respostas alinhadas a hegemonia imersas no repertório limitado de diretrizes como se formar, trabalhar, casar e formar uma família.

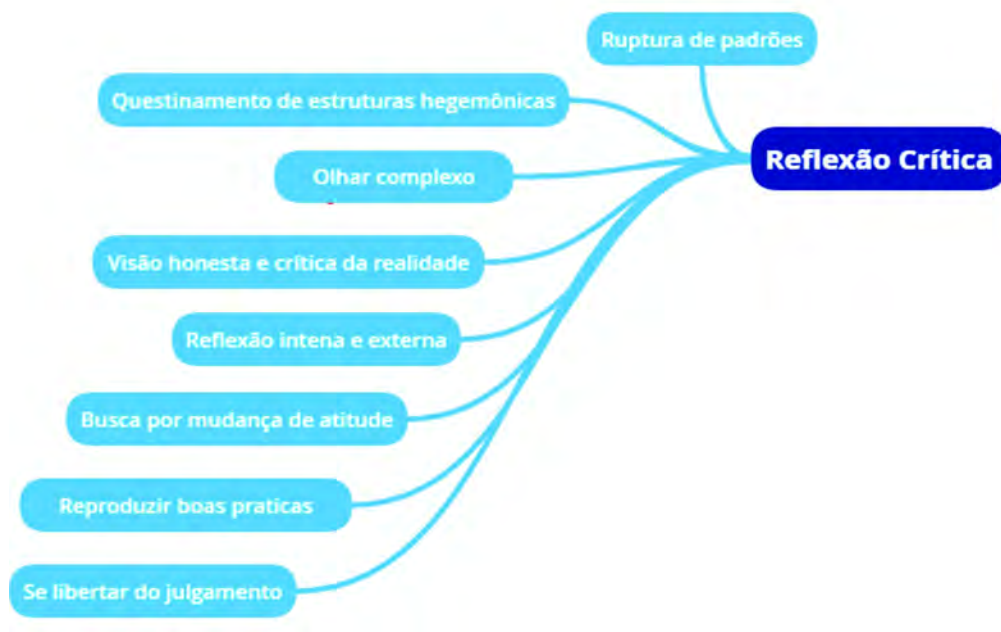
[...] a amorosidade é uma força conectiva extrínseca ao paradigma disjuntivo da modernidade. O seu exercício facilita o rompimento com padrões relacionais focados no preconceito, na competitividade, no individualismo e antropocentrismo, tão comuns na sociedade moderna, abrindo espaço para a aceitação do outro, humano ou natureza, considerados indivisíveis. (GRANIER, 2017. p. 124).

Assim, essa força de coesão na sua potência de renovação orienta “possibilidades reconstrutoras das relações entre seres humanos e destes com o mundo” (GRANIER, 2017. p. 125), que suleados¹⁹ pela amorosidade “fazem do outro um legítimo outro na convivência” (MATURANA, 2002, p.22), onde “ampliam e estabilizam a convivência.” (Ibidem). Granier (2017. p.125) considera então que “a dimensão humanizadora da amorosidade é, portanto, potencialmente transformadora”, e aqui intercepta outro princípio formativo: intencionalidade transformadora.

19. Termo decolonialista que contrapõe padrões coloniais impostos como a concepção do norte como um destino ou um ideário comum as nações colonizadas do hemisfério sul.

4.2.2. Princípio formativo Reflexão Crítica

Figura 17 - Mapa mental sobre a Reflexão Crítica



Fonte: **EDER, 2019**

Ao considerar que estamos imersos numa hegemonia onde se prevalece a racionalidade e se pretere a amorosidade, talvez seja possível concluir que a reflexão crítica da realidade possa funcionar como ponto de partida na construção do ambiente educativo para a maioria das pessoas. Empiricamente, esse princípio parece remeter a uma reflexão racional e lógica da realidade e das instituições. De fato existe essa faceta. Porém, ele pode assumir muitas camadas de profundidade dependendo do olhar que se estabelece. Camadas que ultrapassam a racionalidade.

O conceito da “armadilha paradigmática” (GUIMARÃES, 2004) denuncia uma

camada superficial no sentido da reflexão crítica, que acaba por incompleta na figura do educador que vislumbra as possibilidades, mas com incapacidade de fazer diferente fica preso nas estruturas de pensamento que moldam a hegemonia, gerando impotência e acomodação no enfrentamento da crise. Reconhecer as armadilhas dentro de cada um pode ser um de muitos começos para pensar o processo de transformação coletiva.

Reflexão, aqui, adquire amplos significados. Poderia ser repensar padrões mentais e comportamentais, questionar certezas e/ou sair do automatismo. A reflexão também pode revelar a ideia de imagem refletida, assumindo um caráter de alteridade, que se intercepta com o princípio da postura conectiva. Se enxergar no outro e enxergar o outro em si provoca um sentido de empatia, quando implicada dentro de um viés crítico (**fig. 17**).

Levar a criticidade ao ambiente educativo estimula e mobiliza uma postura questionadora em educadores ambientais em formação, desenvolvendo um maior compromisso ético e crítico para fomentar um olhar complexo da realidade, capaz de identificar estruturas hegemônicas institucionalizadas e seus desdobramentos, como o “poder simbólico” e suas “estruturas estruturantes” (BOURDIEU, 1989, p. 11), expostos no capítulo 1 deste trabalho. Como elas só funcionam devidamente “quando há correspondência entre estruturas objetivas e estruturas subjetivas.” (idem, p. 308) é possível pensar que romper com essas estruturas de pensamento internamente tem uma forte potência revolucionária, em uma perspectiva crítica.

Refletir criticamente também possui uma dimensão de autoconhecimento, pois na relação com os outros (reflexão externa) é possível identificar receios, inseguranças e medos, propiciando uma transformação coletiva, e na relação consigo mesmo (reflexão interna) pode-se buscar a compreensão de padrões de comportamento e, assim, uma mudança de atitude ou de pensamento.

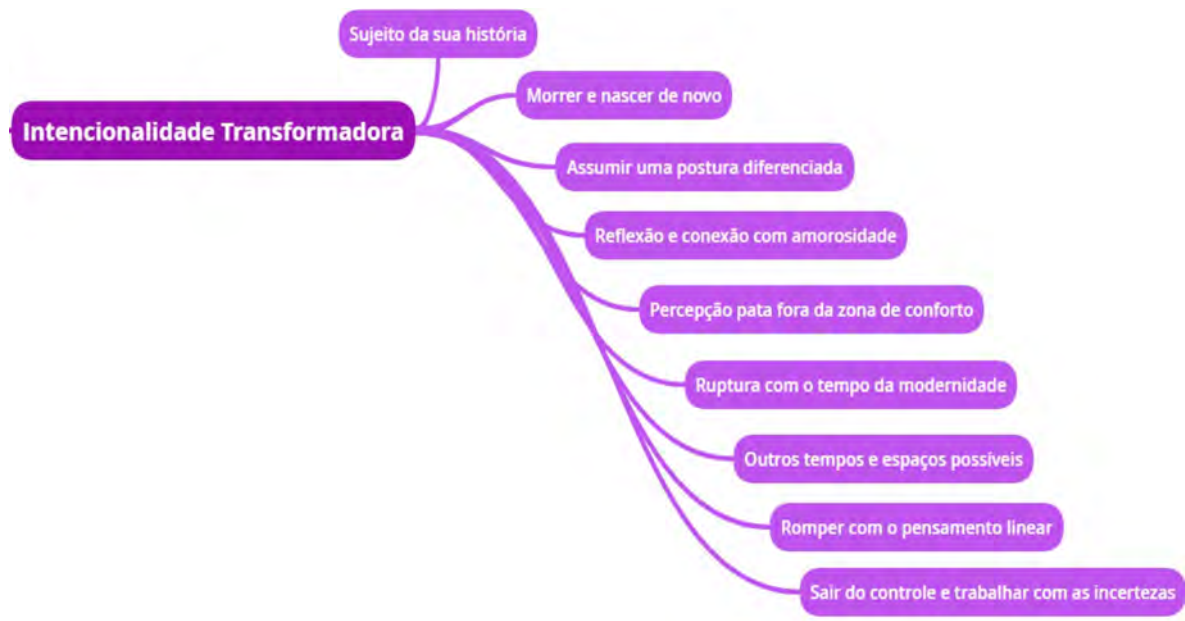
É importante considerar que ser crítico aqui é diferente de julgar o outro. O julgamento disjunta e desconecta, entrando em conflito com o princípio da postura conectiva.

Cada ser humano é dono de sua história e caminhos, qualquer interação que leve a uma comparação entre as pessoas vai se conformar como uma prática segregadora, o que também vai contra ao que está sendo desenvolvido aqui. Numa dimensão psicológica, a postura taxativa limita na mesma dimensão como o reflexo de um espelho, pois a força da intolerância para com o outro é a mesma refletida internamente, levando as pessoas que reproduzem intolerância a serem intolerantes com suas próprias diversidades, gerando sofrimento e limitando sua experiência humana.

A construção desse princípio também deverá estar pautada na reflexão crítica que não seja exclusiva para identificar os pontos negativos, mas também que reforce os pontos positivos para se reproduzir as boas práticas.

4.2.3. Princípio formativo Intencionalidade Transformadora

Figura 18 - Mapa mental sobre a Intencionalidade Transformadora



Fonte: **EDER, 2019**

Em qualquer prática que seja, ter uma intenção clara é fundamental para que se alcance os objetivos, assim, esse princípio marca não apenas o início, mas também o fim do ciclo (**fig. 18**). Ao discorrer aqui sobre a crise civilizatória comparando a sociedade capitalista industrial a um “trem suicida” (LÖWY, 2017) implica que a intenção seja, necessariamente, transformadora dessa realidade.

Ao considerar uma intenção, esse conceito vai permear todos os princípios formativos dando um direcionamento claro e objetivo, mas também repleto de subjetividades que acompanham o sentido de transformação. Transformar, por si só, apenas refere-se a uma mudança mas não direciona nem fomenta um intuito. Assim, a intencionalidade

transformadora se enriquece de sentido na interseção com os outros princípios, que por sua vez a orienta e direciona. Sob a perspectiva desse princípio é possível observar como todos eles possuem uma forte dialogia entre si o que os torna essencialmente complexos.

[...] a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico. Mas então a complexidade se apresenta com os traços inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza... Por isso o conhecimento necessita ordenar os fenômenos rechaçando a desordem, afastar o incerto, isto é, selecionar os elementos da ordem e da certeza, precisar, clarificar, distinguir, hierarquizar... Mas tais operações necessárias a inteligibilidade, correm o risco de provocar a cegueira, se elas eliminam os outros aspectos do complexus; e efetivamente, como eu o indiquei, elas nos deixaram cegos (MORIN, 2015, p.13 e 14).

Morin apresenta as dificuldades de entendimento e compreensão quando se adota um pensamento exageradamente ordenando para interpretar fenômenos. Se a intenção é a transformação então parte desse processo pode não ser compreensível, pode ser caótico e irracional. Penso que passar pela transformação de forma coletiva pode gerar o “inextricável” quando não soubermos mais diferenciar que conteúdos são meus e quais são dos outros no processo. Cada um existe como partes indivisíveis do todo, que no caso, se constroem no todo do ambiente educativo na “ComVivência Pedagógica”.

[...] a complexidade não compreende apenas quantidades de unidades e interações que desafiam nossas possibilidades de cálculo: ela compreende também incertezas, indeterminações, fenômenos aleatórios. A complexidade num certo sentido *sempre tem relação com o acaso*. (MORIN, 2015, p.34 e 35, grifos do autor)

Transformar-se é se abrir para o novo e essa novidade ainda não alcançada é inundada em “incertezas” e “indeterminações” no início do processo. É um fenômeno que não se pode quantificar sem reduzi-lo completamente. Um evento repleto de aleatoriedades únicas e próprias. Assim, podemos seguir as orientações de Morin (2015): “vamos tentar ir, não do simples para o complexo, mas da complexidade para cada vez mais complexidade”.

O transcurso da experiência requer uma ampliação da percepção para fora da zona de conforto, sob outros tempos e espaços possíveis, saindo do controle do que vai acontecer (ansiedade) e se focar no que pode vir a acontecer (espontaneidade). Nessa perspectiva, a transformação também precisa alcançar a relação com o tempo da modernidade que aprisiona e aliena os seres humanos consumindo todos os seus recursos, inclusive o próprio tempo presente. Pessoas que gastam o tempo, chamado presente, com planos, projetos, diretrizes e afins, pensando num tempo imaginário, chamado futuro. Essa relação de ânsia com o tempo fragmenta ainda mais a experiência humana por não estabelecer uma conexão com o aqui e agora. A busca pela ruptura dessa condição pode ser trabalhada na identificação e desconstrução de necessidades instituídas, em que se possa vivenciar um outro tempo onde é possível refletir e se conectar em um estado de presença. Para que a experiência flua repleta de significados é essencial a compreensão da transformação como um processo individual que é engatilhado e permeado pelo coletivo, no dar as mãos, no estar junto e se ver no outro. E se fortalece nos sentimentos de empatia e solidariedade.

Para se transformar é preciso se desafiar e concentrar sua energia para nascer de novo. Buscar ser o sujeito da sua história (Freire) que se afirma perante o mundo com uma postura diferenciada. Esse princípio marca o início do ciclo direcionado por uma intencionalidade, e também fecha o ciclo provocando uma reflexão sobre a transformação em si e seus desdobramentos. A trajetória não é linear, e o intuito não é chegar a um lugar de reflexão estagnado. Cada desdobramento do ciclo anterior vai iniciar novos ciclos de transformação, assim esse princípio também tem um sentido de movimento, um gerador de energia potencial.

4.2.4. Princípio formativo Indignação Ética

Figura 19 - Mapa mental sobre a Indignação Ética



Fonte: EDER, 2019

Este princípio carrega valores fortes de senso de justiça e empatia. Empiricamente, a indignação traz uma dimensão de revolta e ira, que ajustada na lente da ética desperta um sentido de revolta, mas com empatia e sensibilidade, necessários para superar a centralidade em si para o outro, e provocar a indignação com as desigualdades socioambientais (fig. 19).

A ética, num sentido de fundamentar valores sociais do ser humano, conduz a indignação para a construção do sujeito ético. É um princípio que é tocado para além da razão, que vai levar a dimensão ética nessa práxis educativa considerando grupos e culturas silenciados e em processo de extermínio na modernidade, inclusive as ancestralidades e seus saberes na construção do mundo. Para a concepção de um presente harmônico é necessário respeitar e celebrar os que vieram antes e suas contribuições.

Em um primeiro momento, é possível que esse princípio possa gerar certa angústia

quando sensibilizar as pessoas porque ele toca em lugares de revolta e indignação. Assim, é necessário equilibrar e alinhar a indignação e o senso ético a fim de que os sentimentos despertados pelas injustiças socioambientais possam se tornar uma energia potencial para a transformação individual e coletiva. Uma força transformadora com um viés de revolta, se reconhecendo no mundo, no outro, e na dor do mundo e do outro.

[...] A consciência do mundo, que viabiliza a consciência de mim, inviabiliza a imutabilidade do mundo. A consciência do mundo e a consciência de mim me fazem um ser não apenas no mundo mas com o mundo e com os outros. Um ser capaz de intervir no mundo e não só de a ele se adaptar (FREIRE, 2000, p.20, grifos do autor).

A sensibilização aqui proposta requer que se trabalhe profundamente na alteridade de Freire dentro do arcabouço da experiência significativa de Larossa considerando que somos todos seres inacabados e, assim, passíveis de transformações ao longo de toda nossa existência. Uma indignação que nos mobilize eticamente e conduza a novos caminhos que abram outras possibilidades de nos relacionarmos com configurações menos degradantes.

4.2.5. Princípio formativo Desestabilização Criativa

Figura 20 - Mapa mental sobre a Desestabilização Criativa



Fonte: **EDER, 2019**

A desestabilização e a transformação têm uma relação próxima porque ambos dependem da quebra de padrões e da desconstrução de certezas para fluírem como princípios. Empiricamente, passa a ideia de insegurança, de falta de apoio ou bases sólidas, como se desestabilizar pode ter um viés positivo?

Podemos compreender a falta de estabilidade como um momento de atenção e reflexão profundos, de quebra de paradigmas e abertura para novas perspectivas. É o desvelamento do mundo com o auxílio de novas óticas por meio de uma estranheza desestabilizante e transformadora. Se desestabilizar gera incertezas que causam desconfortos, e aqui voltamos a transitar pela complexidade de Morin, passando por tudo que ainda não foi ordenado e codificado pela racionalidade. A desestabilização como ruptura do ordenado para

o caótico pode ser bem impactante e causar certa confusão, bloquear em vez de gerar fluência, podendo se apresentar como uma “situação-limite”²⁰ Porém, dentro da dimensão da criatividade o sujeito é impulsionado a encontrar novos sentidos e caminhos, talvez nunca antes pensados, podendo, durante o processo, alcançar um “inédito-viável”²¹ e se consolidar como uma esperança crítica (**fig. 20**).

É no momento de ruptura de certezas que se desvela o despertar da criatividade no encontro com outras saídas e possibilidades fora do pensamento padronizado. Ao se criar estranhamento sobre as próprias convicções imediatamente se abre para vivenciar o inédito viável e mergulhar numa experiência repleta de significados, abraçando as incertezas na busca por outros modos de vida e relações, para chegar a uma transformação criativa de si e do grupo, nos assumindo como sujeitos de nossas próprias histórias.

4.3. A construção metodológica resultante

A construção de sentidos dos cinco princípios formativos da “ComVivência Pedagógica” exposta neste capítulo se embasou nas vivências, discussões e processos formativos que experienciamos dentro do GEPEADS/IM, porém não está dentro do escopo deste trabalho definir de forma mais profunda cada um deles. A explanação foi necessária apenas para orientar sobre a metodologia usada, que agora será direcionada para focar na crise das relações proposta no presente trabalho.

20. “Para Vieira Pinto, as ‘situações-limites’ não são ‘o contorno infranqueável onde terminam as possibilidades, mas a margem real onde começam todas as possibilidades’; não são ‘a fronteira entre o ser e o nada, mas a fronteira entre o ser e o ser mais’ (mais ser). Álvaro Vieira Pinto, Consciência e Realidade Nacional. Rio de Janeiro, ISEB, 1960, vol. II, p. 284.” (FREIRE, 2016b, p.51)

21. O que está além das “situações-limite”. Uma possibilidade diversa para além dos bloqueios e a falta de esperanças numa mudança da realidade.

A compreensão aqui tratada sobre a forma como estabelecemos conexões remete, principalmente, às relações hierarquizadas de poder que nos atravessam de tal forma que somos oprimidos e opressores ao mesmo tempo, dependendo da escala e perspectiva do observador. Sobre este tema é fundamental que se estabeleça a referência de cada análise com nitidez, a fim de transparecer os papéis de cada parte.

É importante ressaltar que não há aqui a pretensão de anular ou “corrigir” posturas opressoras que se revelem dessa forma, o mais importante é completar a realidade com a diversidade de perspectivas que nos atravessam. Ter consciência dessa complexidade nos torna mais cuidadosos e cautelosos no trato com nossas relações, ao manter uma reflexão crítica junto de uma postura conectiva e empática.

Partindo do princípio que as atuais crises social e ambiental são uma crise única que, na sua essência, é uma crise de relações, me questionei de que outras formas ela poderia se fazer presente nas nossas vidas e como seria possível identificar esses padrões para compreendê-los e, se possível, buscar harmonizá-los. Assim, construí três âmbitos de trabalho para sensibilizar e buscar um entendimento mais amplo da profundidade da crise socioambiental e instigando caminhos de autoconhecimento individual e em grupo.

Sob a ótica da EA, as mudanças climáticas e atual crise civilizatória ameaçam a permanência não apenas da humanidade, mas também de grande parte da vida no planeta. A humanidade e sua luta por uma permanência fragmentada e desconectada das complexas relações biológicas e climáticas que regem o planeta ameaça sua própria existência. O ser humano capitalista ocidental que não sabe se relacionar harmonicamente com o ambiente (crise ambiental) produz degradação ambiental, poluição e diminuição da biodiversidade. O ser humano que não sabe se relacionar harmonicamente entre si (crise social) produz desigualdade social, relações hierarquizadas de poder, fome e pobreza. O ser humano que não sabe se relacionar harmonicamente consigo mesmo (crise existencial), gera prejuízos físicos, psicológicos, emocionais e espirituais. Nos três âmbitos descritos na sequência espera-se que

se evidencie como nossa falta de habilidade de conviver e familiarizar-se com o que acontece e nos acontece gera a crise.

Larossa destaca a importância das palavras quando falamos sobre relações e conexões:

[...] as palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso. (LAROSSA, 2002. p.21)

A sensibilidade, a compreensão e a expressão necessitam de destaque e de exercício para “dar sentido ao que somos e nos acontece”. Interpretar e tratar como nos colocamos diante dos âmbitos aqui considerados será fundamental para encaminhar o processo aqui proposto.

A seguir, delimitarei cada âmbito de trabalho e suas interseções de uma forma mais racional com fins didáticos pois, na prática, esses âmbitos estão intrinsecamente atravessados e fortemente relacionados.

4.3.1 A relação com os seres não humanos e o mundo que nos cerca: 1º âmbito

Este âmbito trata da relação do ser humano com o meio que o cerca, considerando todos os outros elementos, sejam bióticos ou abióticos. Aqui está inclusa a ação humana que degrada os ecossistemas, diminui biodiversidade e polui o meio ambiente, ou seja, os fatores que contribuem ativamente para as mudanças climáticas. Esses temas têm como centralidade a forma antropocêntrica de enxergar a realidade discutida no capítulo 1 deste trabalho. Stein

traz algumas considerações em nível de consciência sobre este assunto:

[...] os humanos não são, é claro, os únicos seres conscientes sobre a Terra. Outros animais também são conscientes, uma vez que podem, obviamente, observar e reagir ao seu respectivo meio ambiente em termos cuidadosamente modelados. A sensibilidade das plantas para o seu meio ambiente também pode ser tomada como uma forma de consciência. A consciência, per se, não separa nem distingue a espécie humana de outras formas de vida (STEIN, 2006. p.24).

Somos intrinsecamente parte de um ecossistema vivo, plural e dinâmico, porém nos vemos disjuntados e soberanos e acabamos por nos empoderar com um modo de vida autodestrutivo. Krenak e Larossa trazem algumas considerações sobre esta ambição humana desmedida:

[...] na biologia, quando um organismo se torna um superorganismo, ele devora os outros. Na natureza, é assim. Esse fenômeno que estamos experimentando de dissociar a experiência humana do planeta divorcia o nosso sentido de estar presente aqui e essa inveja, intolerância com a diferença, é parte da atuação desse organismo gigante que não pode suportar essa diferença, tem que devorar essa diferença. Essa atração que esse núcleo grande produz, suga todo mundo para dentro dele, é consciente (KRENAK, 2020).

O sujeito moderno é animado por portentosa mescla de otimismo, de progressismo e de agressividade: crê que pode fazer tudo o que se propõe (e se hoje não pode, algum dia poderá) e para isso não duvida em destruir tudo o que percebe como um obstáculo à sua onipotência. O sujeito moderno se relaciona com o acontecimento do ponto de vista da ação. Tudo é pretexto para sua atividade (LAROSSA, 2002, p.24).

Ambas as colocações destacam elementos importantes da experiência humana hegemonizada pelo capitalismo: por um lado a desconexão, o divórcio e a intolerância, por outro lado o otimismo alimentado pela agressividade de um ideário de onipotência, e a relação sob a perspectiva da ação, porque tem poder, recursos e ferramentas para tal. Por sua vez, a reflexão não tem muito espaço nessa lógica, e talvez esse seja o elemento fundamental deste âmbito: compreender a ação e, principalmente, refletir sobre os efeitos dela.

Para que o planeta viva, considerado por James Lovelock (2007), como

um organismo vivo, uma entidade integrada e única, é necessário que todos, principalmente nós, a espécie humana, se interconecte com ela e com os outros seres vivos para evoluir, em uma resiliência socioambiental sistêmica, onde a adaptação e a vulnerabilidade são contrapontos imprescindíveis para a sustentabilidade ambiental (MELLO SILVA & GUIMARÃES, 2018, p. 1154).

Mello Silva e Guimarães tecem a “resiliência socioambiental sistêmica” com a busca por uma saúde planetária, uma saúde de todos os seres vivos e do planeta, uma saúde baseada em equilíbrio e harmonia: “saúde, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 1946), “[...] é um completo bem estar físico, mental e social e não mera ausência de doença” (MELLO SILVA e GUIMARÃES, 2018, p. 1157). E completa:

[...] a saúde humana tem sido vista em uma perspectiva maior, única, levando em consideração a saúde animal e ambiental, onde se diz que existe uma única saúde para um único mundo, um único planeta. Acrescentamos uma única saúde para um único organismo vivo, planetário, chamado GAIA, que vive da relação equilibrada entre os seus seres vivos e o meio. (LOVELOCK, 2007). Nessa perspectiva holística, a saúde única (One Health) (COOK, 2009) objetiva a melhoria da qualidade de vida da comunidade planetária, beneficiando a todos, humanos, não-humanos e meio ambiente. (MELLO SILVA e GUIMARÃES, 2018, p. 1157)

O conceito de “*One Health*” reforça novamente o quanto somos conectados e interdependentes, o quanto nossas relações são fortes e íntimas com todos os seres vivos e a Terra, e também, no quanto a saúde não pode ser tratada apenas individualmente. Portanto, é preciso “reconhecer e praticar o conceito de “*One Health*” (saúde única) para manter os ambientes saudáveis e os ecossistemas funcionais para todos” (MELLO SILVA e GUIMARÃES, 2018, p. 1158). Em tempos de pandemia a tomada de decisões a partir desse conceito se torna imprescindível no sentido de mitigar a emergência de novas doenças, sejam em humanos e em não humanos.

Este conceito também resgata nossa identidade planetária que está no âmago deste âmbito, e isso demanda reflexão, cuidado e sensibilidade com as relações que estabelecemos com tudo e todos.

4.3.2 A relação entre os seres humanos: 2º âmbito

Neste segundo âmbito estão refletidas as relações sociais como um todo que é manifestada nos diversos modelos de grupamentos inerentes à cultura humana, como família, amigos e vizinhos. Também estão inclusos os movimentos sociais que lutam pela igualdade e toda a gama de desigualdades escancaradas que fazem parte do dia a dia das sociedades modernas.

Sob esse aspecto, nós como indivíduos inseridos em uma lógica capitalista, enfrentamos muitos desafios. A perspectiva individualista é hegemônica e acabamos por enfrentar muitas dificuldades para compreender que por trás de todos os apelos consumistas e escolhas individuais somos seres sociais e dependentes da sociedade organizada para vivermos, inclusive, dentro da lógica capitalista.

Essa visão de mundo da modernidade, ao focar na parte/ indivíduo prioriza o particular (propriedade), frente ao coletivo, privatizando tudo; inclusive o meio ambiente que é um bem comum (de todos). Desvelar esse mundo partido, fragmentado, encapsulado na particularidade, ensimesmado no individualismo, que nos leva a ter dificuldade de perceber e estar no que é junto, conjunto, totalidade complexa, é buscar uma reforma do pensamento (MORIN, 1997) que alimente uma outra prática em nossas relações do um com o outro e de um com o mundo (MELLO SILVA e GUIMARÃES, 2018, p. 1156).

A forma deletéria com que nos relacionamos com o tempo acaba nos distanciando de um cultivo saudável de relacionamentos, tanto com nosso ambiente interior como no exterior. A corrida contra o tempo e a patológica ausência de tempo crônica reforça o individualismo pela falta de contato. Larossa ressalta o quanto essa prática também é reproduzida em processos de formação educacional trazendo um viés de mercadoria que reforça padrões hegemônicos de relações:

[...] cada vez estamos mais tempo na escola (e a universidade e os cursos de formação do professorado são parte da escola), mas cada vez temos menos

tempo. Esse sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é um sujeito que usa o tempo como um valor ou como uma mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo (LAROSSA, 2002, p.23).

Quando não temos tempo a perder porque “tempo é dinheiro” tudo que não traga um retorno que seja perceptivo como valor financeiro, um valor agregado ou um valor de produtividade dentro de uma lógica capitalista racional é, consciente ou inconscientemente, categorizado como não prioritário. Esse processo acontece de maneira silenciosa e, geralmente, é normalizado pelo convívio social e familiar, afinal “o trabalho enobrece o homem” independente do quanto explorada, oprimida e precarizada é aquela pessoa.

Krenak nos traz uma reflexão sobre nossa atual realidade social fragmentada, e com vieses fascistas, que preza por subjugar as diferenças:

[...] nós vivemos o tempo inteiro negando o outro, o outro não existe, o desejo do outro não existe, a possibilidade do outro não existe. Mesmo quando a gente está cercado de diferença, a gente nega que aquela diferença existe e faz sentido, tanto quanto eu estar aqui e você estar aqui. O que persiste é isso. Se o mundo está dividido, está dividido em um certo eu e um outro, que precisam descobrir termos de alternância (KRENAK, 2020).

Vivemos tempos onde nosso imaginário social parece brutalmente fragmentado de forma quase inconciliável, onde somos colocados uns contra os outros. A reflexão aqui proposta é sobre a natureza dessa fratura, sobre o porquê algumas pessoas encontram certa lógica ou compreensão em pensamentos totalitários que, idealmente, negam o outro, o impossibilitando de existir.

Somos bombardeados e preenchidos de preconceitos sobre tudo que é fora dos padrões de normalidade impostos. Isso molda nosso olhar, muitas vezes, de maneira silenciosa e inconsciente, mas marca os corpos e mentes daqueles que sofrem constantemente pela não adequação.

As inúmeras formas de opressão, seja a que sofremos, ou a que reproduzimos em

outras pessoas, estão inclusas nesse âmbito. É necessária uma profunda reflexão sobre nossos comportamentos, nossa comunicação e, essencialmente, sobre os padrões de pensamento que engatilham os primeiros.

4.3.3. A relação eu comigo mesmo: 3º âmbito

Na compreensão de que a crise que aqui tratamos é única, abre-se a possibilidade dela ser refletida no próprio ser humano, em seus corpos, mentes e emoções. Aqui, podemos começar fazendo referência ao capítulo 1 quando foi falado sobre o “poder simbólico” e suas “estruturas estruturantes” (BOURDIEU, 1991). Essas estruturas subjetivas de cognição alimentam as engrenagens hegemônicas que promovem a manutenção do *status quo* e penetram as camadas sociais agindo de forma silenciosa e invisível dentro das pessoas, influenciando sua percepção da realidade, até que se passe a naturalizar e reproduzir a opressão constantemente exercida pelo modelo civilizatório dominante.

Quando o autor coloca que a escola é “um lugar que se instituem as diferenças entre os consagrados e os não consagrados, entre os eleitos e os eliminados” (BOURDIEU, 1991, p. 312 e 313), esse reconhecimento ou não reconhecimento social marca os corpos, muitas vezes de forma insuperável, deixa profundas cicatrizes interna e externamente.

Este âmbito trata nosso ambiente interior tão marcado, confuso e, muitas vezes, indecifrado. Nesse sentido, Jung traz muitas pistas sobre esse universo misterioso que é a psique humana: “Consciência é a percepção dos nossos próprios sentimentos e no seu centro existe o ‘eu’. Este é o obvio ponto de partida e o portal para ingressar no vasto espaço interior que damos o nome de psique” (STEIN, 2006. p.21).

Com muita didática e clareza, Jung diz que a “consciência é um ‘campo’ (...) é a

nossa personalidade tal como a conhecemos e vivenciamos diretamente” (STEIN, 2006. p.22) e que “o ego é o sujeito de todos os atos conscientes da pessoa”(JUNG apud. STEIN, 2006. p.23) e que ocupa o centro deste campo (consciência). Dessa forma o ego se relaciona com todos os elementos que estão presentes dentro da consciência: “o ego é um ‘sujeito’ a quem os conteúdos psíquicos são ‘apresentados’. É como um espelho. (...) O ego é uma espécie de espelho no qual a psique pode ver-se a si mesma e pode tornar-se consciente.” (STEIN, 2006. p.23).

[...] o ego forma o centro crítico da consciência e, de fato, determina em grande medida que conteúdos permanecem no domínio da consciência e quais se retiram, pouco a pouco, para o inconsciente. O ego é responsável pela retenção de conteúdos na consciência (STEIN, 2006. p.25).

Muito se fala sobre o “ego” a partir de uma visão negativa, geralmente relacionada com egoísmo e egocentrismo, porém, dentro da ótica junguiana ele é uma parte importante da nossa psique e merece cuidado e compreensão. Sob esse aspecto que reforço aqui a importância de se trabalhar o autoconhecimento na busca pela saúde física, mental e emocional. Compreender nosso ambiente interior também demanda educação ambiental. Jung “atribuiu um valor social ao ego, ofereceu uma descrição das funções do ego e reconheceu a importância crítica de maior consciência para o futuro da vida humana e para a cultura” (STEIN, 2006. p.21).

A busca pela consciência favorece uma visão crítica da realidade, seja ela interior ou exterior, e fundamenta a demanda por um conhecimento crítico. Stein (2006, p.22) destaca o quanto esse nível de “consciência é essencial para a ciência” e filosofia, em que um conhecimento aprofundado da psique é estreitamente relacionado com a consciência da pessoa. “Jung queria oferecer um entendimento crítico da consciência” (STEIN, 2006. p.22).

O nosso conhecimento como seres humanos sobre qualquer coisa é condicionado pelas capacidades e limitações da nossa consciência. Portanto, estudar a consciência é dirigir a atenção para o instrumento que se está usando para a investigação e exploração psicológica (STEIN, 2006. p.21 e 22).

Assim, investigar a consciência para compreender esse ambiente interior que habitamos requer que investiguemos a nossa própria ferramenta de investigação. Nesse processo certamente esbarraremos em crenças, padrões de pensamento e/ou visões preconceituosas da realidade. O que será que habita nossas consciências e são constantemente refletidas por nossos egos? “Muito do que se passa por ser conhecimento entre seres humanos é, na realidade, após inspeção mais rigorosa e mais crítica, mero preconceito ou crença baseada em distorção, prevenção, boato, especulação ou pura fantasia” (STEIN, 2006. p.22).

À medida que uma criança cresce numa cultura e aprende suas formas e hábitos por intermédio de interações familiares e experiências educacionais na escola, o invólucro do seu ego vai ficando cada vez mais espesso. Jung refere-se a essas duas características do ego como ‘Personalidade nº 1’ e ‘Personalidade nº 2’. A Personalidade nº 1 é o ego nuclear inato e a Personalidade nº 2 é a camada culturalmente adquirida do ego que cresce no transcorrer do tempo (STEIN, 2006. p.29).

Quando o Jung faz essa separação entre o “ego nuclear inato” e a “camada culturalmente adquirida do ego que cresce no transcorrer do tempo” podemos voltar a Bourdieu e dizer que as estruturas subjetivas de cognição afetam diretamente a “Personalidade nº 2” no pensamento Junguiano, tolhendo, podando e direcionando a forma como compreendemos a realidade e enxergamos o mundo. São paradigmas criados, são “estruturas de pensamento que de modo inconsciente comandam nosso discurso” (MORIN 2005, p. 21).

Além do aspecto mental e psicológico, este âmbito também abarca a consciência do nosso corpo enquanto um ecossistema que também necessita de equilíbrio, cuidado, alimentação adequada e atividade física regular. Incluindo a compreensão e aceitação das particularidades e a diversidade de formas e aparências que os corpos possuem. Dessa forma, configura também um posicionamento reflexivo às padronizações estéticas instituídas e a liberdade de ser no mundo.

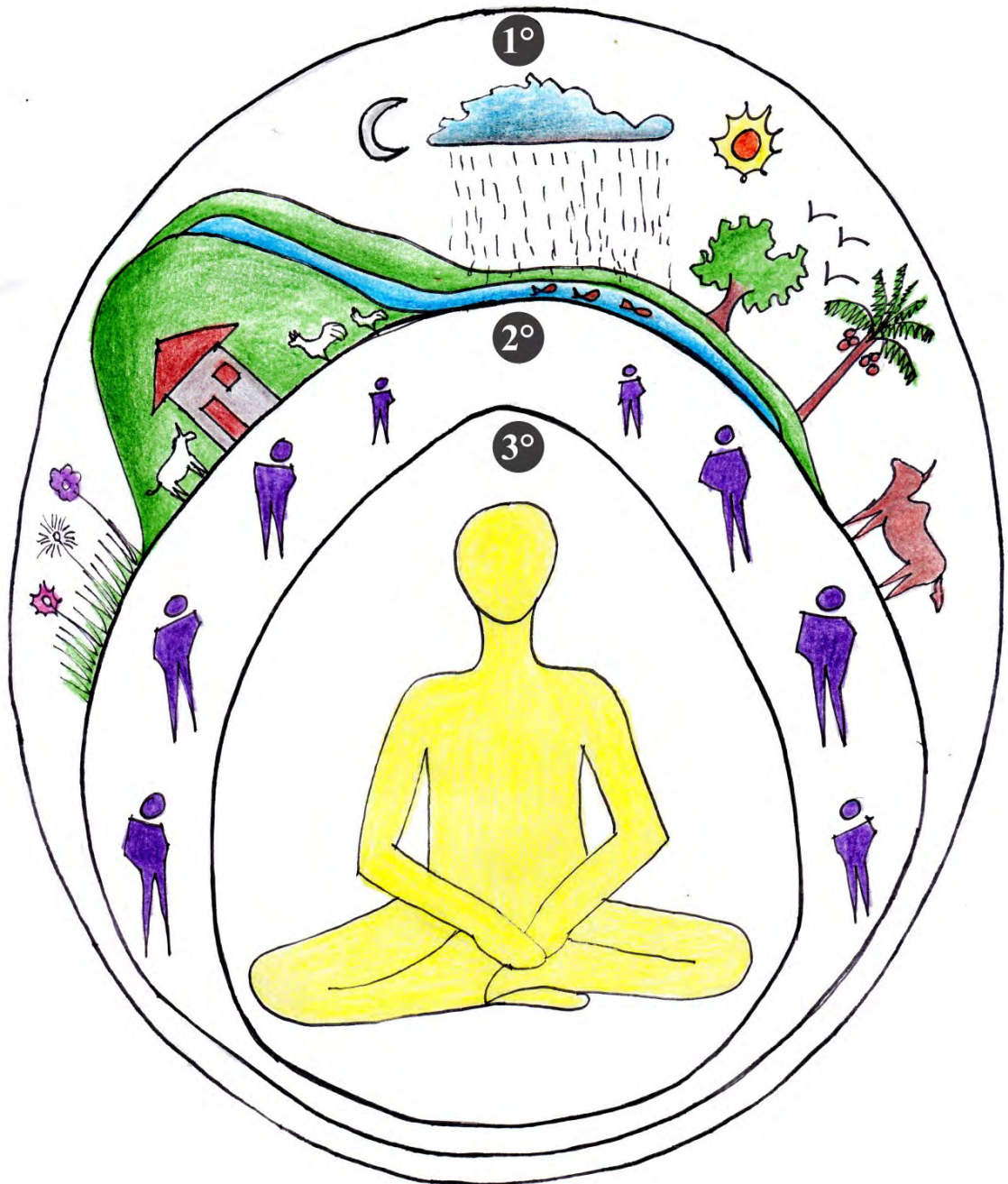
Incluindo os outros âmbitos nessa reflexão tornamos o processo ainda mais profundo e

complexo, já que ele também é um reflexo dos outros dois e deles não pode ser destacado. A **figura 21** é uma representação gráfica da relação entre os âmbitos.

Como falado anteriormente, os âmbitos se interceptam não havendo um limite propriamente definido entre eles. Porém, a apresentação desta forma traz maior clareza e maior didática aos conceitos a serem trabalhados. Essa compreensão abre a possibilidade de análise individual e em grupo de como acontecem as relações e como elas são sentidas, trabalhando tanto no bem-estar individual como no coletivo, ainda mais dentro de uma prática de bioconstrução que, por si só, já nos leva a uma conexão com a natureza e seus processos, com a potência de trabalhar os três âmbitos ao mesmo tempo.

O processo de sensibilização por meio da “ComVivência Pedagógica” não é uma mera formação acadêmica, precisa ser um processo necessariamente transformador que traga uma experiência significativa e profunda aos que se permitirem a tal. Assim sendo, 5 diretrizes de abordagem foram destacadas: 1-trabalhar na desconstrução padrões de pensamento que nos levam ao “caminho único”; 2-assumir uma postura conectiva e trabalhar o sentimento de pertencimento no grupo; 3-explorar a criatividade e a multiplicidade de caminhos; 4-agir de forma diferenciada na construção de novos sentidos; 5-experienciar outras epistemologias fora do hegemônico.

Figura 21 - Os três âmbitos propostos



Fonte: EDER, 2019

A intencionalidade da atividade é trabalhar no sentido de se alcançar uma postura permanentemente dialógica, onde é possível aprender com tudo à sua volta, as pessoas, os animais e os ambientes. Todos podem ser nossos reflexos e podem reproduzir algo de nossas essências que deve ser visto e cuidado com amorosidade e acolhimento. Em um rito constante de comunicação não-violenta, o ambiente educativo é instituído dentro de nossa forma de pensar e se relacionar. Um ambiente dotado do mais alto valor transformador, é o *locus* do ser inacabado que também é o sujeito da experiência, onde as relações podem se criar e se estabelecer sob outras perspectivas. Buscando levar, de forma exponencial, todo o grupo a um estado de reflexão das relações na busca por outros modos de vida possíveis.

5. ANÁLISE DAS ATIVIDADES REALIZADAS

Foram realizadas três atividades no total: as duas primeiras eu chamei de atividades-teste e que tinham como objetivo observar elementos, comportamentos e demandas das quais eu pudesse propor uma atividade em sincronia com as necessidades e desafios da vida naquela comunidade. A primeira delas foi realizada em março de 2019, e a segunda em abril de 2019. Ambas no Centro de Expansão de Consciência Brahmatma Diva. A última atividade foi a final, onde seguimos um planejamento e uma intencionalidade, priorizando o equilíbrio das relações, sob o aporte da “ComVivência Pedagógica”. Esta imersão aconteceu nos dias 01, 02 e 03 de novembro de 2019 também no Centro de Expansão de Consciência Brahmatma Diva.

5.1. Descrição da experiência com as atividades-teste e a captura de elementos

A primeira atividade-teste foi durante o retiro de carnaval entre o dia 1 ao dia 6 de março de 2019 e contou com a participação de cerca de 20 pessoas, sendo que 5 estavam morando na comunidade. O Retiro de Carnaval é um evento anual no Brahmatma Diva que reúne pessoas do Brasil e do mundo que estejam buscando um ambiente simples, um modo de vida comunitário e compartilhado, e a experiência de reflexão e introspecção com o consumo de ayahuasca, rapé e sananga, durante o período do Carnaval.

A escolha desse evento se deu pelo fato dele reunir moradores e frequentadores por mais tempo, sendo que os eventos mensais reúnem as pessoas por apenas dois dias seguidos (sábado e domingo). Com um espaço de convivência de seis dias seguidos as relações e interações se consolidam e se revelam com mais clareza no dia a dia comunitário, caracterizando um convívio mais complexo, e que demanda maior planejamento e

organização.

Durante os retiros mensais cada participante precisa contribuir com itens de alimentação ovolactovegetariana e bebida prontos para consumo, pois não há preparo no local. Para este Retiro de Carnaval não havia essa possibilidade por conta do maior número de dias. Então, para este evento eu me propus a comprar e organizar a alimentação para todos os dias, já que possuo alguma experiência no preparo de alimentos para grandes grupos. A escolha se deu por entender que as refeições são momentos essenciais do dia e que podem ser grandes promotores de uma coesão social e ambiental dependendo dos ingredientes escolhidos e da forma como o processo é feito. Assim, ao fazer a lista de compras, já considerei os ingredientes locais que poderíamos usar.

A alimentação foi quase toda vegana. Essa escolha, além de fundamentar reflexões sobre a degradação socioambiental da produção animal, também é uma possibilidade de ter uma alimentação rica e diferenciada, que desperta a curiosidade e a criatividade, principalmente quando se coleta e usa alimentos do local. Durante o retiro coletamos limões para fazermos limonada, ervas para usar de tempero e jaca verde para o preparo de um estrogonofe vegano. Mesmo quem não tinha experiência cozinhando participou e ficava muito animado com o banquete resultante do trabalho coletivo que tínhamos todos os dias. O estrogonofe foi o ponto alto, pois coletamos as jacas verdes no pé, preparamos a carne de jaca na panela de pressão para depois preparar o prato. O ótimo resultado com um prato saboroso animou a todos.

No dia 5 de março eu propus uma atividade simples de bioconstrução, utilizando a técnica conhecida como Cob²² no espaço anexo à casa, mostrado anteriormente na figura 14 do capítulo 3 deste trabalho, onde construímos juntos o “Banco Jurema” (**fig. 22**). A atividade foi muito integrativa, principalmente na superação das dificuldades para estruturar o banco e

22. Método construtivo que consiste de grandes volumes de massa de barro pisada com palha longa. É uma técnica muito plástica que permite curvas, relevos, desenhos e esculturas na parede.

do desgaste físico para trazer areia e pedra para usarmos no local, considerando os declives e aclives do sítio.

Dos dias 5 ao dia 7 de abril de 2019 fizemos a segunda atividade-teste. Dessa vez apenas os 5 moradores participaram. Ficamos focados na bioconstrução dessa vez, e produzimos uma parte do piso de terra batida na área do feitiço mostrado também na **figura 13** do capítulo 3 deste trabalho.

Figura 22 - Primeira atividade-teste e “banco Jurema” finalizado



Fonte: VALENTIM, 2019

Essa experiência, apesar de mais curta e com menos pessoas, foi crucial para a formatação da atividade final, pois eu pude compreender as relações entre os moradores com mais nitidez, identificando convergências e conflitos. Os moradores possuíam muitas características em comum que alimentavam conversas, debates e atividades mútuas, como a prática de ioga e meditação, e o convívio com a natureza. Porém, como em qualquer convivência, diversos atritos faziam parte da rotina dos moradores, e era possível observar como isso era desgastante para todos. Identifiquei muita dificuldade para comunicar rotinas,

regras e atividades, que são elementos importantes para uma convivência harmônica.

Essa atividade me trouxe a importância da organização, dos objetivos claros e da necessidade de trabalhar as relações em um ambiente de escuta e amorosidade, dentro de uma atividade que contribua para o coletivo. Assim, formatei a atividade final dentro desses parâmetros. Foram produzidos dois vídeos com as filmagens dessas vivências por Bruno Veiga Valentim, que é um dos administradores da casa e cineasta, com a proposta de ser um piloto de documentário²³.

5.2. Descrição da atividade final

A vivência foi realizada na comunidade alternativa do Brahmata Diva durante o período de 1 a 3 de novembro de 2019. Ela teve como objetivo embarcar em uma proposta imersiva naquele espaço por meio da prática da bioconstrução, para se desconectar do mundo exterior (sociedade moderna), vivendo relações diferenciadas, mais conectadas com nós mesmos, com os participantes e com todo o ambiente do sítio e sua biodiversidade. É nesse contexto que acontece a radicalidade do processo educativo, considerando que a atividade não objetiva na transmissão de conhecimento, mas sim no confronto do modo de vida.

Considero que a atividade começou a partir do último ritual regular da casa, em outubro de 2019, onde convidei pontualmente alguns membros regulares conhecidos para participar, considerando que limitei o grupo de trabalho para até 12 pessoas onde, naturalmente, dei algumas explicações sobre do que se tratava. Entre alguns convites posteriores e desistências, ficamos com 10 participantes no total, considerando a autora.

23. Disponível em: <<https://youtu.be/rPl8yPR2CE8>> e <<https://youtu.be/jwSAOJQoXkM>>

No grupo final contamos com a presença de duas pesquisadoras GEPEADS/IM, que também estudam sobre a “ComVivência Pedagógica” comigo, além de três moradores da comunidade, e mais quatro frequentadores dos trabalhos regulares. Além disso, éramos sete pessoas com idade entre 30 a 40 anos, uma com 20 a 30, uma com 40 a 50 e uma com 70 a 80. Com relação a escolaridade éramos seis com ensino superior completo e quatro com ensino médio completo. Sobre as diferentes áreas de atuação dos participantes tínhamos quatro da educação, três das artes (sendo dois das visuais e um de manuais), um participante da área de serviços, um da engenharia e um da saúde.

No dia 3 de outubro de 2019 foi criado o grupo aberto no Whatsapp com os membros interessados, e que tinha como objetivo introduzir a abordagem crítica e questionadora da educação ambiental contextualizando sobre o porquê de estarmos fazendo aquela vivência. A descrição do grupo foi colocada da seguinte forma:

Sejam bem-vindos! Esse grupo é para os participantes da ComVivência Pedagógica que será realizada dos dias 1 a 3 de novembro no Brahmata Diva. A Vivência tem como objetivo a busca por transformações nas relações que temos com nós mesmos, com outros seres humanos e com os outros seres e ambientes que nos cercam como uma formação de educadores ambientais críticos. A metodologia buscará consolidar os ensinamentos da rainha²⁴ no nosso dia a dia para vivermos mais plenos, conectados, felizes e coerentes em nossos pensamentos e atitudes.

Em um primeiro momento algumas dúvidas foram tiradas sobre o evento, onde expliquei que não era necessário ter conhecimento sobre técnicas construtivas, porque o trabalho seria muito mais intuitivo. Também elucidei sobre a escolha da data, pois o segundo dia coincidiria com o Dia de Finados, e acolhi o simbolismo da ancestralidade para influenciar nossas ações e homenagens.

Entre os dias 3 de outubro até a data de início da vivência inseri conteúdos pertinentes no grupo solicitando que os participantes vissem e comentassem. Os conteúdos eram os

24. “Rainha” é um dos muitos nomes dados à bebida ayahuasca.

vídeos curtos “MAN”²⁵, “A História das Coisas”²⁶ e “A corrida de \$100 feita de privilégio e desigualdade”²⁷ que estão todos disponíveis na plataforma do YouTube. O convite contou com a seguinte chamada:

A partir de hoje começaremos nosso processo de mergulho interno e externo. Pessoal e coletivo ao mesmo tempo. Com a intenção de nos preparar para a vivência que está por vir. Vou colocar alguns vídeos curtos e pequenos textos para que a gente comece a se sensibilizar com os temas. Será um trabalho profundo e transformador, individual e coletivamente. Todos prontos para embarcarem comigo nessa aventura?

O primeiro vídeo ilustra, de forma alegórica e sem falas, a ganância do ser humano na sua relação constante de uso de recursos e seres do planeta. Esse vídeo foi seguido de alguns questionamentos meus: “que desenvolvimento é esse que estamos buscando? Será que é a única forma de desenvolvimento possível? Que relações são essas que estabelecemos, como humanidade, com o mundo que nos cerca?”.

O segundo vídeo é apresentado pela Annie Leonard e produzido pelo Free Range Studios. Ele mostra como funciona os ciclos de extração, produção, consumo e tratamento de resíduos dentro do sistema capitalista globalizado, dando ênfase as lacunas do mesmo onde acontece a exploração socioambiental. O vídeo também mostra a insustentabilidade do sistema linear e sugere o uso de outras possibilidades de consumo e produção local em economias circulares, como vimos, por exemplo, no capítulo 2 deste trabalho onde falamos sobre Permacultura. Entre os comentários dos participantes no grupo consideram que “esse é o mais impactante” entre o material apresentado.

O terceiro vídeo é sobre uma corrida com um grande grupo de pessoas valendo 100 dólares. Porém, antes de começar o narrador faz algumas declarações ao grupo pedindo que as

25. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WfGMYdalCIU>>

26. Disponível em: <<https://youtu.be/zlaiQwZ2Bto>>

27. Disponível em: <<https://youtu.be/L177yGji8eM>>

peessoas que se reconhecessem dentro daquelas declarações que dessem dois passos à frente. As declarações indicavam privilégios como: se a pessoa nunca precisou se preocupar com o que comer, se estudou em escolas ou universidades particulares sem bolsa, entre outros. Por fim, fica muito claro a desigualdade social, mesmo em um país de língua inglesa que acredito ser os Estados Unidos (não há esse dado no vídeo), que provocam indignação ética e acabam promovendo uma visão mais empática da realidade de todos ali presentes.

Considero que esses vídeos simples, curtos e didáticos tenham cumprido um papel introdutório para os questionamentos necessários sobre o modo de vida desequilibrado e destrutivo do ser humano moderno, que é o grande centro da discussão. No grupo um membro retornou com as reflexões sobre os vídeos ressaltando “o quanto levamos isso para as relações também com as pessoas”, indo em ressonância com a proposta da atividade colocada no espaço no dia 3 de outubro:

A proposta da ComVivência Pedagógica traz uma série de conceitos que serão trabalhados de maneira fluída através de algumas práticas de bioconstrução, com intencionalidades, meditações e também consagração da Ayahuasca para realizar atividades com o barro usando as mãos e outras partes do corpo.

A proposta da atividade é aprofundarmos nossas relações com nós mesmos, com nossos irmãos, com o Brahmata Diva, com os animais, com a natureza e com o planeta, identificando nossas dificuldades e trabalhando coletivamente na superação delas. Todos juntos superando suas limitações. Todos se transformando juntos.

Além disso, elaborei uma programação sugerida com dias e horários de cada atividade, enviada na semana no evento, para que pudéssemos cumprir todo o planejado (**apêndice B**). Também conseguimos organizar todas as caronas, considerando que muitos viriam da cidade do Rio de Janeiro ou região metropolitana.

Fiquei responsável também por toda a compra ou consignação de ferramentas, insumos para a bioconstrução e alimentação durante todo o fim de semana (**apêndice C**). A alimentação foi toda vegana, considerando que alguns itens foram preparados previamente, e

outros foram preparados coletivamente durante o evento. É importante ressaltar que o momento do preparo do alimento e da refeição coletiva são momentos muito especiais da convivência, pois se há um zelo pela harmonia e amorosidade, este espaço se torna muito rico nas trocas por conta da leveza e da espontaneidade que favorecem. Nesse contexto fica muito mais fluida a participação de todos por ser um momento de confraternização. Transformar as atividades em espaços de trabalho e confraternização traz muita leveza para qualquer atividade proposta.

A avaliação para a “ComVivência Pedagógica” proposta foi a realização de rodas de conversas em alguns momentos específicos e no final do último dia, a fim de colher os relatos da experiência de cada participante e compreender a visão da experiência significativa dentro de cada um dos presentes. Todos os nomes dos participantes mencionados neste texto são fictícios, exceto o da autora. Para esta atividade também foram produzidos dados pela minha observação participante por meio de registro de caderno de campo, gravação de áudios e realização de grupo focal. Além disso, o Bruno Veiga Valentim produziu um vídeo com as filmagens de todo o período de imersivo.²⁸

5.2.1. Primeiro dia presencial

No dia 1 de novembro chegamos à noite no sítio. Como era uma sexta-feira algumas pessoas só conseguiram chegar depois das 21 h, assim, acabamos por decidir conjuntamente que passaríamos a apresentação da vivência com slides para a primeira atividade no sábado pela manhã, logo após o café da manhã, já que estavam todos muito cansados.

Assim, esse primeiro dia foi para chegarmos com calma, organizando nossos espaços

28. Disponível em: <<https://youtu.be/JvQYpDOPMmQ>>

para dormir, fazendo um jantar leve ou um lanche, relaxando, conversando e nos conhecendo melhor. Orientei a todos sobre permanecerem com os celulares desligados durante toda a vivência, se fosse possível, então também foi o momento de mandar mensagens e se despedir para embarcarmos todos juntos na “ConVivência Pedagógica”.

5.2.2. Segundo dia presencial

Figura 23 - O primeiro café da manhã



Fonte: VALENTIM, 2019

Acordamos cedo e colocamos a mesa para tomarmos café da manhã todos juntos (**fig. 23**). Foi um momento de alegria e descontração após uma boa noite de sono. Enquanto um arrumava a mesa, o outro fazia o café, e outro cortava as frutas. As tarefas coletivas estavam acontecendo com espontaneidade sem ninguém centralizando ou delegando. Creio que isso aconteceu com tanta naturalidade por conta da maioria das pessoas do grupo serem frequentadores da casa e já são conhecedores de como as tarefas se desdobram naquele espaço.

Apesar de ser a apresentação da imersão, solicitei que todos participassem trazendo suas percepções e compreensões dos conceitos trazidos para que pudessem enriquecer o debate, tomando o cuidado de ser algo pertinente ao tema, caracterizando também um grupo focal. Nos primeiros 40 minutos de apresentação eu, praticamente, falei sozinha, mas depois os participantes começaram a trazer suas percepções sobre os conceitos ali abordados e com o debate abriram-se novas possibilidades de entendimento e compreensão, nas quais eu mesma não tinha pensado (**fig. 24**).

Quando apresentei o conceito de radicalidade do processo educativo que demanda uma imersão e uma desconexão das relações comumente estabelecidas para que novas possibilidades de relações aconteçam, uma participante comentou que já tinha sentido algo parecido após um trabalho regular da casa, em um “retiro de final de semana quando a gente foi embora, a gente passou em Penedo para comer alguma coisa, aí quando eu cheguei em Penedo que eu lembrei da minha cachorra (risos)” (ANA. Informação verba²⁹).

Mencionei minha percepção da dificuldade de encontrar sentido na vida complexa da sociedade capitalista moderna, algo que acredito ser comum, pois o sentido costuma a se relacionar com o trabalho. Porém, trabalhamos, principalmente, para ganhar dinheiro e não para fazer algo que necessariamente gostamos ou temos afinidade. Alguns participantes

29. Todas as menções aos participantes neste subtítulo se referem a apresentação e grupo focal do dia 02/11/2019.

mencionaram que também acreditam que as pessoas, de modo geral, acabam trabalhando com o objetivo principal de pagar as contas e consumir, atos mais relacionados com sobrevivência do que com uma vivência repleta de sentidos.

As pessoas que se manifestaram sobre esse tema relataram sobre quando têm a oportunidade de vivenciar esse modo de vida diferenciado e mais preenchido com sentidos ficam com dificuldade de voltar ao modo habitual: “a gente conecta com a nossa essência e uma vez que a gente conecta com a nossa essência a gente não quer voltar, você não quer sair de lá” (HELENA. Informação verbal). Assim, coloquei que essa atividade tem também o propósito de reflexão sobre os ensinamentos que acumulamos em práticas de autoconhecimento diversas, inclusive essa imersão, para conseguir fazer uma ponte com a nossa rotina, conseguir aplicar em nossas vidas com a potencialidade de transformar a forma como nos relacionamos com tudo.

Acrescentei que para que este processo possa fluir com mais força e ser mais impactante é essencial que todos nós possamos contribuir para a construção de um ambiente propício que abrigue a experiência. O ambiente educativo é o lugar onde estamos abertos a aprender e vivenciar uma experiência que seja significativa, onde possamos nos permitir viver algo novo, algo diferenciado. Quando nos abrimos à experiência também nos abrimos ao que a experiência pode nos trazer, porque sem isso não é possível passar pelo processo proposto, sem isso ficamos blindados. Alguns participantes se manifestaram sobre este assunto dizendo: “vir para cá para ficar blindado era melhor ter ficado em casa (risos)” e que era preciso “sair da zona de conforto” (OLIVIA. Informação verbal).

Na apresentação constavam algumas fotos das atividades-teste que fizemos anteriormente com as pessoas mexendo no barro, então Ana fez um comentário: “já basta você mostrar a foto ali que já me deu vontade de mexer no barro (...) quer dizer, já sensibilizou” (informação verbal).

Figura 24 - Apresentação e grupo focal

Fonte: VALENTIM, 2019

Segui com a exposição introdutória sobre os cinco princípios formativos. Comecei com a postura conectiva e em seguida a reflexão crítica, depois passei para a indignação ética. Mencionei que o sentimento de indignação, que nos toma perante as inúmeras desigualdades e opressões a que estamos expostos rotineiramente em nossa sociedade, não é algo que tenha relação com o sentimento de impotência que geralmente nos acompanha após essas reflexões. A indignação ética mobiliza um posicionamento que gera potência para nos transformar interna e externamente perante essas questões das quais somos eticamente provocados e, assim, poderemos atuar criativamente. Uma participante comentou: “me fez lembrar a música

do Skank, né? Que fala: ‘a nossa indignação é uma mosca sem asas, não ultrapassa a janela de nossas casas’. A gente tem que ultrapassar da janela das nossas casas, a nossa indignação, né?’ (HELENA. Informação verbal).

E dando continuidade passamos para a desestabilização criativa. Quando mencionei que desestabilização parte do princípio de estar em um local de fragilidade, ou seja, se abrir para o inédito e isso conduz a sair do padrão e encontrar outras respostas, uma participante fez uma fala muito pertinente sobre esse assunto: “o processo criativo, ele acontece quando você foge desses padrões (...) o processo criativo não tem padrão” (OLIVIA. Informação verbal). Assim, se abrir para o novo gera um certo grau de desconforto, como “o nosso próprio nascimento, sair do útero da mãe” (HELENA. Informação verbal). O nascimento é um desconforto, mas é um desconforto necessário para a transformação, para a vida plena. E o assunto culminou com uma reflexão de um dos participantes:

Quando a gente muda o paradigma dentro da nossa cabeça, quando a gente vê o desconforto como cura, automaticamente o desconforto vira até uma coisa meio prazerosa, porque você está percebendo a tua cura através do desconforto, né? Você ressignifica aquela história ali, né? (JOÃO. Informação verbal).

A partir desde momento o grupo começou a contribuir com vários relatos, reflexões, pensamentos e experiências, como a da participante abaixo:

Eu creio que as crises têm essa finalidade, de tirar a pessoa daquele estado, daquele padrão engessado, e ele começar o processo criativo dele para ele sair da crise, então a sociedade precisa de crises. Senão ela se acomoda. E essas crises, Sofia, elas são, para mim no meu conceito, elas são, assim, não a nível humano dos gestores, das economias, das políticas, é uma coordenação, supervisão, acima da nossa. Eles (espiritualidade) é que estão no comando de todo esse processo estabelecido no planeta, e eles estão gerindo essas forças, essas energias. Então quando esse sistema, que você colocou tão bem aí: de engessamento, de fazer com que as pessoas abdicuem da sua racionalidade, do seu processo de ser feliz para colaborarem com o sistema, se colocarem como uma peça de uma máquina, uma engrenagem, né? Porque é isso que o sistema está levando, fazer com que a pessoa seja uma engrenagem daquela máquina, que ela não pense, consuma, coma, durma, e faça sexo e vá dormir. Então é justamente isso que precisa ser quebrado, mas esse sistema estabelecido que, essa sua exposição coloca, parece que vai ser perpétuo, porque essa força

estabelecida é uma força racional que tá imbuída desse propósito, e ela se cerca de seguranças e proteções para nada a derrube. E você está fazendo um trabalho contra, de esclarecer, de abrir a mente das pessoas, de saber que elas são capazes, que elas têm potencial, de que elas podem mudar a vida e não ser um parafuso do sistema, digamos assim. Isso é legal. Nós temos ciência disso, né? Então, são poucas pessoas, e que isso vai trazer a lucidez para essa humanidade. Mas acima disso existe a grande organização espiritual que vê, eles assistem, eles veem, eles estão sabendo que existe esse sistema que oprime. E essa opressão, esse é o meu ponto de vista, essa opressão, essa crise, essas guerras, elas são, infelizmente, necessárias para que a crise se estabeleça e faça a pessoa pensar e sair daquela situação anômala, aquela situação infeliz (OLIVIA. Informação verbal).

Após a fala da participante comentei sobre como essa forma de pensar acaba retirando de nós a responsabilidade sobre as nossas próprias atitudes, deixaríamos de ser donos da nossa própria história para nos tornar meros expectadores da realidade. Isso fere de morte qualquer esperança ou possibilidade de mudança, no meu entendimento. Nesse momento senti um pouco de dificuldade de argumentar quando a questão atravessa uma crença que a pessoa pode ter. Então, a Helena fez outra fala: “a Sofia traz uma coisa que é interessante que os indígenas vivem daquela forma (...) sem crise” (HELENA. Informação verbal).

Em seguida, comentei que acreditava que havia crises sim, mas talvez em menor escala, até porque o modo de vida indígena não é globalizado como o nosso. A mesma participante completou em seguida: “a nossa evolução enquanto história humana, (pausa) a gente evoluiu em várias coisas e a gente regrediu em várias outras, eles parecem que têm uma estabilidade maior aí nesse tempo” (HELENA. Informação verbal).

Em sequência, elas foram respondendo uma à outra: “veja só, eu não concordo muito com o que você está falando pelo seguinte: existem brigas entre as tribos, uma quer ocupar o espaço da outra” (OLIVIA. Informação verbal). “Eu me coloquei mal quando disse não existe, não é que não existe, mas elas não são tão intensas” (HELENA. Informação verbal). “A gente aprende muito com a filosofia de vida indígena, nós temos muito que aprender, concordo, mas eles não são um...” (OLIVIA. Informação verbal) e João interrompeu completando: “não dá para romantizar os indígenas” (JOÃO. Informação verbal). Em seguida João prosseguiu fazendo uma fala maior:

Indígena não tinha depressão, depressão era uma coisa da nossa civilização. Os indígenas, eles tinham uma forma de viver, lógico que eles tinham as competições deles entre si lá, mas (pausa) isso também tem que ser bem avaliado porque nós, historiadores brancos, a gente manipulou a história para que a gente percebesse o indígena de formas diferentes também. Se a gente for buscar lá atrás, o Eduardo Bueno é um cara que quebra muito esses paradigmas assim, da nossa forma de educação manipuladora ali, que faz a gente acreditar que o indígena (pausa) eu percebi isso, né? Eu tinha uma ideia de indígena canibal, humilde, ignorante e burro. Quando cheguei lá³⁰ eu percebi o quanto a gente é burro e eles são muito mais inteligentes do que a gente, eu falei: ué? Mas eu aprendi na escola que não era assim, então a gente começa a perceber que até a forma que a gente aprende as coisas relacionadas aos indígenas também é um pouco deturpada (JOÃO. Informação verbal).

Fiz um comentário falando que esse processo seria chamado de “descolonizar”, porém me equivoquei: o certo seria estar alinhado com o a superação da lógica colonial dentro do pensamento Decolonial. E o assunto seguiu com outras contribuições sobre essa percepção de imposição cultural: “nos filmes antigos americanos, os indígenas eram os bandidos” (OLIVIA. Informação verbal); “o que a gente aprende na escola (...) muitas coisas que a gente aprende é uma mentira (pausa) o próprio descobrimento do Brasil, não descobriram o Brasil, gente, os índios já estavam aqui” (ANA. Informação verbal); “eu sou formada em História, o que a gente aprende é que a história é escrita pelos vencedores, né? Então, assim, é um ponto de vista, e dentro dos vencedores ainda tem vários pontos de vista diferentes. Então, a gente aprende que uma mesma questão histórica tem vários pontos. Então, assim, é só uma lente” (HELENA. Informação verbal).

E a partir deste momento, vários participantes contribuíram com muitos pontos de vistas, ora convergentes, ora diversos:

Sempre que existe uma guerra, os vencedores, eles fazem (pausa) o que que eles fazem para desmoralizar o inimigo? Eles acabam com a cultura, né? Eles queimam todos os livros, acabam com a cultura toda, porque você acaba com a força daquele povo ali, né? (JOÃO. Informação verbal).

Até hoje a gente vive isso de uma maneira subjetiva, né? A globalização, por

30. João fez referência à visita que fez aos Huni Kuin no Acre.

exemplo, que tinha a proposta se ser uma coisa de unir as culturas, na realidade foi uma imposição cultural vinda dos Estados Unidos e da Europa, sabe? Foi uma imposição cultural que veio (SOFIA. Informação verbal).

(A globalização) tá acabando com várias culturas ancestrais e tudo mais, os jovens não querem mais (...) dar continuidade àquela cultura porque entra nesse aspecto globalizado e todo mundo quer ir para o *shopping* (pausa). E aquilo ali é atrasado, né? Assim como a cultura do campo (...) em vários lugares rurais, o que a gente entende da ideia de rural? É atrasado (HELENA. Informação verbal).

Após a fala da Helena, o João fez um comentário: “Sendo que o rural é o que proporciona o básico da vida que é a alimentação” (informação verbal). E o debate seguiu com o Pedro:

Eu vejo esse lance da globalização como, houve um erro na minha opinião, como ela (Sofia) tava falando sobre essas relações verticais, porque eu acho que a globalização poderia ter sido uma coisa legal se fosse uma coisa de conectar culturas (...) só que virou, tipo, cultura melhor e cultura pior (informação verbal).

E a discussão prosseguiu sobre os temas de globalização, capitalismo, socialismo, comunismo, tecnologia e valores morais: “as propostas do socialismo, do comunismo. Todas são lindas no papel, mas aí não funciona por causa do homem, né? Até o próprio capitalismo é lindo no papel (...) mas na prática a coisa se deturpa” (JOÃO. Informação verbal); “Mas eu acho, assim, que tem um lado bom dessa globalização porque acabou que a gente tem muito acesso, e hoje com a *internet*, a gente tem muito acesso a outras culturas e à própria ayahuasca” (ANA. Informação verbal); “A gente não estaria falando com essa propriedade toda, inclusive, se a gente não tivesse outros pontos de vistas que a internet proporciona” (JOÃO. Informação verbal); “Nada é 100% ruim, né?” (SOFIA. Informação verbal); “E uma ferramenta, né? Depende de como a gente usa” (PEDRO. Informação verbal); “Ela não tem essa intencionalidade, quem faz a intenção da ferramenta e dos instrumentos somos nós” (MARIA. Informação verbal). Depois, Olivia seguiu fazendo uma fala maior, seguida por João:

Então veja só como as coisas aqui no planeta não têm para onde fugir, tudo é

dual. Quando a faca foi criada eu utilizei a faca para construir, para cortar, para comer. Mas tem aqueles que usam a faca para matar e destruir (...) então muitas invenções foram criadas para o bem, para melhorar a vida, a sociedade (...). A história do Santos Dumont, não é verdade isso? Que quando ele viu que o avião que ele vendeu estava sendo utilizado para jogar bombas, ele se matou. Nossa! É muito triste isso. (...) Então esses sistemas, o comunismo, o capitalismo, eles são todos muito bons, só que (pausa) as pessoas se apropriam daquilo e utilizam ao bel-prazer trazendo esse descompasso (OLIVIA. Informação verbal).

Outro dia eu vi um documentário (...) sobre o impacto das grandes guerras mundiais na evolução do ser humano na terra porque muitas coisas que foram inventadas para a guerra, hoje em dia curam o câncer, curam várias coisas. (...) Coisas que foram inventadas para matar, e hoje salvam vidas. Então está tudo muito relacionado e cruzado, o mau e o bem, tá tudo misturado de alguma forma curiosa (JOÃO. Informação verbal).

Nesse momento Pedro fez um comentário sobre a fala de João: “direitos humanos foram criados justamente como consequência de guerra” (PEDRO. Informação verbal). E Olivia continuou com o assunto, seguido por uma fala minha:

Outro dia assisti a um documentário (...) daquele médico alemão da segunda guerra mundial (...) um médico nazista que fazia experimentos, ele deixou tudo detalhado, ele tinha uma enfermeira e um assistente, e tudo detalhado. E isso está sendo utilizado hoje para curar, para conhecer, a fisiologia, o funcionamento... mas foi muito cruel (OLIVIA. Informação verbal).

Pegando o gancho aí para te responder (Olivia), não é que a gente não sofra influência da espiritualidade, mas que eu acho que a gente tem que fazer o nosso dever de casa (pausa) porque senão a gente fica preso a isso, entendeu? Ah! Tem que sofrer, torturar e tal para chegar em uma cura. Será que só assim funciona? (...) A coisa que eu trago também é isso, sabe? A gente as vezes fica preso a: ‘ah não! Tem que ter crise para ter movimento’, ‘tem que ter crise para ter evolução’, mas será que tem que ter crise desse jeito? Com essa desigualdade? Com essa miséria? (SOFIA. Informação verbal).

E continuamos o debate, agora percorrendo os temas sobre crise, desigualdade e medo: “e se preocupar com o nosso ecossistema, né? Mais do que com o outro sistema (pausa). O que eu posso mudar no meu sistema para que eu não tenha que repetir respostas prontas do outro sistema para mim? Esse é o processo de libertação” (JOÃO. Informação verbal); “E de evolução, né? A história serve para isso. Essa é a parte boa da história. O que a

gente pode aprender para não repetir?” (HELENA. Informação verbal); “E eu fiquei pensando tanto na sua fala (Sofia) quando na hora que você falou da crise, o quanto também esse sistema não cria crises” (ANA. Informação verbal); “O terrorismo é justificativa para as guerras nos Estados Unidos e hoje em dia a gente sabe que o terrorismo é uma invenção deles, eles criam o terror para gerar o medo, o medo gera a empatia do público para qualquer guerra” (JOÃO. Informação verbal); “uma professora que trabalha com segurança pública aqui no Rio (...) ela tava falando que a ideia do medo que eles manipulam aqui no Rio, para que as pessoas aceitem todo o tipo de milícia, de barbaridade” (HELENA. Informação verbal); “O Bolsonaro foi eleito pelo medo” (HELENA. Informação verbal); “Porque tudo isso que a gente está falando é lucrativo, né?” (SOFIA. Informação verbal).

Uma boa parte dos participantes tinham alguns posicionamentos baseados em suas crenças e senti um pouco de dificuldade de costurar os temas que queríamos tratar com essas abordagens. Assim, busquei, em minhas falas, ancorar o debate em outras possibilidades de viver e experienciar nossas vivências:

Eu entendo, né? Que a crise faz parte do processo, (...) só que a questão aqui que eu tô colocando é: tudo bem pode funcionar desse jeito de certa forma a gente vê que fica essa loucura toda mais uma hora as pessoas se acertam e as coisas se harmonizam, e tal, mas será que existe só essa maneira? Será que não existem outras maneiras com mais amorosidade, com menos sofrimento, sabe? (...) Com outras relações sabe? Com que a gente consiga aprender realmente no amor, em vez de ficar sempre aprendendo na dor e no sofrimento, entendeu? A gente consegue sair desse ciclo, entendeu? Porque senão a gente fica até, quando você fala da questão do carma, né? A gente fica criando carma, expiando carma, criando carma, expiando carma. Será que não dá para ser de outra maneira? (...) Será que a gente não consegue aprender de outra forma? A gente tem que ficar sofrendo desse jeito? (SOFIA. Informação verbal)

Olivia provocou: “essa conclusão, esse ponto de vista é o que está aqui para nós. E a massa que tá lá fora?” (Informação verbal). E Helena respondeu: “é por isso que existe nós, educadores ambientais (risos)” (informação verbal). “O objetivo é esse” (PEDRO. Informação verbal), e Helena completou: “sair daqui e levar para as escolas” (informação verbal). E completei, em tom de brincadeira, falando que “somos cobaias” desse processo (SOFIA.

Informação verbal). E prosseguimos falando agora sobre esperanças e legado:

[...] eu tenho já 70 anos de idade, então eu não vou patinar com muita vontade não, sabe? Porque não adianta a gente malhar em ferro frio, não adianta esperar resultados do seu empenho, da sua dedicação, você tem que semear a semente e se que brotar, quando brotar, com quem brotar, sabe? (OLIVIA. Informação verbal).

E Helena comenta a fala da Olivia: “a gente planta uma árvore e a gente não vai colher os frutos dela” (informação verbal). E o assunto prossegue com uma reflexão de João:

No último retiro falaram uma coisa muito interessante: tem que desapegar das nossas vitórias. A gente sempre quer se desapegar das nossas derrotas, mas desapegar das vitórias é quase tão importante ou, às vezes, até mais importante, para você ir além. Senão (reformulação) você fica pensando na mesma vitória que você teve a 10 anos atrás e fica ali, né? Remoendo aquilo (informação verbal).

Olivia e Pedro comentam a fala de João: “e isso não deixa de ser um defeito porque é como se a gente está esperando aquilo dar certo para nos envaidecermos” (OLIVIA. Informação verbal); “Muita gente morre e só é reconhecido muito tempo depois” (PEDRO. Informação verbal). Helena faz uma fala maior:

Eu tava revendo a série Amazônia, né? E aí vendo a luta do Chico Mendes, gente, sabe? A luta daquele cara se entregando a vida mesmo, assim, sabe? Ele falou com uma tranquilidade, falando assim: isso não é para mim, se a minha morte servir para alguma coisa tudo bem, sabe? É um negócio assim de uma doação, uma entrega, assim. É a vida do cara, sabe? Ele faz aquilo com uma entrega enorme. Ele nem vai ver aquilo (informação verbal).

E o debate terminou com mais dois comentários: “mas entrou naquela questão que a Sofia falou, da coisa de você trabalhar o coletivo, né? (PEDRO. Informação verbal); “O coletivo é mais forte que o individual” (HELENA. Informação verbal).

E segui com a apresentação falando do último princípio: a intencionalidade transformadora, introduzindo o tema falando sobre estar aberto à experiência, ser o sujeito da própria história e morrer e nascer, como conceitos filosóficos, fazendo parte de um processo

de transformação. Sobre este assunto, alguns participantes fizeram comentários:

[...] quando você fala em morte, né? Você vê as pessoas morrendo ou deseja a morte de alguém. ‘Nossa! Que coisa horrível! Você é uma pessoa horrorosa!’ ‘Nossa! Você tá sonhando com morte!’ A relação que a gente tem com a morte é muito ruim, é péssima, é péssima! A gente tem que transformar essa relação. A morte é vida (MARIA. Informação verbal).

Na nossa lógica, né? De homem moderno, a morte, na realidade, é você sair, né? Você vai sair do sistema. A gente tende a estabilização. A gente busca a vida inteira se estabilizar, né? Ah! Um casamento estável, um emprego estável, né? A gente fica nesse funil, sabe? E aí a morte é a transformação, então ninguém quer saber de morte, sabe? A morte é ruim. Quer continuar ali, sabe? (SOFIA. Informação verbal).

E o debate seguiu falando sobre morte, o desconhecido e experiências pessoais sobre o assunto: “você fica o tempo inteiro criando coisas que te dão quórum aqui nesse planeta. E a morte é ter que soltar isso tudo” (HELENA. Informação verbal); “E ao desconhecido, né? Aí eu acho que se assemelha muito com a (experiência com) ayahuasca. Que é você se entregar para um desconhecido. Ninguém sabe. Ninguém sabe o que vai acontecer. É o total desconhecido” (ANA. Informação verbal). Nesse momento alguns participantes relataram algumas vivências com a ayahuasca relacionadas à experiência de morte, que considerei muito pessoais e não incluí nesse trabalho.

Dei continuidade aos temas, agora falando sobre o tempo da modernidade e nossa relação com o tempo. “Você já viu quantas vezes a gente, às vezes, tem um tempo para ficar fazendo nada e aquilo dá uma dor na consciência, uma culpa? Meu Deus do céu! Eu precisava estar fazendo alguma coisa. Isso é horrível” (HELENA. Informação verbal). Ana prosseguiu fazendo uma fala maior:

[...] e a gente vê que na verdade o tempo é uma construção mesmo, né? Porque eu, por exemplo tive uma experiência com ayahuasca (...) na outra semana eu fui trabalhar, e gente, eu tinha que olhar o calendário toda a hora porque parecia que tinha passado um mês. (...) Eu tava totalmente fora e a gente vê como que realmente é uma construção, e que a gente vai seguindo né? Tudo vai fazendo a gente ficar nesse sistema padronizado ali, né? (...) (ANA. Informação verbal).

E Maria continuou no raciocínio de Ana: “esse tempo veio justamente para isso, para padronizar a questão das relações de trabalho, contar o tempo de trabalho, você vender sua hora de trabalho” (MARIA. Informação verbal). Olivia tentou ponderar as reflexões para uma convergência:

[...] eu penso que o ideal seria que nós transitássemos, já que a gente vive na sociedade, está inserido na sociedade. A gente tem consciência que a sociedade quer nos robotizar. O ideal seria a gente transitar entre essa liberdade de estar fazendo vivências, e voltar para o (...) trabalho e ser consciente e não se deixar levar, né? E ser um ser de transformação daquele ambiente, pelos seus atos, pela sua maneira de pensar. De você estar naquele ambiente mas não pertencer aquele ambiente (OLIVIA. Informação verbal).

Prossegui com a apresentação falando sobre o tempo da modernidade e como somos patologicamente sem tempo para nada. Isso acaba por nos conduzir a viver as coisas de maneira muito controlada, muito planejada e, conseqüentemente, muito repleto de frustrações, e finalizei com uma provocação:

[...] será que o tempo é realmente linear? Será que ele não é cíclico? Uma espiral, sabe? Será que ele realmente existe ou é uma invenção, sabe? Então assim, é porque a minha percepção até então, sempre foi que tempo é essa coisa, né? Que segue rumo e tá correndo, e tá correndo, e a gente tem que correr atrás dele (...). Será que é só desse jeito que consigo me relacionar com o tempo? Será que não consigo me relacionar com o tempo de outra maneira, sabe? Que não seja essa loucura, entendeu? Que não fique morrendo de estresse o tempo inteiro, sabe? De ansiedade, e achando que o mundo tá caindo, que o mundo vai cair se eu não correr atrás do tempo, sabe? (...) (SOFIA. Informação verbal).

E Olivia responde:

Inclusive com o tempo a gente tem que aprender lidar, né? A humanidade existe há milhões de anos e o tempo sempre existiu, aqui nessa dimensão. Você vê que o Einstein foi inserir a teoria da relatividade, que ele inseriu o tempo, que é a quarta dimensão. Então é uma coisa muito complexa, a gente achava que era simples, mas é complexo (OLIVIA. Informação verbal).

Em sequência Ana provocou: “e nessa sociedade de consumo, né? Eles fazem a gente sentir e viver como se o tempo fosse tudo para ontem. E isso gera muitas doenças”

(informação verbal). Depois, João e Helena também comentaram, respectivamente:

Já existem algumas iniciativas que são muito legais que é banco de tempo, então, a moeda de troca é tempo. Então, por exemplo, se você faz uma coisa para alguém, presta um serviço para alguém, esse tempo depois você pode pegar um serviço de alguém ou o tempo (...) (informação verbal).

[...] outro dia eu estava vendo um documentário, uma entrevista, que o robô, né? As tecnologias que tão sendo criadas, elas vão acabar com esse negócio de mão de obra humana mesmo, assim, em tudo quanto é lugar, e vai chegar uma hora que não vai ter trabalho, não vai ter trabalho. Ou vai ter muito menos, então assim, como que vai ser para o mercado gerir? Vai ter que mudar. Não vai ter dinheiro (informação verbal).

Após as falas, criaram-se conversas paralelas até que Ana falou para todos: “esse conceito de empreendedor é justamente porque não tem emprego para todo mundo. Aí traz esse conceito, não? Que todo mundo tem que empreender” (ANA. Informação verbal).

Logo após, Olivia e Helena debateram sobre empreendedorismo: “eu tenho impressão que o lado positivo do empreendedorismo é, justamente, fomentar a criatividade. Você tendo que criar alguma coisa, gerir alguma coisa que vai te dar sustentação financeira, você tem que usar a criatividade” (OLIVIA. Informação verbal); “Esse é o lado bom, mas o lado perverso é, tipo assim, não tem emprego para todo mundo, então vamos criar esse conceito que é bonito, que estimula as pessoas (...) que elas se virem porque não tem emprego” (HELENA. Informação verbal); “Sim, mas é aquele mal, eu digo, que é aquele mal necessário” (OLIVIA. Informação verbal); “Mas esse mal necessário é para quem? É isso é que tá, esse mal necessário é para alguns” (HELENA. Informação verbal); “Necessário para um grupo de pessoas, porque algumas pessoas estão acomodadas. Eu entendo isso.” (OLIVIA. Informação verbal). E Helena prosseguiu o debate:

[...] mas é para alguns: os pobres, eles sofrem muito mais, as pessoas mais paupérrimas. Então, a gente pode pensar em um sistema de castas como sendo algo, né? Tudo bem, que seja! Que quem está andando de bicicleta entregando as coisas? Quem que tá sendo Uber? São as pessoas mais necessitadas (HELENA. Informação verbal).

Olivia responde, e após a fala dela eu entro no debate também: “veja só, não existe a impermanência? Não somos impermanentes? Somos eternos em espírito, mas somos (pausa) tudo é efêmero, tudo acaba. Então, o sistema de castas acaba. O sistema (pausa) qualquer reinado, monarquias, impérios, acabam” (OLIVIA. Informação verbal); “Mas acaba com o nosso esforço, né? Com a nossa ruptura, né?” (SOFIA. Informação verbal). E Olivia segue sua linha de raciocínio:

Eu, na minha opinião, que pode estar errada, eu acho que nós seres humanos nesse nível de planeta, nesse arcabouço, não existe outro caminho para a elevação espiritual a não ser esse. São sistemas que essa humanidade criou para si, então os espertos prevalecem. Mas quem é o esperto hoje, quem foi escravagista nasce negro. Essa é minha maneira de pensar (OLIVIA. Informação verbal).

Em seguida eu fiz um comentário sobre a forma de pensar da participante: “você percebe que sua lógica faz perpetuar o carma? Aí, um mata o outro, o outro mata um, um mata o outro... e fica assim para sempre, entendeu?” (SOFIA. Informação verbal). Olivia responde:

Não perpetua. Não perpetua. Porque tá ensejando a oportunidade do sujeito sentir na carne o que ele fez. (...) Não é punitivo, é corretivo. E através da correção que o sujeito aprende, então, não é olho por olho e dente por dente, mas você colhe o que você plantou. Então se eu fui (pausa) Isso não ofende minha inteligência, se eu fui escravagista, se eu abusei de escravos, se eu comprei, se eu vivi às custa deles, se eu fui fazendeiro e tive um plantel de escravos me servindo, nada mais justo do que eu voltar como negro e sentir na pele o preconceito que eu gerei. Então quando a gente sente e vê um negro sofrendo de preconceito, de ser marginalizado, é um branco que está ali, o espírito dele é branco. Eu acredito nisso (OLIVIA. Informação verbal).

Após a fala de Olivia vários do grupo se manifestaram e Olivia foi respondendo: “mas aí parte do princípio que você precisa de ter alguém para repetir esse ciclo, esse é um problema” (PEDRO. Informação verbal); “Mas esse ciclo ele não é interno, ele se esvai quando a energia acaba” (OLIVIA. Informação verbal); “E eu acho que tem que ter cuidado com esse discurso, porque ele pode, inclusive, legitimar o preconceito (...) mas alguém pode

ouvir e falar assim: não, então é isso mesmo ele tem que expiar, ele tem que sofrer mesmo, o preconceito” (HELENA. Informação verbal); “Mas aí, pô eu não sei... eu não sou preconceituosa, não sou” (OLIVIA. Informação verbal).

Pedro comenta fazendo uma conclusão sobre o raciocínio de Olivia: então, “a culpa do preconceito do negro, é do negro” (PEDRO. Informação verbal). Depois, fiz uma ponderação sobre a lógica de pensamento da Olivia na tentativa de reconduzir o debate de volta ao nosso campo de trabalho: “tudo bem, pode ser que funcione desse jeito, pode ser. Só que você (pausa) o que eu tô propondo é: se abra a outras possibilidades, entendeu? Será que só existe esse que tipo, fez e recebeu? Será que não existem outras formas da gente se transformar?” (SOFIA. Informação verbal). Depois Olivia fez uma fala maior explicando as origens do seu pensamento:

A leitura que me norteia é o evangelho de Kardec, e lá tá escrito isso. E aí aquilo para mim é tão racional, é tão lógico, tá? Que (pausa) eu não (pausa). Claro que eu não vou me engessar nisso, vou me abrir para outras coisas. Eu sinto, assim, um mal-estar quando vejo alguma coisa assim, um rapazinho, um adolescente negro sendo escorraçado. Eu não fico assim, eu não fico assim: ‘bem-feito! Deve ser um branco que fez e agora tá’ (...) embora isso está (pausa) eu entenda que possa ser isso, mas quem sou eu? Eu sou dona da verdade? Não. É o que tá escrito no evangelho. Eu conheço a história daquele sujeito e que ele deve continuar naquela situação? Não. Eu tenho que ser um fator de bem, de auxílio, de harmonizar, de compreender, de usar a fraternidade, de usar a paciência e tolerância. É isso que o evangelho fala. Porque eu não sei até quando aquele carma, aquela situação deve perdurar, mas aquilo perdura (pausa). O mal tem uma função benéfica (pausa) e essa função do mal, ela termina quando a função benéfica se estabelece. Então é um processo, então o mal é necessário enquanto o mal está fazendo uma purgação, uma limpeza. Eu entendo assim (OLIVIA. Informação verbal).

Em seguida Helena faz um alerta, e depois comento também, complementando alguns pontos controversos sobre essa forma de pensar:

[...] cuidado com isso, inclusive o movimento negro questiona a religião espírita por causa dessas afirmações, até do próprio Kardec, sabe? Que fala como se eles fossem (pausa) ser negro era uma expiação. O próprio Feliciano tem uma declaração dessa em relação à Bíblia, que a África é um lugar de expiação, por

isso eles nasceram negros. Então, você tem que ter muito, muito cuidado com isso, me incomoda muito esse discurso, porque ele é extremamente racista, inclusive. Eu entendo a senhora perfeitamente, mas eu acho que tem que ter muito cuidado, onde a gente coloca isso, porque legítima, né? Essas questões assim... de que: ah! Eles são piores, eles são inferiores, por isso são pretos (HELENA. Informação verbal).

Exatamente, porque, na realidade, essa visão (pausa) a pessoa veio branco, e foi, sei lá, um senhor de escravos, senhor de engenho e, aí nasceu negro porque ele vai ter que expiar então, assim, isso gera uma imagem de que ser negro é algo pior, logo, ruim, entendeu? E essa visão invisibiliza toda a cultura negra, toda a vida na África, sabe? Tudo que acontece lá, entendeu? (SOFIA. Informação verbal).

Em seguida João faz uma ponderação trazendo, em sua fala, a questão mais para o carma:

Mas a gente não pode reduzir o carma a ser negro ou não ser negro, o que ela (Olivia) tá falando é de carma. Quando se falar de carma é um filho paraplégico, é um problema na família que você não consegue se relacionar com seu pai. A gente tem que abrir um pouquinho a nossa visão e não reduzir, que aí fica uma visão reducionista. Então não é a questão do negro, não é a questão do homossexual, não é a questão do pobre, não é a questão do rico, porque o sofrimento ele tá em todo mundo, tá em todas as pessoas, tá em todas as castas, tá em todos os gêneros (...) é uma coisa maior, foi o que ela falou a gente olhar um pouquinho mais a fundo o que está sendo dito porque tem linhas espirituais que falam que nós somos a manifestação de Deus na Terra, (...) durante as nossas vidas, a gente passa por todos os tipos de situação, então a gente vai ser negro, a gente vai ser o filho paraplégico, a gente vai ser o pai do filho paraplégico, tudo isso, e tudo isso tá relacionado com o carma, não é só o fato do negro ou homossexual. Quando utiliza... quando utiliza esse discurso de forma reducionista, no exemplo ali parece uma coisa, mas se você abre um pouco a visão, já é uma outra visão (JOÃO. Informação verbal).

Após a fala de João, tentei reconduzir o debate para o foco do nosso tema: “e se abrir também a outras possibilidades, entendeu? Que eu acho que é importante isso (...)” (SOFIA. Informação verbal). E João seguiu com seu raciocínio:

[...] o próprio carma, tem gente que fala que o próprio carma faz parte da ‘roda de Samsara³¹’ faz parte da ilusão, quando a gente chega e a gente toma

31. O “infeliz ciclo de nascimentos, mortes e renascimentos” (ANDRADE & APOLLONI, 2010).

consciência, né? Do que é esse processo todo de carma, e etc. A gente tem condição de parar, de dar um basta para isso. Não quero mais entrar nessa roda, não quero mais fazer parte dessa roda, né? Tudo isso faz parte do sistema (JOÃO. Informação verbal).

E Helena faz uma fala tecendo o assunto de uma forma interessante dentro do tema central:

Aí, talvez seja essa outra via que Sofia tá falando aqui, ó, ó aqui ó, a resposta. Quando você tem essa resposta de que você não quer mais entrar nessa roda, você para o movimento. E aí, aí, você não precisa mais passar por isso de novo, e isso se dá com a consciência, e a consciência ela se dá através dessa mudança de paradigma, de mudança de postura (HELENA. Informação verbal).

Em seguida João fez um comentário: “e vem através do aprendizado também, justamente disso que a gente tá falando, de todas essas vidas que a gente vai ter” (JOÃO. Informação verbal). Logo depois tentei fazer uma fala buscando fazer um apanhado sobre as falar anteriores na tentativa de reconduzir o assunto ao que estávamos buscando elaborar na vivência:

[...] então, eu acho que a gente tem poder sobre isso, entendeu? (...) a gente tem como parar esse ciclo, entendeu? (...) Às vezes na tua fala (Olivia) você coloca a coisa como se a gente não tivesse poder, a gente tá só tendo que viver isso aqui porque a espiritualidade obrigou, entendeu? Sei lá, ou tem uma força maior. Sim, com certeza ela influencia de várias formas, mas a gente tem poder de mudar, tomando consciência e tal, entendeu? E eu acho que o aprendizado também ele, não necessariamente, vem através da dor e do sofrimento, entendeu? A gente tem como tomar consciência (SOFIA. Informação verbal).

Em seguida, todo mundo falou ao mesmo tempo, e depois disso, Helena e Pedro concluíram:

Quantas mudanças a gente tem pelo amor? (...) O “Contador de Histórias” é um filme brasileiro. Pelo amor há quantas mudanças? (...) esse filme é um exemplo de que uma pessoa se transforma pelo amor. Uma pessoa que, as pessoas falam assim: não tem jeito, não tem jeito essa pessoa. E pelo amor ela se transforma. Então a gente pode se transformar pelo amor também, não precisa só pela dor, né? (HELENA. Informação verbal).

Um exemplo clássico, que influenciou ‘pra cacete’ a cultura ocidental, é Jesus Cristo. Ele não chegou dando porrada dizendo que tinha que matar bandido. (...) O cara tava lá com puta, com pobre, com aleijado, toda a ‘escória’ da sociedade. (...) E o cara virou instrumento de poder (risos) (PEDRO. Informação verbal).

Em seguida, por conta do avançar da hora, nos focamos para finalizar a apresentação. Após fechar os cinco princípios, passei para explicar sobre a metodologia dos três âmbitos de trabalho: relação eu comigo mesmo; relação com os outros seres humanos; e a relação com os outros seres vivos e o mundo que nos cerca.

Depois, enalteci alguns conceitos que iríamos praticar constantemente durante a atividade, que são: o conhecimento intuitivo, a ruptura com o tempo da modernidade, o diálogo de saberes e a consciência da nossa identidade planetária.

Também reforcei sobre a proposta da atividade como: o desvelamento das relações em seus vários âmbitos; a bioconstrução como prática de trabalho das relações pessoais, sociais e ambientais; a sensibilização por meio dos princípios formativos na prática pedagógica; e a roda de conversa como espaço de troca e diálogo de saberes e experiências.

Coloquei também que todas as atividades durante a vivência têm um potencial educativo, desde as conversas, passando pela bioconstrução, até o ato de dividir o espaço, preparar refeições e comer todos juntos. Tudo faz parte da criação do ambiente educativo. Além disso, a proposta também é usar nossas compreensões sobre os cinco princípios formativos aplicados dentro dos três âmbitos, como ferramentas em nossas conversas, diálogos e na forma como percebemos de mundo.

E, finalizando, apresentei a nossa programação da vivência, que já havia sido compartilhada no grupo do Whatsapp anteriormente, e partimos para planejar os próximos passos após a apresentação. Escalamos dois participantes para preparar o almoço e os demais seguiriam para a obra. Em seguida, repassei o que estava previsto na programação de sábado e de domingo.

Assim que acabou a apresentação, solicitei a todos que concordassem em participar para assinarem o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (**apêndice D**) e o TERMO DE ACEITE DE PARTICIPAÇÃO DE PESQUISA CIENTÍFICA (**apêndice E**), todos os presentes assinaram. Depois deste momento pedi a todos que se preparassem para que pudessemos começar a atividade prática, com roupas que poderiam sujar na atividade da obra.

Seguimos para a área escolhida (**fig.25**) para construirmos o banco de hiperadobe que também seria uma parte do muro de contenção do espaço destinado para a área do feitiço, que fica em uma parte mais elevada do terreno (**fig.13**). Fiz questão de não fazer nenhum projeto para o banco contando com medidas ou possibilidades de implantação para que pudessemos decidir juntos. Apenas limitei o tamanho da construção por conta do tempo, pois só teríamos o fim de semana para construir. Importante ressaltar que esse ponto está dentro da intencionalidade desta pesquisa, porque considerei essencial que a construção tivesse início, meio e fim, junto com a atividade, que uma pudesse ser o reflexo da outra e vice-versa.

Ao definirmos o espaço da implantação, passamos para nos organizar e distribuir as tarefas. Por conta do avançar da hora, centralizei em mim a organização da obra em um primeiro momento, apenas por questões técnicas, pois a maioria das pessoas presentes nunca tinham trabalhado com esse material ou técnica. Assim, enquanto alguns traziam as britas e a areia para perto da obra com carrinhos de mão, outros trabalharam junto comigo para retirar as folhas secas e limpar a área da obra.

Tivemos pausas e revezamentos durante esta parte, pois o trajeto com o carrinho de mão contava com subidas e descidas, além de ser um trecho relativamente grande para tração humana. Com tudo pronto, e já com um montinho de brita acumulado próximo a implantação, passamos para desenrolar o rolo do hiperadobe, amarrar as pontas e, usando um cone de trânsito cortado, como funil, para começar a encher a primeira fiada com as britas.

Figura 25 - Limpeza coletiva do espaço da obra



Fonte: VALENTIM, 2019

Esse passo é fundamental, pois para se trabalhar com terra crua em um clima úmido, como na região de Itatiaia, é preciso que ele esteja protegido da umidade ascendente do chão e também da descendente da chuva. Como as pedras não absorvem umidade, elas funcionam como uma barreira onde a terra vai se acumar por cima. Na **figura 26** vemos que foi preciso preencher o espaço atrás pois, como é uma contenção também, foi preciso isolar os sacos de terra do talude.

Figura 26 - Primeira fiada de brita pronta

Fonte: VALENTIM, 2019

A terra que usamos foi retirada do próprio barranco daquele espaço e também de barrancos próximos do perímetro da obra. Assim, uma boa parte dela já estava acumulada e pronta para uso. A técnica consiste em cortar os pedaços do saco contínuo de forma que tenha o comprimento de fiada desejado. Uma ponta é amarrada ou é dado um nó, e na outra entra o funil e a terra. O material para encher estes sacos não pode conter matéria orgânica, pois esta iria se decompor ameaçando a resistência e a solidez da construção, porém não há tantas exigências sobre a proporção entre argila e areia, a não ser que seja excessivamente arenoso de forma que não tenha argila o suficiente para aglutinar as partículas da areia e acabar por

derramar o conteúdo pelos furos do saco. Como a terra que estávamos trabalhando era bastante argilosa fiquei tranquila de que não teríamos esse tipo de problema.

Figura 27 - Todos animados para colocar a mão na terra



Fonte: VALENTIM, 2019

Conseguimos fazer a primeira fiada dupla de brita antes do almoço e em seguida paramos para almoçar e descansar. Já era notável a mudança de comportamento e o aumento da coesão do grupo neste momento (**fig.27**). As pessoas estavam notoriamente menos ensimesmadas e reclusas comparando com a sexta à noite. O envolvimento produzido na atividade coletiva perdurou por todo o período do almoço. Ainda tivemos uma hora de pausa antes de retomar, onde alguns aproveitaram para descansar, conversar e ler.

Após o almoço retomamos a atividade enchendo os sacos com terra com a ajuda do funil. Enquanto um segurava o funil na borda do saco os outros iam enchendo com baldes e pás de terra. Conforme a terra ia enchendo o recipiente, a pessoa que segurava o funil ia andando seguindo a trajetória da implantação do banco, em seguida, outra pessoa usava um pilão de madeira, que foi construído pelo caseiro do sítio para a atividade do piso de terra batida³² alguns meses antes, para compactar a terra e retirar o máximo de ar de dentro do saco **(fig.28)**.

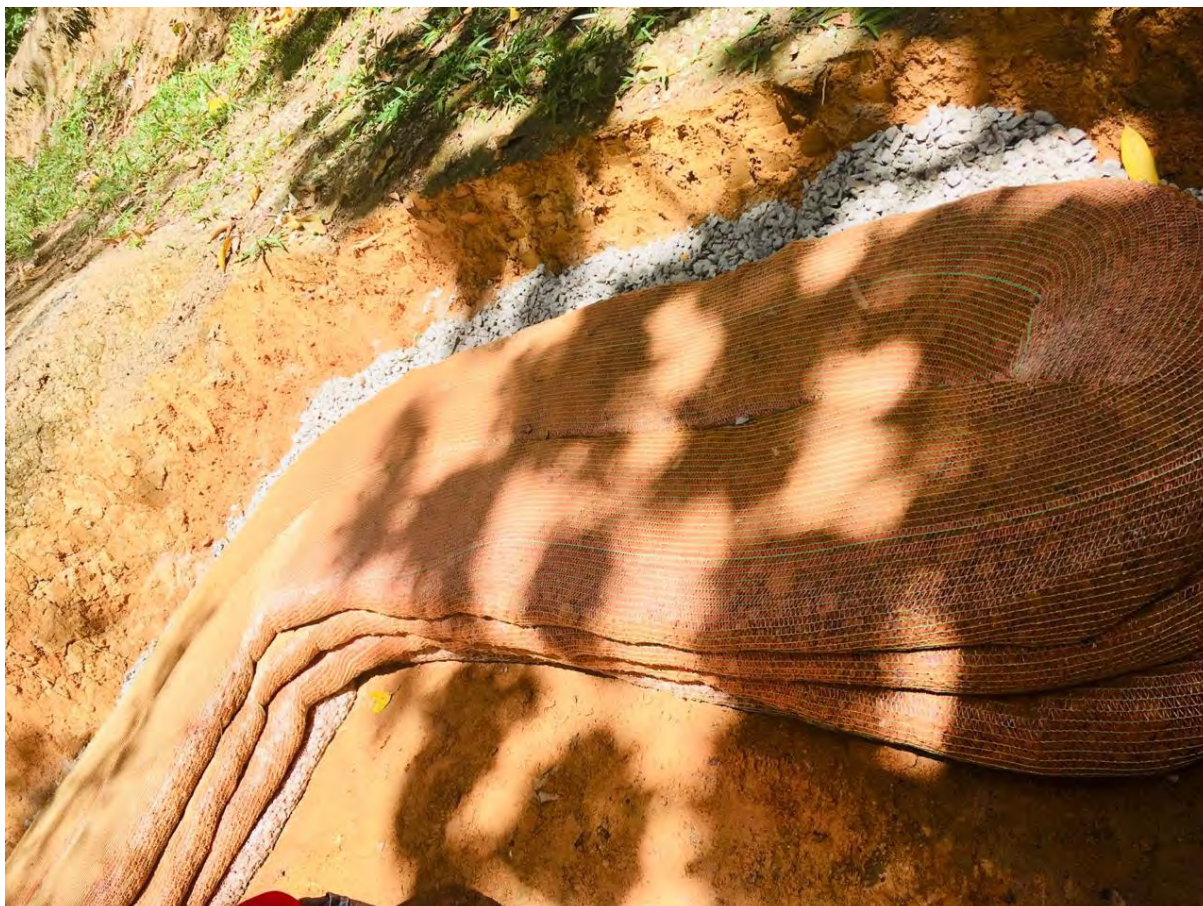
Nesse momento contávamos com todos juntos ali presentes e era muito interessante como a atividade despertava interesse e curiosidade nas pessoas. Algumas ficaram ansiosas para ver o resultado final, outras sentiam a atividade como terapêutica e ficavam muito focados e até quietos realizando as tarefas, enquanto outros riam e faziam perguntas para mim sobre construções com terra. Cada um estava se relacionando com a atividade do seu jeito, mas posso dizer que os observei bastante conectados com a tarefa que estava sendo feita, com leveza e interesse, apesar do trabalho braçal e de estar com a mão na terra, e a terra pelo corpo todo.

Nesse dia conseguimos fechar ainda três fiadas duplas de terra acima da fiada de brita e paramos logo após o pôr do sol quando começou a diminuir a luz do dia. Durante esta segunda etapa do dia conversei com as pessoas se elas gostariam de tomar ayahuasca naquele dia ainda ou no seguinte, e acabamos decidindo coletivamente fazer um pequeno ritual à noite dentro da proposta do trabalho, fazendo referência à ancestralidade representada pelo Dia de Finados.

Assim que acabou o trabalho as pessoas foram lancha, tomar banho ou mergulhar no lago. Deixamos ervilhas de molho desde a hora do almoço para preparar um caldo mais tarde, e me propus a fazê-lo naquele momento, já deixando combinado com todos o horário que começaríamos o ritual.

32. Fiz referência a segunda atividade-teste que aconteceu em abril de 2019.

Figura 28 - Primeiras fiadas de terra piladas



Fonte: VALENTIM, 2019

Eu tinha preparado uma meditação para o trabalho com a substância e decidi usá-la neste ritual. Separamos algumas músicas instrumentais, pontos de umbanda, ciganas e introspectivas para auxiliar e ajudar na condução em um estado alterado de consciência. O chá que usamos era o produzido na casa, que é o consumido habitualmente nos ritos regulares, E assim, nos preparamos com roupas confortáveis, colchonetes e travesseiros para embarcar nessa experiência.

Uma das participantes nunca tinha tomado ayahuasca e estava um pouco insegura com relação aos seus efeitos, então fiz questão de deixá-la bem à vontade caso não quisesse tomar,

além de explicar os efeitos e riscos do consumo, com relação a náuseas, vômitos ou diarreias que podem acometer. Várias pessoas do grupo também se colocaram para orientá-la no sentido de trazer conforto e acolhimento. E assim ela decidiu participar com todos, sem a obrigação de consumir a bebida.

Em um primeiro momento dei as orientações gerais sobre a duração do trabalho que seria curta, cerca de 2 a 3 horas. Também falamos sobre a oferta e tamanho das doses, quando orientei a todos que a proposta seria de um trabalho leve de conexão com o ambiente, com as pessoas e consigo mesmo, focando na sensibilização sobre as relações harmônicas e desarmônicas que estabelecemos.

E assim começamos o trabalho, a princípio seria servida apenas uma dose, mas depois de um tempo, solicitaram um novo serviço e assim fechamos com duas doses. A bebida demora cerca de 30 minutos para fazer efeito e assim, aos poucos, cada um foi entrando nos seus processos. É importante colocar aqui que nenhum registro foi feito, nem áudio, nem fotos e nem vídeo deste momento da vivência, em respeito à privacidade dos participantes por estarem em um momento que pode demandar muita mobilização emocional e mental e, assim, gerar alguma fragilidade.

Em dado momento, depois da metade do trabalho, onde as músicas já estavam mais introspectivas recitei a meditação que tinha escrito:

Dia de Finados

O planeta Terra é repleto de ciclos, então, onde muitas vezes enxergamos eventos sob uma perspectiva linear, é apenas um de muitos pontos de vista.

Sobre a vida, por exemplo, existe a perspectiva linear que é adotada por muitas religiões, mas também existe a cíclica que é adotada por outras religiões.

Assim sendo, o dia de finados marca o fim da linha, mas também pode ser encarada como o fechamento de um ciclo para dar início a outro.

Essa data também nos remete a nossa ancestralidade direta (mãe e pai, avós e avôs) e indireta (descendência remota ou culturas antigas).

Ser grato a ancestralidade é estar ciente e receptivo a tudo que veio antes de você para que você esteja onde está e desfrute da vida.

Na maioria das culturas tradicionais o culto a ancestralidade é marcado por rituais homenageando e agradecendo aos que vieram antes, como no México onde o término da vida é encarado com naturalidade e certa alegria.

Assim sendo, a primeira reflexão que proponho é ser verdadeiramente grato aos seus pais, em primeiro lugar.

Refinem essa gratidão para que ela seja pura e não venha carregada de culpas e arrependimentos.

O que se passou já acabou e está no passado.

Agora é hora de agradecer e seguir adiante.

Busque sempre olhar para esse passado com uma postura conectiva e amorosa.

Se estamos buscando transformar nossas relações, que esse seja o começo, que as reproduções de padrões de comportamentos limitantes e tóxicos, que vêm de gerações, se encerrem aqui, em você.

É possível ser diferente e fazer diferente se conseguirmos enxergar a diversidade de caminhos e possibilidades que nos cercam

Estamos aqui para experienciar, para nos transformar.

Convido a todos a assumir isso da forma mais profunda que for possível.

Nos propomos todos a estarmos aqui hoje, então que a gente consiga mergulhar de cabeça nesse processo. Assim sendo, vamos buscar um “fazer diferente” em qualquer atividade que estivermos realizando. Vamos buscar tomar consciência das nossas razões e ações, procurando romper padrões de comportamento e pensamento.

Eu havia pedido, a quem quisesse, para trazer instrumentos musicais para tocarem sempre que quisessem durante a vivência. E assim, logo depois da meditação, Olivia começou a tocar seu tambor xamânico e puxar cânticos de cabeça. Foi um momento muito especial pois, sob a minha perspectiva, as pessoas pareciam ainda sob muito efeito da bebida então os cânticos ajudaram muito com alegria e amorosidade àqueles que estavam passando por momentos mais difíceis. E logo, o grupo todo se aproximou em uma roda e passamos a cantar todos juntos. Foi um momento muito especial de fraternidade e amorosidade.

Algum tempo depois demos o trabalho como encerrado por conta do avançar da hora.

A maioria das pessoas seguiu para a cozinha para tomar o caldo ou fazer um lanche, enquanto outros já embalaram o sono em seus colchonetes, já que o espaço que fizemos o ritual era uma sala onde a maioria das pessoas tinha seus espaços para dormir. Em pouco tempo todos já tinham se recolhido. Por causa da alteração no cronograma a roda de conversa ficou para o dia seguinte.

5.2.3. Terceiro dia presencial

Acordamos cedo para tomar café da manhã juntos. Alguns animados e outros ainda sonolentos por conta do dia intenso que tivemos no sábado. Era perceptível como o grupo estava cada vez mais coeso por conta das conversas e brincadeiras que preenchiam aquele ambiente com leveza e harmonia. Eu estava me sentindo muito feliz e realizada de finalmente estar ali com todos, desfrutando da oportunidade de realizar essa atividade e ver como em questão de horas o comportamento das pessoas pode mudar completamente, e como esse processo vai se intensificando. Nesta manhã de domingo parecíamos uma família grande fazendo uma refeição juntos, lavando louça juntos, cozinhando juntos, trabalhando juntos e construindo algo juntos para o bem coletivo.

Depois do café, seguimos para a obra, onde Olivia surpreendeu a todos presenteando cada um com uma pequena guirlanda natalina de crochê, estruturada em um anel da tampa de garrafa PET, que ela mesma havia feito. Todos ficaram muito animados com o gesto (**fig.29**).

Ainda faltava uma fiada de terra para chegar na altura do assento e algumas para o encosto. Então pegamos firme para terminar antes do almoço. Dessa vez contamos com músicas variadas em uma caixinha de som para nos inspirar e animar. Fazia parte da minha intencionalidade que os processos acontecessem de maneira mais fluída e leve, a ponto da pessoa se sentir diferente sem necessariamente ser um processo penoso ou árduo. Então tudo

que somasse alegria e descontração foi aceito e incorporado.

Figura 29 - Presenteados



Fonte: VALENTIM, 2019

E assim, cortávamos o saco no tamanho desejado, o vestíamos em volta do funil e enchíamos de terra com os baldes e pás, enquanto outra pessoa ia socando com o pilão a medida que o saco ia enchendo. Seguimos essa sequência até acabar (**fig.30**). Por volta das 11 h outra dupla se destacou para preparar o almoço.

Figura 30 - Estrutura do banco finalizada



Fonte: VALENTIM, 2019

Assim que terminamos o encosto, fomos todos para o lago tomar um banho antes do almoço (**fig.31**). Nos sentimos muito privilegiados de estar em um lugar onde há um espaço natural incrível desses para se banhar. A conexão com a natureza é muito forte só de estar ali de corpo presente, apenas isso já é muito terapêutico.

Figura 31 - Banho no lago



Fonte: VALENTIM, 2019

Almoçamos uma comida deliciosa preparada com muito cuidado e amor pelos nossos colegas e descansamos um pouco, pois ainda faltava fazer o revestimento do banco com uma massa de terra, areia e esterco. Alguns participantes estranharam o esterco de bovino, mas expliquei a eles que aquele material tinha uma propriedade semelhante ao cimento, e que deixaria a massa mais resistente. Para a mistura dessa argamassa, usamos nossos pés, com muita cantoria, danças e alegria. O contato do barro com o corpo parece despertar um

comportamento mais espontâneo, como se todos voltássemos a ser crianças novamente (fig.32). Para essa atividade, que é mais artística e menos braçal, eu sugeri, a quem quisesse, que tomássemos um pouco de ayahuasca com o intuito de fazer uma meditação ativa e criativa (fig.33). Dos 10 participantes 8 tomaram uma pequena dose e seguimos a atividade em silêncio, dessa vez. Foi muito impressionante pois estávamos todos muito conectados com a atividade e muitas manifestações artísticas foram surgindo durante o processo .

Figura 32 - Introspecção com a mão no barro



Fonte: VALENTIM, 2019

Falamos muito durante toda a vivência sobre o Ho’oponopono³³ e como sua alegoria significava muito para o grupo, e assim os participantes começaram a decorar o banco com as britas e fazendo escritos relativos à meditação Ho’oponopono: “sinto muito”, “me perdoe”, “eu te amo” e “sou grata”, além de colocarem a data do dia: 03/11/2019 (fig.34).

Figura 33 - Decorando a obra



Fonte: VALENTIM, 2019

E assim finalizamos o banco, com muita alegria e sensibilidade, com muito carinho,

33. Prática havaiana de respiração e meditações que busca a compreensão de questões físicas, mentais, emocionais e espirituais, por meio do arrependimento, perdão, amorosidade e transmutação.

cuidado e envolvimento. Minha sensação é que algo mágico havia acontecido que eu nem saberia explicar, talvez algo como um “inédito viável”. Foi especialmente interessante para mim como eu organizei toda a vivência, dentro do conceito da “ComVivência Pedagógica”, mas mesmo que tudo tenha ocorrido dentro da minha intencionalidade, muitas partes foram além das minhas expectativas e chegaram a dimensões que vão além da racionalidade, que nos tocam e transformam profundamente.

Figura 34 - Decoração com Ho’oponopono



Fonte: VALENTIM, 2019

Após o término, fomos todos tomar banho, nos arrumar e juntar nossas coisas, a experiência estava quase chegando ao fim. Preparamos um café e servimos um lanche com o

que ainda tínhamos. Uma participante teve que sair mais cedo então não pôde participar da última roda de conversa, mas convoquei a todos os presentes para nos sentarmos a mesa para relatar o que perceberam e sentiam.

Primeiro perguntei a todos o que mais chamou atenção de cada um, do que mais gostaram e do que mais sentiram dificuldade durante a experiência. Pedro começou relatando:

[...] acho que minha grande dificuldade talvez tenha sido o estado emocional mesmo que cheguei, Eu tava bem (pausa) mexido com várias questões, tava um turbilhão de coisas acontecendo: final de faculdade, tô tendo dificuldade de arrumar estágio na minha área, então, assim, tá batendo aquele pânico de fim de faculdade (pausa), mas acho que essa foi a grande dificuldade mesmo, porque enfim tinha que me isolar de tudo, né? Porque tinha que desligar celular, essa era a proposta. Estar inserido totalmente aqui e minha cabeça tava totalmente lá fora, mas, assim, eu acho que foi muito fácil voltar para cá e esquecer o que tava lá fora. Isso foi muito bom (informação verbal³⁴).

Depois, o questioneei sobre qual parte da atividade despertou maior interesse ou sentiu maior afinidade, e ele respondeu:

[...] a dinâmica com todo mundo, assim, todo muito foi extremamente receptivo com todo mundo, sabe? A gente trabalhou estilo formiga ali, sabe? Ninguém precisou ficar dando ordem, falando nada, a parada fluiu com uma naturalidade que eu fiquei surpreso. Que eu não vi ninguém, sei lá, precisando toda a hora perguntar o que tinha que acontecer, não vi ninguém necessariamente coordenando assim, embora você tivesse um papel mais à frente, né? Entre aspas, por você tá com o projeto na cabeça e tem o conhecimento das técnicas, eu acho que a coisa fluiu, assim, de uma maneira totalmente natural. Era se como todo mundo soubesse o que tivesse que fazer, e isso é muito legal (PEDRO. Informação verbal).

Ainda cheguei a perguntar depois sobre alguns dos conceitos e princípios abordados na apresentação do sábado, e ele colocou:

Eu acho que assim, que a gente acabou tendo mais contato com talvez até essa questão da (pausa) essa indignação ética. Eu acho que foi mais, assim, talvez na

34. Todas as menções aos participantes neste subtítulo se referem à roda de conversa final realizada no dia 03/11/2019.

palestra que a gente teve bastante discussão, foi bem legal, sabe? A parada se estendeu que uma forma que eu não tava nem esperando que fosse se estender. E (pausa) eu acho que foi principalmente ali, entendeu? Eu acho que foi isso (PEDRO. Informação verbal).

Fomos seguindo uma ordem de quem estava sentado à mesa, a princípio, então passei a palavra para o José:

No caso a maior dificuldade foi escavar o barranco, né? (risos de todos) Eu tenho os pulsos abertos então, devido a um acidente que eu tive a alguns anos atrás, não é só o pulso não, o ombro também, então, eu vou falar as dificuldades, tem que ser sincero, não? Então, ali foi para mim foi bem exaustivo, mas depois a gente engrena aí, como ele (Pedro) a dinâmica, né? A formiguinha, cada um fazendo sua parte, e vai fluindo naturalmente. E o que eu mais gostei foi tudo, cara. Ver vocês ali na arquitetura, naquela escultura maravilhosa, olhar o ‘sorriso nos lábios’ de cada um, acho que isso aí é tudo! (risos) (informação verbal).

Em seguida, Pedro pediu a fala novamente para complementar algo de que se lembrou sobre os princípios:

[...] você me perguntou sobre a questão dos cinco princípios, e na realidade, assim, eu pensando agora eu acho que rolou um respeito que eu não sei se já tava dentro das pessoas ou não, mas com relação ao cuidado na hora que a gente tava fazendo todo trabalho para não matar bicho no meio do processo, entendeu? Ter um respeito com o ambiente e com os seres que já estão ali, entendeu? Então, não sei se isso já era uma carga que todo mundo tinha ou se foi algo que foi criado dentro dessa dinâmica, entendeu? Mas foi algo que eu achei muito interessante, porque não é muito comum isso. Eu raramente vejo isso (informação verbal).

Passei a palavra para a Julia comentar sobre suas considerações de acordo com o que foi perguntado:

Dificuldade, eu analisando aqui, eu acho que nenhuma, se fosse antigamente eu até teria em questão de me comunicar, porque eu fico mais na minha, quieta, e até que eu tô me surpreendendo porque eu tô falando (..) e a parte que eu mais gostei foi a questão que tudo fluiu que não precisava dar ordem para fazer as coisas, todo mundo estava unido, voltado mesmo para o projeto (informação verbal).

A perguntei se alguns dos conceitos abordados anteriormente chamou mais a atenção

dela durante a vivência, e ela respondeu: “a questão coletiva mesmo” (JULIA. Informação verbal). Prontamente, Ana deu prosseguimento à roda de conversa:

O que eu vi de muito positivo foi realmente o grupo, de trabalho, né? Eu acho que realmente fluiu, assim, muito bem, uma energia sempre muito boa, as músicas também, o local, né? Tudo influencia, e até falei: nossa! Parece que a gente está aqui já há uma semana. Porque assim, é a coisa da imersão, né? Essa imersão, ela é muito importante mesmo porque você tá ali e você se entrega. Eu até esqueci, né? Lá fora. Que é o meu intuito era esse mesmo, né? Vir para a natureza e me entregar nesse processo. Eu não imaginava, nem sabia direito o que era para fazer, e achei bem interessante, e gostei também da sua pesquisa. E fiquei muito feliz com o que a gente conseguiu fazer em tão pouco tempo, e aí realmente você vê como que o trabalho no coletivo, né? E quando flui, assim, de forma harmônica, ele é poderoso. Que a gente fez uma limpeza ali naquele ambiente. A gente fez uma (pausa) você vê que tá tudo harmônico o ambiente, e é né? Como até o João falou: nossa! Aqui tava um lixo! E realmente, assim, tava aquele caos ali né? Tudo (pausa) e aí foi todo mundo foi ajeitando, cada um vendo que precisava fazer, cada um foi já se colocando numa função, sem ter que ter uma liderança tão firme, né? Cada um foi percebendo, tipo: agora precisa de pegar o balde, agora precisa de pegar (pausa). Claro que em alguns momentos você tinha que tomar a frente, e eu achei legal a forma como que você conduziu, porque você não ficava falando: gente! Tem que fazer isso. Você ia lá e começava a fazer, e aí depois as pessoas iam te ajudar, iam fazendo. Então, assim, que você mostrava, fazendo. Eu achei isso bem interessante, eu percebi isso. E depois a gente ia se colocando nas funções, teve pessoas que ficaram mais em alguma função, por quê, né? Se sentiram bem ali e estavam fazendo um bom trabalho. Então, assim, eu achei muito legal, eu fiquei muito feliz com o resultado, né? Que nosso banco tá lá, lindão! (risos) E até o que rolou depois, né? Da coisa Ho'oponopono como que veio isso, como que surgiu. E aí a gente teve a ideia e todo mundo aceitou, e acabou fluindo mesmo. Assim, foi tudo mundo bom, eu tô muito feliz, assim, de estar aqui (informação verbal).

Perguntei a ela se sentiu alguma dificuldade durante a vivência ou na realização de alguma tarefa específica, e ela colocou:

Não, assim, o que eu senti mais foi a coisa do corpo né? De sentir um pouquinho de dor no início, mas depois também, até o próprio corpo (pausa) eu achei até que eu fosse acordar hoje com corpo dolorido, não, não aconteceu. Fluiu super bem também, fiquei bem fisicamente e depois também que eu entrei nas atividades, eu adaptei, e o meu corpo adaptou e comecei (pausa) parece que a terra né traz uma energia muito boa. (...) Eu não tô acostumada a mexer na terra, não tenho habito nenhum de, nem de ficar descalça eu tenho, eu até quis ficar descalça, né? Por isso, para sentir mesmo a energia e esse contato com a terra, mas depois eu, assim, o que eu senti mais dificuldade foi isso, e também na hora

que você jogou o esterco, eu falei: gente! A gente vai ficar pisando no esterco mesmo? Como que é? Aí eu lembrei: Mas a vaca só come mato, tá tudo certo, tá ótimo! Não vai fazer mal nenhum (risos), mas é porque, realmente eu não tenho essa convivência, e foi muito bom, ter essa convivência né? Foi bem rico (ANA. Informação verbal).

Maria deu prosseguimento fazendo sua fala:

Falar em dificuldade para mim, nesse tipo de atividade é (pausa) de verdade, assim, não vejo dificuldade, na verdade a dificuldade é de sair dela, porque você fica tão imerso, né? Tão conectado com você e a sinergia, né? Que vocês estão falando aqui, a sinergia entre as pessoas que você mal conhece é muito intensa. E é uma empatia assim, né? É um cuidado velado com outro né? Você respeita nas palavras, na forma de tratar né? Pergunta se precisa de alguma coisa, você vê se a pessoa tá precisando de alguma coisa, e já vai lá. Então, assim, as coisas que me chamaram atenção também, né? É o que chamou atenção dos outros, que a relação horizontal que isso para mim é, assim, acho que deixa as pessoas muito confortáveis né? Ser como elas são, gente não precisa mostrar que é outra coisa, né? E a questão da sinergia também com pessoas que você nunca falou, nunca viu e a gente se dá super bem, assim, quem está aqui tem um mesmo ideal, mesmo propósito, veio aberto, né? Não sabia o que ia acontecer, eu acho que ninguém sabia exatamente, né? Assim, ninguém leu sobre (pausa) você trouxe alguns vídeos provocativos e tal, e isso, assim, amplia nosso pensamento, nossas sensações, os nossos diálogos, e a gente conversou sobre “n” coisas, né? Não só sobre aqui. A gente também não é um grupo de pessoas bitoladas, radical, no sentido, assim, de: ah! O mundo lá fora tá todo errado, vamos viver aqui isolado, a gente falou sobre isso, né? Então, assim, é tentar viver harmonicamente no caos, né? Que é lá fora, (...) mas a gente, acho que precisa desses momentos para reabastecer, para se energizar. Eu saio daqui, assim, muito forte, eu tô com uma energia, assim, renovada mesmo, porque eu saí sexta-feira do trabalho assim cansada, eu tô com um problema com as pessoas, né? Porque vibra é diferente, né? O que a gente falou aqui então, quando a vibração é diferente parece que puxa, então você fica muito mais cansado, né? Você não quer tá perto. E o que parece é que a gente precisa desses momentos mesmo de contato não só as pessoas, né? Sem interesse nenhum, totalmente aberto e com a natureza né? Numa relação de muito respeito assim, a gente se propôs a fazer algo e a natureza estava toda a nosso favor: não choveu, tinha árvore fazendo sombra, a gente conseguiu terra daqui mesmo, o Bruno, né? Recebendo a gente aqui, nesse lugar então, né? Porque poderia ser qualquer outro, enfim. Quem veio aqui é porque tinha que estar, né? Você chamou quase 30 pessoas então, assim, é um privilégio para a gente estar aqui. Poderia ter acontecido mil coisas que: ah! Infelizmente não vou poder ir, né? Mas a gente tá aqui. E muita das coisas que eu passei aqui esse final de semana me remeteram à infância, porque as minhas férias era um lugar assim, isolado no mato, e a gente vai crescendo, a gente vai perdendo isso. Eu brinquei muito no mato, eu morava num bairro que foi todo descampado atrás da minha casa para construir um bairro novo e a terra era vermelha, eu chegava com as canelas vermelhas igual eu fiquei hoje, sabe?

(risos) Quando eu fui tomar banho. E toda ‘russa’ assim de terra, e a gente perde, porque a cidade, né? É coberta de asfalto, você fica com uma poeira, (pausa) é diferente, né? Uma poeira escura diferente do barro. (...) E a gente fica também acho que sonhando assim, né? Com as coisas, a gente vê novas possibilidades: eu já imaginei comprar um terreno e levar vocês para construir minha casa (risos). Já sei quem é bom de braço, né? (...) E é tudo muito simples, né? (pausa) Eu não senti a menor falta de nada que tava fora, de telefone, de tecnologia, de pessoa, nada! Não que eu não me importe, né? Mas é diferente, eu tô aqui comigo, né? E com vocês. Eu tô aqui por inteiro, e acho que falta muito isso hoje (informação verbal).

Em seguida, Olívia colocou seu ponto de vista:

[...] eu tô muito honrada por estar aqui, né? Eu lembro que sempre incentivei a Sofia a fazer tudo que ela chegava e me contava, né? Em matéria de estudar, de formar, de fazer curso. (...) E, se você me perguntar a maior dificuldade que eu tive, eu vou dizer, a maior dificuldade que eu tive foi chegar em Seropédica (risos). Dali para cá foi tudo melhor! Tudo fluiu, tudo correu bem! Tudo que eu vivenciei aqui, com esse grupo que, muitos conheci ontem, né? Foi assim uma interação tão grande, tão, tão esquisita, né? Porque são pessoas que eu conheci há pouco tempo, mas parece que existe uma convivência antiga, e isso me surpreende, né? Eu sou, eu sou meia antissocial, né? Assim, nas reuniões eu entrava muda e saia calada, e pouco falava. E durante a ayahuasca eu soltei o verbo, cantei e toquei tambor. E isso me deu uma libertação, digamos assim. O trabalho com terra, com jardim, ao ar livre, me encanta, porque eu gosto de ficar mais no jardim lá de casa do que dentro de casa, gosto mais de trabalhar no jardim do que fazer atividades domésticas, gosto muito. E estou muito feliz de ter vindo e de ter participado, de ter vivido e dos resultados que nós obtivemos nesse período. (...) A diferença que nós implementamos num espaço de tempo muito pequeno, né? Tô cansada (risos), cansada e feliz (informação verbal).

Logo após, Bia compartilhou sua perspectiva da atividade, seguido de João:

Eu achei muito legal essa ferramenta, essa é uma ferramenta que pode (pausa) combater a desigualdade social no nosso mundo e também pode ser uma ferramenta para a gente ressignificar a forma que a gente lida com a sociedade, com o mundo, com o nosso entorno, com nós mesmos, com o coletivo. Então, eu achei isso muito maravilhoso, achei o projeto maravilhoso. Parabéns! Que bom que existem pessoas que, trazem essa luz, assim, para o mundo, e é isso (pausa). Minhas dificuldades, assim, eu não tenho nada para falar em relação a isso, assim, achei que tudo foi bem tranquilo (informação verbal).

Eu sou um apaixonado por bioconstrução, apesar de não tá trabalhando sempre com isso, mas tô sempre estudando, tô sempre vendo, né? Sofia foi uma das minhas referências e inspirações para poder entrar nesse objeto de estudo, né? E

é impressionante, assim, eu percebo a força que a bioconstrução, e trabalhar com recursos naturais, têm, de nos reconectar com a natureza, nos reconectar com nossa ancestralidade, nos reconectar com a gente mesmo. Tem aspectos terapêuticos embutidos nesse tipo de atividade, tem aspectos que (...) a gente não tem nem noção, a gente nem tem consciência, mas que a gente tá trabalhando a nossa infância ali, revivendo nossa infância e revivendo várias coisas ali, que é uma infância perdida, né? O pouco tempo que eu fui ali que mexi no barro, nossa! Me veio tanta coisa na cabeça, me veio tantas sensações diversas ao mesmo tempo ali com o barro na mão, é como se eu tivesse mexendo no barro, mas eu tivesse reconectando com crianças perdidas. (...) Tem muito tempo que eu não mexo com barro, assim, que eu não faço esse tipo de trabalho, né? E ao mesmo tempo, não só com passado mas também a coisa da reconexão com a própria terra, que é o lugar onde a gente se sente natural, né? Natural na nossa essência. Parece que a gente tá no lugar certo, parece que a gente tá na nossa casa de alguma maneira quando a gente começa a se conectar com esses materiais naturais. E isso tem um impacto muito forte também, essa reconexão, né? O que me chamou mais atenção foi justamente essa capacidade que a gente teve de realizar um projeto completo até o final de forma tão fluida, assim. Como eu cheguei a comentar com a Sofia, que eu falei: ‘Sofia tô meio preocupado, será que vai dar certo? Será que vai dar tempo? Não sei, não tem ninguém gritando chamando as pessoas para ir trabalhar (risos), como é que vai ser isso, cara? Ou seja, fluiu (...) de uma maneira muito linda, ninguém precisou dar ordem em ninguém, ninguém precisou chamar a atenção de ninguém, ninguém precisou nem falar nada com relação a horários e etc. (JOÃO. Informação verbal).

Nesse momento Olivia interrompeu fazendo uma correção na fala de João: “tinha a taça tibetana (risos)”, que foi usada como despertador coletivo. Então, João complementou:

[...] (risos) mas era tão confortável e tão maravilhosa, né? Mas enfim, aconteceu de uma maneira muito, muito fluida, muito bacana e isso se refletiu no trabalho acontecendo, para mim, até de maneira (pausa) até meio inacreditável, assim, eu nem acreditava que ia dar certo assim, da maneira como deu, e deu muito certo! Porque a gente trabalhou duas, três horas, efetivamente, ontem no projeto. né? Hoje a gente, na parte da manhã, também iniciamos, mais ou menos umas 11 horas e terminando mais ou menos meio-dia, mais umas 3 horinhas. Então, a coisa acontecendo uma maneira muito fluida, né? E eu olhando, né? (...) eu olhando vocês trabalhando, aquilo me emocionou muito, assim, de ver, porque eu realmente acho que nesses momentos assim a gente toca no que vai ser o futuro da humanidade, assim, sabe? Positivamente, assim falando, né? São alguns momentos que você percebe onde as pessoas estão ali nas suas essências ali. Não tem um risco de ego, não tem um risco de atrito, não tem risco de pensamento negativo, nada! Tá tudo acontecendo de maneira (pausa) vira um sistema que acontece todo ele inteiro de forma harmônica, né? E nesses momentos me dá uma felicidade muito grande, porque nesse momento você atinge ali, não sei explicar, mas atinge ali se existe um ideal, né? A coisa da vida ideal de se viver, né? Que é o que a gente tanto procura nas comunidades, e de

todos esses desafios que a gente passa nas grandes cidades tentando descobrir como viver de forma feliz. E é meio isso, assim. A gente está tendo alguns relances de o que é o paraíso, vamos dizer assim. Eu olhava assim e é tipo paraíso (...) aquele momento que tava todo mundo trabalhando e fazendo seu trabalho feliz, e feliz (...) por estar aonde está, não querendo o papel do outro (...), não com inveja do outro tá fazendo aquilo, e eu queria tá fazendo aquilo, não! Tava cada um fazendo o que escolheu fazer, e no momento que escolheu fazer e da forma que escolheu fazer. Então isso é muito lindo de se ver, assim, é uma quebra de paradigmas interessante (pausa). E uma outra coisa também é o que eu acabei ficando na função de limpar o ambiente também, tirando as coisas, (...) é muito transformador também internamente, né? Você vê um ambiente que tava muito feio e depois vê ele bonito (...) e você que fez aquilo isso, isso (...) dá clareza de pensamento, parece que meu pensamento tá mais claro agora. É impressionante! A gente leva isso, né? Então perceber essas coisas, assim, que são os momentos que a gente se sente mais vivo, né? Quando você tá fazendo uma coisa assim sem nenhum tipo de ordem, não tá recebendo ordem para fazer, você tá fazendo porque optou fazer, tá feliz com aquilo que você tá fazendo, e você tá fazendo aquilo. Então, para mim, foi muito, muito gratificante. (...) a gente tá tentando descobrir a maneira de viver isso 100% do nosso tempo, mas estamos caminhando pouquinho a frente ali, pelo menos dando os nossos passinhos, né? Então é isso, quero agradecer muito, muito obrigado! Gratidão! E gratidão todo mundo aí, que foi lindo demais! Valeu! (JOÃO. Informação verbal).

Após a longa fala, ainda questionei ao João sobre quais foram as dificuldades que ele encontrou vivenciando todo esse processo. Ele respondeu: “então, minha dificuldade foi essa, o desespero de achar que não ia dar tempo (risos)” (informação verbal). Em seguida Ana complementou sua perspectiva sobre o assunto: “mas tinha hora que parecia que não ia dar tempo mesmo, (...) mas ninguém correu também”. Me senti instigada a responder a essas falas então coloquei para todos:

Assim, eu fiquei preocupada, porque eu queria ter um processo que tivesse um início e um fim, né? Mas assim, eu fiquei mais despreocupada porque eu (...) imaginei que a gente fosse subir mais fiadas, mas não precisa subir tantas, vamos subir menos, e aí a gente conseguiu encaixar as coisas no tempo que a gente tinha, sem problema nenhum (informação verbal).

E segui com a roda de conversa fazendo mais perguntas, porém, de uma maneira mais direta e sucinta nesse momento. Pedi aos participantes que colocassem em uma palavra a sensação que tiveram ao mexer com a terra. As pessoas foram respondendo cada um em seu

tempo. Ana respondeu: “conexão e alegria” (informação verbal), João disse: “harmonia”, “consciência” e “brincadeira” (informações verbais), Pedro: “liberdade” (informação verbal), Maria disse: “concentração” e “criatividade” (informações verbais), Julia falou “força” (informação verbal), José: “amor” (informação verbal) e Bia: “evolução” (informação verbal), Olivia: “brincadeira” (informação verbal). Olivia, então, fez um comentário sobre sua fala: “teve um momento que a música (pausa) a gente tava fazendo os passos da música pisando no barro, como se a gente tivesse dançando no barro. Foi muito legal” (informação verbal). E depois comentei sobre uma percepção minha do que a Olivia trouxe, seguida de uma percepção do Pedro sobre a atividade:

[...] A gente tem possibilidades de viver qualquer processo na vida de uma maneira feliz, entendeu? Mais harmônica, mais confortável. As coisas não precisam ser com violência com agressividade, com peso e culpa, sabe? (...) Dá para a gente viver de outra maneira, sabe? (...) Que a gente fez um trabalho super pesado, de força, de desgaste físico e na base da brincadeira, entendeu? (SOFIA. Informação verbal).

Na verdade a própria questão, assim, da educação, sabe? Dela se tornar uma brincadeira, assim eu acho que ela facilita muito aprendizado, sabe? Porque ninguém se sentiu pressionado: Ah! Eu preciso aprender isso! Você simplesmente aprende. A informação simplesmente chega (...). Ela chega de uma forma que faz parte de você, sabe? Não é tipo um troço que você tem que tentar encaixar em você e ‘cacete’! Como se faz isso? Entendeu? (PEDRO. Informação verbal).

Maria levantou um dos princípios formativos que mais marcou na percepção dela, e em seguida eu contei aos participantes a série de rupturas que eu precisei passar, ainda na organização da atividade:

Eu acho que a desestabilização criativa, assim, pensando nos princípios, atravessou a todo o momento né? Porque você tinha uma ideia, mas o que saiu, assim, foi do coletivo, né? A gente sugeriu mudanças no final: faz assim, faz assado e tal. Então, teve muita criatividade, também, achei isso muito legal. Do Ho’oponopono, né? Do formato, tudo assim. Foi muito criativo (MARIA. Informação verbal).

Antes da atividade (...) que eu tive vários desafios, né? A questão do rolo (do

hiperadobe), né? Que sumiu e a gente não sabia onde que estava, e aí eu vim aqui no final de semana passado procurar. E procurei por e tudo lá em cima e não achei. E então a gente achou faltando pouco tempo, e aí eu já fiquei pensando (...) aquela coisa, né? Pô, eu vou ficar desesperada ou vou pensar em outras possibilidades que também vai acontecer alguma coisa e vai ser bom, entendeu? Então, eu tive também um trabalho interno muito grande, assim, de desapego (...). Que eu tenho muito problema com controle, sabe? Então, assim, as vezes eu fico muito apegada que as coisas sejam da maneira que eu quero, sabe? Então, esse trabalho também, eu tô me sentindo também muito transformada nisso, sabe? De eu conseguir me desapegar, de conseguir trabalhar com as possibilidades que vão chegar e vão surgir. Fiz questão de não fazer nem um projeto ali, sabe? (...) Eu sei a técnica, a gente vai construir ali e vai sair o que sair, sabe? Bem orgânico, né? (SOFIA. Informação verbal).

Maria seguiu muito interessada no debate, e fez uma fala contando sobre suas transformações:

Então a gente podia falar, assim, o que te transformou? Porque a ideia é uma experiência de transformação. Transformou a relação com meu corpo, porque eu senti assim que eu trabalho muito pouco o corpo. Por mais que a gente faça atividade física, seja diário ou não, né? Meu caso não é todos os dias. Mas assim, a forma como eu trabalhei o meu corpo nesse final de semana, eu não fazia isso há muito tempo. Então assim, isso foi transformador para mim, saber que o meu corpo é potente, que ele tem muita força e que eu preciso articular ele ao interno, ao intelecto assim, né? Eu acordei muito disposta, apesar do cansaço de todo do trabalho, eu acordei muito, muito disposta (MARIA. Informação verbal).

E os demais participantes seguiram comentando sobre o que sentiram que transformou dentro deles. Olívia comentou sobre como sentiu uma sintonia fácil com pessoas que mal conhecia: “(...) Eu me percebi capaz de interagir com o grupo, que acabo de conhecer e me harmonizar com eles e trabalhar ombro a ombro. Isso foi muito bom para mim, isso me transformou” (informação verbal). Enquanto João comentou sobre sua relação com o tempo:

[...] o que me transformou foi a minha relação com o tempo, justamente aquilo que eu tava falando, né? Que a gente tem um padrão de tempo e tenta encaixar as coisas dentro de um tempo que existe dentro da nossa cabeça, e de alguma maneira o tempo se expandiu e tudo deu para ser feito. Então, foi muito importante e muito interessante esse formato horizontal e fluido, porque transformou a minha relação com o tempo assim, de alguma maneira (JOÃO. Informação verbal).

Em seguida, Pedro comentou sobre como sentiu seu estado emocional se transformar dentro dele:

Eu acho que o que me transformou foi meu próprio estado emocional, né? Porque, enfim, eu cheguei desestabilizado eu, sei lá, a construção ali me reconstruiu um pouco, também, porque eu tava precisando um pouco disso. (...) Teve uma hora que eu também entrei nessa neurose de: caraca! Será que vai dar tempo? Parece que tem muita coisa para fazer, muito trabalho, e aí eu pensei: ah! Quer saber? Vou deixar fluir, sabe? Que a proposta é essa. E deu certo! (PEDRO. Informação verbal).

Julia relatou que conseguiu se conectar mais com as pessoas e consigo mesma durante a vivência: “a interação com as pessoas e a conexão, principalmente comigo mesmo e com a natureza, (...) conexão com a alegria, minha mesmo, sabe? Foi algo leve, muito leve para mim” (informação verbal). Ana relatou que o que mais mobilizou ela foi a possibilidade de vivenciar outro modo de vida:

Para mim que assim que eu vejo de transformação é justamente esse modo de vida, né? Que é uma coisa que eu sinto falta, de estar na natureza, vivendo mais na natureza. E, assim, você tem uma vida leve, né? Foi assim, um final de semana muito leve, mesmo o trabalho sendo pesado. Então, isso é transformador porque, tipo assim, eu internamente, né? E minha mente e tudo tá muito leve, assim, eu tô flutuando, assim. Então, esse modo de vida mesmo, poder ver que existe uma possibilidade de você ter um outro estilo de vida, né? Que te traz mais paz, que te traz mais conectividade, né? Que tem mais a ver com a sua essência, então isso é transformador, e na verdade esse final de semana eu tive uma amostra grátis aí, né? (risos) Disso, né? De que é possível viver bem e viver na paz, (...) poder se desconectar mesmo, que eu acho que a gente não tem que ficar o tempo todo online, (...) porque acaba virando uma regra, né? E você pode fugir um pouco disso, (...) eu não sou tão ligada ao celular, mas a gente acaba ficando, né? (...) Eu acordo e primeira coisa que eu faço é pegar o celular, e eu quero mudar esse hábito, e aqui não se sente necessidade nenhuma de pegar o celular em hora nenhuma (...) então acho que isso foi transformador, poder estar experimentando um modo de vida e com pessoas que eu não conhecia, praticamente, né? E foi super bom, né? Fluiu tudo muito de forma harmônica mesmo (ANA. Informação verbal).

A fala de Ana instigou Pedro a comentar sobre sua percepção da possibilidade de se trabalhar fora de um modelo hierarquizado:

[...] a própria ideia de trabalhar sem essas hierarquias, entendeu? Eu acho que mostrar que isso é possível, entendeu? E que, na realidade, isso até faz com que a coisa flua melhor, eu acho que isso também foi algo legal, assim, para se ter em mente. Porque você tira completamente a necessidade de uma disputa entre as pessoas, entendeu? Uma disputa de ego, evita os rompimentos, entendeu? Os rompimentos que, as vezes são baseados nada, só em (pausa) nessa coisa de querer estar acima, sabe? E aqui não tinha acima para estar, e ver que isso é possível, sabe? É bem legal! Pô, é possível entre pessoas que, as vezes nem se conheciam. Eu não conhecia muita gente, entendeu? Então, eu achei muito interessante (PEDRO. Informação verbal).

Fiz um comentário sobre a fala de Pedro antes de finalizar: “sair de uma lógica de competição para uma lógica de cooperação, né?” (informação verbal). E segui para minha fala final, pois estávamos todos cansados e precisávamos ainda retornar para nossas casas. Comecei comentando sobre meu processo pré-vivência que me marcou muito:

O que tem me transformado (...) que apesar da atividade estar se aproximando e tal, eu não fiquei em um estado emocional alterado, como eu costumo ficar, né? Não fiquei desesperada, sabe? Tipo, a parada do rolo que tinha sumido, não fiquei desesperada. (...) então, eu tô até numa posição meio de espectadora de mim mesma, (...) às vezes eu nem me reconheci direito, sabe? De como eu me dei bem, assim, com esses desafios e não entrei num pânico, não entrei numa loucura. E eu tô muito feliz, assim, com isso. De ter tudo fluído bem, também, sabe? A gente ter conseguindo trabalhar as relações de uma maneira horizontal, a gente ter conseguido trabalhar terminar as coisas de uma maneira horizontal, sabe? Finalizado a atividade de uma maneira horizontal, sabe? Sem estresse, assim, foi tudo muito tranquilo. Enfim, eu tô muito feliz e só tenho a agradecer a todos vocês e a cada um de vocês (SOFIA. Informação verbal).

5.3. Identificando o Sujeito Coletivo e suas Representações Sociais

Para analisar os discursos apresentados durante as rodas de conversa da vivência optei pela metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), na qual é possível desvelar as Representações Sociais (RS) sem perder as perspectivas individuais e do grupo. A necessidade de se analisar os discursos de forma coletiva se apresentou por conta das falas

terem sido feitas dentro de um momento de reflexão entre os sujeitos que eram instigados uns pelos outros, complementado ideias uns dos outros. Assim, foi produzida uma trama discursiva que precisa ser analisada pelo seu conjunto.

[...] o método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) como um método de resgate da Representação Social (RS) caracterizado pelo fato de buscar reconstituir tais representações preservando a sua dimensão individual articulada com a sua dimensão coletiva (LEFEVRE & LEFEVRE, 2014. s/p.).

Ao analisar os dados, nos deparamos com elementos discursivos que estão incutidos nos sujeitos na “qualidade de conhecimento do senso comum” (LEFEVRE & LEFEVRE, 2014. s/p.), isso é o que chamamos de Representações Sociais. Elas “são esquemas sociocognitivos que as pessoas utilizam para emitirem, no seu cotidiano, juízos ou opiniões; são uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e partilhado, de uma realidade comum a um conjunto social” (FIGUEIREDO, 2013). Essas representações, uma vez identificadas, simbolizam claramente uma síntese empírica de conhecimentos de determinado grupamento humano que, por sua vez, são reproduzidas pela maioria dos seus membros. “As RSs sob a forma de depoimentos coletivos veiculam histórias coletivas a respeito de um dado tema ou problema pesquisado” (LEFEVRE & LEFEVRE, 2014. s/p.).

Ao identificar as representações sociais nos discursos podemos organizá-las em categorias, assim, “as opiniões ou expressões individuais que apresentam sentidos semelhantes são agrupadas em categorias semânticas gerais” (LEFEVRE & LEFEVRE, 2014. s/p.). Ao analisar esses grupamentos por frequência e conteúdo é possível desvelar o sujeito coletivo por meio de uma composição síntese das falas individuais.

O diferencial da metodologia do DSC é que a cada categoria estão associados os *conteúdos* das opiniões de sentido semelhante presentes em diferentes depoimentos, de modo a formar com tais conteúdos um depoimento síntese, redigido na primeira pessoa do singular, como se tratasse de uma coletividade falando na pessoa de um indivíduo (LEFEVRE & LEFEVRE, 2014. s/p. grifos do autor).

A partir do discurso síntese e da conformação do sujeito coletivo a análise do seu discurso se divide em dois produtos: falando e falado.

Este indivíduo/coletivo é um sujeito falando/falado já que carrega, além dos conteúdos da RS que pessoalmente (falando) adota como prática discursiva, também os conteúdos (falados) dos 'outros', ou seja, das representações semanticamente equivalentes disponíveis na sociedade e na cultura e adotadas por seus 'colegas de representação' (LEFEVRE & LEFEVRE, 2014. s/p.).

Assim, o sujeito falando representa o comportamento discursivo em sua forma, enquanto o sujeito falado a representa em seu conteúdo. Dessa maneira é possível que os sujeitos comuns se identifiquem com ambas, como se fosse um discurso individual. “Na forma de DSCs as RSs ficam, pois, bastante próximas das opiniões como elas de fato são praticadas por coletividades de atores sociais” (LEFEVRE & LEFEVRE, 2014. s/p.).

Analisando o primeiro grupo focal da vivência antes do início das atividades com o barro podemos observar muitas diversidades e divergências de pensamento. Porém, a análise aqui proposta requer a investigação do discurso por meio da convergência das falas e não da divergência. Para ilustrar o processo de análise foi utilizada a ferramenta de nuvem de palavras³⁵ que corroboram com o discurso coletivo revelado nos dois momentos. (**Fig. 35 e 36**).

35. Apresentação visual de um texto onde as palavras ficam hierarquizadas pelo tamanho, na qual as mais faladas são as maiores. As imagens foram geradas no site: <<https://wordart.com/create>>.

acredita na potência individual e coletiva de transformação.

Quando analisamos a nuvem de palavras (**fig. 35**) é possível capturar a essência do conteúdo do sujeito falado. Assim, o sujeito coletivo do primeiro grupo focal contém elementos muito similares aos do sujeito da informação de Larossa (2002) porém, ele reconhece o valor da experiência e busca o saber da experiência. É um sujeito que quer se transformar.

No segundo grupo focal, que foi a última atividade da vivência, os temas debatidos e assuntos foram mais relativos a experiência individual e coletiva passando pelas dificuldades, medos, desafios, realizações conquistadas e transformações compreendidas. Aqui, o falado é um sujeito intenso, inspirado, que se emociona e se coloca com alegria, tranquilidade e potência.

Enquanto falado é um sujeito que respeita a vida e emana alegria e união no coletivo; que se desconecta da hegemonia com facilidade enquanto mergulha na dinâmica coletiva com horizontalidade e receptividade; que trabalha no coletivo com fluência inspiradora enquanto estabelece relações horizontais; que se entrega na imersão e trabalha intuitivamente; que estabelece contato com o próprio corpo e o enxerga como uma potência; que estabelece empatia e conexão com o outro mesmo sendo um desconhecido, interagindo intensamente com os participantes; que entra em contato com a natureza, consigo mesmo e com sua infância; que enxerga a atividade como uma potencial mitigadora de desigualdades sociais; que se entende como um sujeito coletivo que não produz disputas e conflitos; que vivencia a experiência como terapêutica e se reconhece na atividade e no outro; que quebra paradigmas e trabalha sem hierarquizações; que é uma potência transformadora e criativa; que dança, brinca e entra em sintonia com o outro; que aprende com fluidez na convivência; que se constrói internamente, se conecta com o outro e vive outro modo de vida.

construção de algo diferenciado, de algo não pensado antes. O processo de transformação não é confortável. Não é algo que você recebe sentando confortavelmente em uma carteira em sala de aula. É algo que te balança, que te tira dos eixos e pode até te fazer cair ou sentir raiva. A transformação mexe com suas estruturas subjetivas de cognição e altera a forma como se vê e percebe o mundo. É quando saímos ou somos retirados do “caminho único”.

Nos dias seguintes após a vivência algumas perguntas começaram a florescer na minha cabeça: como me transformei? Como essa experiência foi significativa? Parte do processo que eu havia passado ainda estava nebuloso para mim, a minha transformação ainda não tinha sido compreendida completamente pela razão. Sobre isso, Granier aponta o quão fora do campo racional a experiência significativa pode ser:

Esta experiência de transcendência é capaz de mexer profundamente nas estruturas internas do sujeito, nos valores que sustentam sua relação consigo e com o todo. Para nos ajudar a compreender o que ocorre, salientamos a afirmação de Maturana, de que as experiências espirituais unem os seres humanos. “A experiência mística e espiritual é uma experiência num âmbito mais amplo que o pessoal. Com a experiência mística se vive a unidade com outros seres, sem perguntas nem exigências, simplesmente como um feito (GRANIER, 2017. p. 129).

Em uma “experiência de transcendência” abre-se espaço para a compreensão dos seres vivos a partir de uma perspectiva multidimensional, alcançando outras possibilidades para além da matéria. Acredito que considerar esse campo enriquece bastante a pesquisa, porque apresenta outro horizonte de relações, fortalecendo o reconhecimento da nossa identidade planetária. Considero importante mobilizar o sentimento de pertencimento com a Terra, a reconhecendo como nossa casa. Fazemos parte de um planeta e de um ecossistema complexo que não começa nem termina no ser humano.

Seguindo os eixos de questionamentos apontados no início do capítulo 4 deste trabalho, posso concluir que a construção de espaços em grupo com materiais locais e técnicas de baixa tecnologia tem um potencial dinamizador de relações para a formação de educadores

ambientais críticos devido ao seu caráter de aprendizado essencialmente horizontal, com contato direto com as dinâmicas do ecossistema local e com culturas ancestrais. Também posso concluir que sendo um processo construtivo que utiliza materiais disponíveis na natureza e que mobiliza toda a comunidade, ele ainda provoca um sentido de fortalecimento da coletividade por ser uma abordagem agregadora e intuitiva.

Nas falas e nas ações de cada participante é possível destacar, a todo o momento, referências sobre os cinco princípios formativos e também a inserção em cada um dos três âmbitos propostos. Dessa forma, considero que a bioconstrução pode ser um terreno fértil para o florescimento de um ambiente educativo dentro da “ComVivência Pedagógica”. Sobre as diretrizes de abordagem que mencionei no capítulo 4 pudemos, então, trabalhar na desconstrução padrões de pensamento que nos levam ao “caminho único”; assumimos uma postura conectiva trabalhando o sentimento de pertencimento no grupo; exploramos a criatividade e a multiplicidade de caminhos; agimos de forma diferenciada na construção de novos sentidos; e experienciamos outras epistemologias fora do hegemônico instituído.

Na práxis, alguns elementos específicos se destacaram para mim e os considerei como diretrizes básicas da vivência. O primeiro é a sensibilização dos participantes para os questionamentos trazidos e como isso reforça o valor pedagógico da preparação para a imersão. O momento da pré-imersão se torna muito importante para mobilizar a atenção e a importância dos assuntos e perspectivas tratadas. Note que a sensibilização de todos não significa que todos compartilham a mesma forma de pensamento, mas sim que todos, dentro de suas perspectivas individuais, estão sensibilizados cada um à sua maneira.

O segundo apontamento é a postura empática com o exercício contínuo para relações horizontalizadas. Priorizar o coletivo é muito importante para se conseguir o efeito agregador em uma imersão; posso dizer que o princípio da postura conectiva teve destaque nesta atividade e como resultado, observei que não tivemos destaques pessoais durante toda a imersão, além de termos conseguido manter a comunicação não-violenta em todos os

momentos que pude presenciar.

E o último elemento que compreendi como fundamental é contar com espaços que permitam o contato com a terra, com plantas e animais. A valorização do contato com a natureza e a percepção dos seus ciclos reflete no cuidado e respeito pela vida em todas as suas formas. Esse elemento contribui com a sacralização das relações dentro do ambiente educativo.

O trabalho com os âmbitos possibilita um enfoque mais específico no autoconhecimento, pois abre espaços para se perceber onde há incoerência e/ou negligência dentro de nós, por meio de um olhar complexo, aliado a uma visão honesta e crítica sobre nós mesmos. Assim é possível alcançar uma satisfação e também até certo desconforto com a atividade, é preciso saber dosar isso dentro da intencionalidade da pesquisa para que o desconforto não se torne um bloqueio.

Quando não há pertencimento, seja com as pessoas, ambientes ou objetos, se estabelecem relações de uso que são relações que degradam ambas as partes pela ausência de cuidado e harmonia na relação. A lacuna do sentimento de pertencimento repercute na ausência do sentido de integração do ser humano com o mundo e por conta dessa alienação, o ambiente, como um todo, não entra no círculo de afeição e cuidado que temos com o que consideramos importante para nós. Existe uma relação estreita entre sentir-se parte e cuidar, reconstruindo um sentido de integração entre ser humano, coletividade e natureza.

Outro ponto essencial é estabelecer experiências profundas com a natureza em um ambiente educativo que promova pensamento crítico e autonomia no enfoque com as atividades coletivas, e que seja um espaço de aprendizagem onde o objetivo maior é o de conscientizar, sem a preocupação de buscar por soluções práticas ou resultados mensuráveis.

Um processo sensibilizador do ambiente educativo, em que indivíduos em relação, em uma práxis de conscientização individual e coletiva, possam elaborar e realizar novas relações

com o outro [...] na germinação de outro modo de organização social (GUIMARÃES & PRADO, 2002, p.94).

Este ambiente precisa valorizar a história de cada um, estimular a curiosidade, a criatividade, o que é instigante, o raciocínio lógico e a descoberta, no sentido de transformar educadores e educandos em autônomos, emancipados, questionadores e inacabados. A bioconstrução como prática pedagógica oportuniza a construção de conhecimentos empíricos através de observações e interações no espaço proposto, permitindo alcançar um sentimento de realização, de concretização interna e externa dos conteúdos trabalhados.

Assim, a construção com terra dentro da metodologia da “ComVivência Pedagógica” trouxe uma liga especial para a vivência, pois remeteu a todos, quase que automaticamente, a ancestralidade por conta, principalmente, da relação que esse tipo de construção, especialmente o pau-a-pique, tem com o imaginário ancestral das pessoas. Vejo que grande parte do processo se engatilhou neste lugar, no mutirão, no coletivo e na vida em conjunto, que fazem referência a uma vida que se vivia antigamente.

Considero que existe certa dose de romantismo nessa percepção, pois a vida do camponês está longe de ser fácil e feliz, assim como a vida indígena ou caiçara, então, creio que o contato visceral com o ambiente natural que os ancestrais dos povos originários tinham é algo que nos falta patologicamente, enquanto humanos modernos. As pessoas mais sensibilizadas com as questões ambientais, que considero este o caso de todos os participantes do grupo, se conectam de uma forma muito intensa com esse modo de vida coletivo em contato direto com a natureza. E tanto foi que ninguém teve problemas em sujar as mãos com o barro, muito pelo contrário, já que é muito comum a experiência remeter com alegria as aulas de artes na infância onde fazíamos trabalhos com argila.

Percebi então que o trabalho com terra é repleto de referências ao nosso passado, nossas infâncias e nossa ancestralidade enquanto seres humanos nesse planeta. É algo familiar, conhecido, repleto de memórias, às vezes indecifráveis, às vezes acolhedoras. O

toque no barro para fazer o revestimento do banco trouxe ainda sensações mais apuradas dos trabalhos com as mãos e pés, como a produção de vinho que antigamente tinham as uvas esmagadas com os pés, ou a sova da massa nas mãos de um padeiro, até chegar ao momento criativo de usar o material que tem disponível para decorar seu trabalho manual com carinho e cuidado. É uma atividade que traz muitas memórias por meio das sensações que causa no toque com o corpo. É carregada de símbolos da ação humana harmônica e integrada com o meio em que vivemos, e que promove um resgate da cultura regional através da técnica e do uso de materiais locais.

Vejo que esta característica potencializa um fazer diferenciado e nos preenche de sentidos sobre outras possibilidades de nos relacionar com nós mesmos, em sociedade e com a natureza e os outros seres vivos que povoam este planeta, de forma que possamos lutar pela existência com dignidade. Defender a ética passou a ser um ato de resistência no momento que vivemos.

Assim, a sensibilidade que foi sendo construída desde o grupo do *Whatsapp* e foi sendo potencializada em cada movimento, atividade, ensaios, conversas e na convivência culminou na construção de algo para o coletivo. Estávamos juntos, pensando juntos o bem coletivo e essa intencionalidade se concretizou em um banco que irá acolher uma infinidade de pessoas durante muitos e muitos anos. E certamente, chegará pessoas que vão precisar ser acolhidas, que vão precisar sentar ou descansar seus corpos, que vão ter conversas animadas e estimulantes naquele espaço ou talvez até acolha o choro de alguém sem perguntar nada. Quantas histórias um banco, feito com um material de milhões de anos de idade, teria para nos contar?

6. A CRISE DE RELAÇÕES EM TEMPOS DE PANDEMIA

Durante a etapa final do processo de elaboração deste trabalho entramos em isolamento físico e a pandemia se espalhou fortemente pelo país. Mobilizada por esse momento histórico, as reflexões que ora apresento busca outros olhares sobre a transformação das relações frente ao isolamento físico.

A pandemia, com suas restrições, produz uma rotina diferenciada considerando que nossas interações sociais se tornaram limitadas a espaços virtuais. Com esse cenário, o desconforto e as incertezas nos tiraram do “normal”, ao qual talvez nunca mais voltaremos. Essa conjuntura também tem elementos que constituem uma experiência significativa, como a ruptura com projetos e planos preexistentes para o embarque em um estado horrorizante de presença perante a iminência da morte e da doença, causadas por um vírus invisível aos olhos nus.

No atual panorama, uma vivência como a apresentada no capítulo anterior não teria mais como ser realizada. A potência presencial da experiência significativa e a radicalidade da imersão precisariam ser substituídos por alguma modalidade remota segura. No capítulo 4 descrevi uma formação virtual repleta de partilhas e sentidos dentro do GEPEADS, porém ainda tivemos a oportunidade de participarmos de uma imersão ao final do processo que estimulou e consolidou em todos nós os conceitos apresentados e trabalhados.

Dentro do grupo GEPEADS, ficamos paralisados perante as incertezas que nos atravessavam. Após uma pausa, retomamos as reuniões semanais virtuais no início de abril com uma proposta de acolhimento e escuta, quase como uma terapia em grupo. Foi um momento muito marcante para todos, pois cada um enfrentava essa realidade desafiadora de uma forma diferente, mas todos imersos no medo constante que nos espreitava.

Com o intuito de dar vazão a essas emoções e pensamentos criamos um perfil na rede

social Instagram³⁶ a fim de publicarmos conteúdos simples para extravasar o que nos atravessava, e assim produzimos artesanatos, poesias, textos, entrevistas, fotos e até um caderno da quarentena feito pelo professor Mauro Guimarães. As produções geralmente eram construídas a vários pares de mãos, cada um em suas casas. Esse processo contribuiu demais com o bem estar psicológico e emocional do grupo durante todo o ano de 2020 e me trouxe profundas reflexões sobre a nova realidade que estamos enfrentando.

Dessa forma, este último capítulo traz um fechamento, agora dentro do contexto da pandemia, onde muitas reflexões sobre como nos relacionamos e como podemos nos relacionar inundaram minha mente com esperanças, angústias, medos, coragem, ansiedade e certa dose de ousadia para pensar novas possibilidades para as sociedades humanas, ainda dentro do recorte deste trabalho.

Assim, trago as perspectivas e trabalhos atuais de Marques, Morin e Buarque sobre o evento histórico da pandemia do novo coronavírus (SARS cov-2) com o intuito de levantar elementos que possam produzir reflexões sobre a forma deletéria que nos relacionamos com os seres humanos e não humanos contextualizando, assim, a emergência sanitária dentro da emergência climática e a crise de relações. Essas reflexões são importantes para nos orientar sobre as possibilidades de caminhos que temos pela frente e fundamentar a importância sobre a necessidade de mudanças em nossas escolhas e modos de vida.

Os textos e vídeos produzidos durante a pandemia do novo coronavírus trazem dados, pesquisas e análises sobre a extensão das ações degradantes que têm sido praticadas e suas consequências alarmantes, partindo daí a reflexão sobre como nossas relações com tudo e todos, inclusive com nós mesmos, foram estruturadas de forma afrontosa. Os principais materiais são um artigo de Luiz Marques, que contextualiza o ano de 2020 dentro da emergência climática e pandemia, e uma palestra online sobre cenários pós-Covid-19 com Edgar Morin, Cristovam Buarque e Alfredo Pena-Vega.

36. Nome do perfil: @tessituras.rededesaberes

6.1. O contexto atual

Agora, com a pandemia, estamos diante de um paradigma histórico onde as relações construídas no passado são impossibilitadas de manter seus ritos estabelecidos. É como a morte dos diversos contextos sociais que preenchiam nossas vidas e nosso tempo. Contextos esses que agora sobrevivem apenas nos espaços virtuais onde relações de trabalho, estudo e pesquisa até conseguem se desenvolver bem dentro de uma organização, mas em contextos sociais de amizades, família e relações afetivas, que costumam demandar contato físico, leitura de atitudes, comportamento e demais expressões corporais, dificilmente encontram espaços na comunicação virtual. Além disso, esse mesmo espaço virtual se tornou mais um lugar de privilégio e exclusão considerando que parte da população brasileira não tem acesso regular à internet.

Ao mesmo tempo que não é possível mais encaixar o passado no presente, o futuro parece ainda mais incerto do que nunca. Não se sabe que mundo pós-pandêmico será parido após essa longa gestação. Será que a humanidade ficará mais sensibilizada e solidária? Será que em meio a tantas mortes e sofrimento ficará mais dura e insensível? Ou, ainda, será que pouco mudará e seguiremos rumando ao abismo?

[...] o mundo pós-pandemia “corre o risco de parecer furiosamente, a curto prazo ao menos, com o mundo de antes, mas em versão piorada”. E Joffrin emenda: “o ‘mundo de após’ não mudará sozinho. Como para o ‘mundo de antes’, seu futuro dependerá de um combate político, paciente e árduo”. Político e árduo, sem dúvida, mas definitivamente não há mais tempo para paciência (JOFFRIN, 2020 apud MARQUES, 2020, s/p).

Marques (2020) ainda coloca que “por volta de 2030, mantida a engrenagem do sistema econômico capitalista globalizado e existencialmente dependente de sua própria reprodução ampliada, é nada menos que um desastre para a humanidade como um todo, bem como para inúmeras outras espécies.” No artigo, o autor traz uma coletânea de pesquisas e

trabalhos que apontam 2020 como o ano limite para o pico de emissões de GEE (gases de efeito estufa) que sinalizam a urgência de um comprometimento global com a queda dessas emissões a partir desse ano com o objetivo de impedir “uma mudança climática desenfreada (*a runaway climate change*), com consequências desastrosas para a humanidade e para os sistemas naturais que nos sustentam.” (GUTERRES, 2018 apud MARQUES, 2020, s/p).

Ninguém exprime o significado dessa data limite de modo mais peremptório que Thomas Stocker, co-diretor do IPCC entre 2008 e 2015: “Mitigação retardada ou insuficiente impossibilita limitar o aquecimento global permanentemente. O ano de 2020 é crucial para a definição das ambições globais sobre a redução das emissões. Se as emissões de CO₂ continuarem a aumentar além dessa data, as metas mais ambiciosas de mitigação tornar-se-ão inatingíveis” (STOCKER, 2008-2015 apud MARQUES, 2020, s/p).

O ano de 2020 chegou e no balanço dos objetivos obtidos, de fato, nesse sentido apontam que “nenhuma das metas, em suma, foi alcançada e, em dezembro passado, a COP25 em Madri varreu definitivamente, em grande parte por culpa dos governos dos EUA, Japão, Austrália e Brasil, as últimas esperanças de uma diminuição iminente das emissões globais de GEE” (IRFAN, 2019 apud MARQUES, 2020, s/p). Em meio a invisibilidade e descrédito da emergência climática por parte dos governos do mundo, paralelo à desesperança e preocupação dos pesquisadores, um novo desafio entra em cena: a pandemia.

O novo coronavírus (SARS Cov-2) que causa a COVID-19 é altamente contagioso e transmissível pelo ar, principalmente. Em março de 2020, quando a OMS decreta que a doença se transformou em uma pandemia³⁷, um destino comum foi traçado às nações do planeta: parar. E, assim, “em pouco mais de três meses resolveu pelo caos e pelo sofrimento o que mais de três décadas de fatos, de ciência, de campanhas e de esforços diplomáticos para diminuir as emissões de GEE mostraram-se incapazes de realizar” (MARQUES, 2020 s/p). As reduções de emissões não se concretizaram apenas na paralisação momentânea por

37. Em 11 de março de 2020 a ONU decreta pandemia do novo coronavírus: <<https://extra.globo.com/noticias/saude-e-ciencia/oms-decreta-pandemia-mundial-por-novo-coronavirus-24298659.html>>

consequência do isolamento físico; elas já estão parcialmente consolidadas por decorrência da queda global das economias. Para além da discussão equivocada sobre a oposição entre economia e saúde, também temos uma construção de um modelo econômico que se coloca, inadequadamente, em oposição ao meio ambiente.

E, assim, o que poderia ser uma transição progressiva para meios de produção e modos de vida menos degradantes está se tornando um caos de proporções ainda não mensuráveis, acirrando desigualdades sociais e deixando populações inteiras em vulnerabilidade sanitária. “Ao invés de um decrescimento econômico racional, gradual e democraticamente planejado, o decrescimento econômico abrupto imposto pela pandemia afigura-se já, segundo Kenneth S. Rogoff, como ‘a mais profunda queda da economia global em 100 anos’” (ROGOFF, 2020 apud MARQUES, 2020, s/p).

6.2. Segurança alimentar e as relações

Se buscamos aqui novas possibilidades de mundo com novas relações mais solidárias, interdependentes e pautadas pela amorosidade, por quais caminhos poderíamos seguir? Que mudanças precisaríamos fazer agora? Não há respostas únicas para essas perguntas, mas certamente é preciso refletir com urgência sobre nosso consumo de recursos individualmente e coletivamente. Refletir sobre nossas escolhas alimentares, de vestuário, de uso de transporte, consumo de água, nossas escolhas políticas e nosso modelo de sociedade. É preciso passar pelo desconforto de questionar os modelos instituídos, e não apenas os modelos dos quais já discordamos, mas também os modelos que compõem nossos locais de privilégio dos quais estamos habituados a usufruir plenamente.

Desde que tenha oportunidade, o coronavírus está pronto para mudar de

hospedeiro e nós criamos essa oportunidade através de nosso uso não natural de animais – a pecuária (livestock). Essa expõe os animais de criação à vida silvestre, mantém esses animais em grandes grupos que podem amplificar o vírus, e os humanos têm intenso contato com eles – por exemplo, através do consumo de carne –, de modo que tais animais certamente representam uma possível trajetória de emergência para o coronavírus. (...) Nada disso é novidade para a ciência. Sabemos que a maioria das pandemias emergentes são zoonoses, isto é, doenças infecciosas causadas por bactérias, vírus, parasitas ou príons, que saltaram de hospedeiros não humanos, usualmente vertebrados, para os humanos (DROSTEN, 2020 apud MARQUES, 2020, s/p).

A colocação de Marques (2020, s/p) revela como é fundamental a reflexão sobre o que consumimos e a sua origem, principalmente com relação às nossas escolhas alimentares, e completa dizendo que “a maior frequência recente de epidemias e pandemias tem por causas centrais o desmatamento e a agropecuária”. A produção de alimentos de origem animal é um dos setores econômicos que mais tem contribuído, direta e indiretamente, com a degradação de ecossistemas, insegurança alimentar e, conseqüentemente, a emergência climática além, também, de ser o *locus* para a geração e evolução de microrganismos com potencial pandêmico.

Muitas das causas primárias das mudanças climáticas também aumentam o risco de pandemias. O desmatamento, causado em geral pela agropecuária é a causa maior da perda de habitat no mundo todo. E essa perda força os animais a migrarem e potencialmente a entrar em contato com outros animais ou pessoas e compartilhar seus germes. Grandes fazendas de gado também servem como uma fonte para a passagem de infecções de animais para pessoas (BERNSTEIN, 2020 apud MARQUES, 2020, s/p).

Sendo essa pandemia, e as que a antecederam, fruto da degradação de ecossistemas provocadas pelo ser humano, a questão alimentar se apresenta, então, como um eixo central na crise de relações aqui exposta. Nossa relação com os animais não humanos além de ser degradante, assassina e escravocrata, está nos adoecendo junto. A relação de posse e uso que se estabeleceu com outros seres vivos é, talvez, por não se comunicarem da mesma maneira que os humanos, invisibilizada e já tem um nome consagrado: o especismo. Essa palavra indica a mesma cadeia de relações degradantes que encontramos no racismo, só que neste caso é entre seres humanos e seres não humanos. Ao não compreender, ou não querer

compreender, que a vida nesse planeta funciona baseada na comunhão e equilíbrio entre as espécies, nos colocamos nesse lugar de ditar qual espécie tem direito à vida e qual será assassinada ou escravizada.

Na última década, as megacidades da Ásia do leste, principalmente na China, têm sido o principal “*hotspot*” de infecções zoonóticas (Zhang et al. 2019). Não por acaso. Esses países estão entre os que mais perderam cobertura florestal no mundo em benefício do sistema alimentar carnívoro e globalizado. (...) A cobertura vegetal dos trópicos tem sido destruída para sustentar essa dieta crescentemente carnívora, não apenas na China, mas em vários países do mundo e particularmente entre nós. No Brasil, a remoção de mais de 1,8 milhão de km² da cobertura vegetal da Amazônia e do Cerrado nos últimos cinquenta anos, para converter suas magníficas paisagens naturais em zonas fornecedoras de carne e ração animal, em escala nacional e global, representa o mais fulminante ecocídio jamais perpetrado pela espécie humana. Nunca, de fato, em nenhuma latitude e em nenhum momento da história humana, destruiu-se tanta vida animal e vegetal em tão pouco tempo, para a degradação de tantos e para o benefício econômico de tão poucos. E nunca, mesmo para os pouquíssimos que enriqueceram com a devastação, esse enriquecimento terá sido tão efêmero, pois a destruição da cobertura vegetal já começa a gerar erosão dos solos e secas recorrentes, solapando as bases de qualquer agricultura nessa região (ZHANG et al, 2019 apud MARQUES, 2020, s/p).

Esse humano antropocêntrico e especista não é apenas ganancioso, ele também falha intelectualmente ao se recusar a equilibrar suas ações compreendendo as relações que acontecem inclusive no âmago do seu sistema produtivo, prejudicando, assim, sua própria produção agrícola e lucro a médio e longo prazo. E ainda temos um crescimento enorme de terras improdutivas por conta da degradação ambiental causando, inevitavelmente, insegurança alimentar.

No sistema tradicional de produção de bovinos de corte no Brasil a idade média de abate é aos 54 meses de vida (BERETTA et al., 2002, s/p). Até chegar o momento do abate, o animal consome entre 8,5 e 9,5 kg de matéria seca³⁸ por dia para poder adquirir aproximadamente 1,5 kg de peso corporal diariamente (WHATELY, 2012 s/p).

38. Peso do alimento desconsiderando a água contida nele.

Além disso, é necessário considerar a imensa população de animais de produção que são criados, mantidos, abatidos e, por vezes, inseminados constantemente para perpetuar esse ciclo. Apenas no “2º trimestre de 2020, foram abatidos 7,30 milhões de cabeças de bovinos, quantidade 8,0% inferior à obtida no 2º trimestre de 2019 e 0,3% acima da registrada no 1º trimestre de 2020” (IBGE, 2020). A produção animal não apenas devora ecossistemas e degrada terras, como também consome uma grande parte de alimentos que poderiam ser destinados aos humanos uma vez que parte da alimentação dos bovinos de corte é composta de grãos como milho, soja, sorgo e outros cereais, além de leguminosas como amendoim.

Apesar de o autor colocar como “consumo de carne”, é importante elucidar que os animais de produção não fornecem apenas carnes, existindo uma gama de produtos de origem animal que também faz parte desse sistema produtivo deletério como couro e pigmentos mas, principalmente, laticínios, ovos e sangue. Nesse sentido, o veganismo enquanto movimento social que extrapola a esfera humana tem despontado nessa luta há algumas décadas e traz, entre outras provocações, novas possibilidades de se relacionar com a vida por meio de uma forma de consumir consciente e ética.

A defesa da democracia somente será defesa do direito à vida quando essa democracia não for exclusiva a esfera humana. A democracia pela vida precisa considerar e respeitar a diversidade que é ser vivo nesse planeta, a diversidade que é ser humano, ser um novo modelo que se utilize dos esforços científicos e tecnológicos acumulados até aqui com objetivos claros de perpetuação das vidas. Na escala desse planeta o mais importante é a vida como um conceito coletivo e complexo, como uma resistência à hostilidade e aridez que predominam no universo conhecido. A vida é rara e é nosso bem mais precioso. É preciso cuidar dela de todas as formas possíveis e que isso se fortaleça como um valor humano comum aos povos, cada um à sua maneira.

6.3. Um mundo em transformação?

Desde a década de 70 temos um acúmulo de pesquisas, trabalhos e alertas ambientais em eventos internacionais com ampla adesão das nações. É possível se aproveitar dessa coletânea para tecer novos caminhos para a sociedade humana e não humana. Caminhos que não levam a degradação de todos enquanto um ecossistema planetário, mas que levem a novos mundos de diversidade, onde caibam todos os mundos. Um mundo de solidariedade, respeito e fraternidade onde se compreenda visceralmente, enquanto sociedade humana, que todos fazem parte de uma completude indivisível muito maior que nossas particularidades.

A pandemia está evidenciando que a Terra é a casa comum a todos e a saída é o bem comum, uma solução coletiva, o que nos conduz a refletir sobre conexões profundas que temos uns com os outros. Sobre como a apropriação da natureza como recurso provoca tanta degradação e produz um estado de permanente vulnerabilidade socioambiental para os seres vivos que habitam e necessitam de um ecossistema equilibrado para morar e tirar seu sustento, e que terminam impossibilitados de existir.

O vírus, que chegou no momento exato onde acontecia um crescimento mundial da extrema direita e suas diretrizes intolerantes, mostra que somos uma única humanidade por trás das fronteiras e muros. Que não adianta cuidar apenas de mim ou da minha família ou país: se não for um cuidado global, a crise sanitária persistirá por longos períodos e se intensificará. A minha sobrevivência também é a sobrevivência do outro, e é na comunhão e no cuidado com todos que se pode garantir a segurança para viver nesse planeta.

Morin (2020) alerta sobre o crescimento de novos estados autoritários como uma ameaça à democracia:

[...] quando vemos os anos anteriores, vemos uma crise mundial das democracias, em todos os continentes, tem corrupção, tem a perda da confiança e

da fé em movimentos que se dizem populistas (...) existe um poder gigante de forças econômicas sobre as sociedades e vemos chegar estados neoautoritários (MORIN, 2020).

Marques (2020) enaltece o valor das democracias na preservação da vida e diminuição das desigualdades sociais quando coloca que “a luta pela diminuição da desigualdade social significa, antes de mais nada, retirar das corporações o poder decisório sobre os investimentos estratégicos (energia, alimentação, mobilidade etc.)” ou seja, fortalecendo os direitos coletivos acima dos individuais, além de “assumir o controle democrático e sustentável desses investimentos e, assim, atenuar os impactos do colapso socioambiental em curso.” É importante compreender quais valores são cultuados nas democracias, para qual sentido elas caminham, e que tipo de progresso se desenha e para quem.

[...] é do aprofundamento da democracia que depende crucialmente, hoje, a sobrevivência de qualquer sociedade organizada num mundo que está se tornando sempre mais quente, mais empobrecido biologicamente, mais poluído e, por todas essas razões, mais enfermo. Sobreviver, no contexto de um processo de colapso socioambiental, não é um programa mínimo. (...) Supõe redefinir o próprio sentido e finalidade da atividade econômica, vale dizer, em última instância, redefinir nossa posição como sociedade e como espécie no âmbito da biosfera (MARQUES, 2020, s/p).

A provocação sobre “redefinir o próprio sentido e finalidade da atividade econômica” e “redefinir nossa posição como sociedade e como espécie no âmbito da biosfera” desperta uma intensa reflexão sobre nossos comportamentos, trabalhos, modos de vida e ainda convida a um questionamento filosófico sobre o que estamos fazendo aqui e qual o sentido de nossas ações enquanto humanos não destacados do todo. Por que valores como o enriquecimento financeiro e posse de bens são tão difundidos nas sociedades modernas? Como a ânsia gananciosa por esses valores produz e reproduz a desigualdade social? E o que buscamos, verdadeiramente, enquanto civilização? Certamente há respostas para essas perguntas, mas a provocação aqui posta é para refazermos essas perguntas em tempos de pandemia onde a vida das pessoas está em jogo e talvez a emergência sanitária nos desperte outras perspectivas para respondê-las.

É possível criar um paralelo sobre a emergência climática e a forma como certas nações iludidas por governos de cultura fascista agem perante a crise sanitária: ignorando a tragédia, menosprezando os danos causados, mentindo os números, depreciando a mídia informativa e desmerecendo a ciência e seu trabalho investigativo. Se aproveitam de sua posição de poder para naturalizar o desastre humano e o desastre socioambiental em nome de um progresso já falido.

[...] o próximo decênio evoluirá sob o signo de regressões socioeconômicas, pois mesmo a se admitir que a economia globalizada tenha trazido benefícios sociais, eles foram poucos e vêm sendo de há muito superados por seus malefícios. A pandemia é apenas um entre esses malefícios, mas certamente não o pior (MARQUES, 2020, s/p).

Em meio a tantas tragédias globais e cotidianas a esperança fica abalada. A ciência enquanto um valor humano caiu em descrédito. Nosso imediatismo se juntou à falta de compreensão do “tempo da ciência” e deu espaço a “salvadores” e “mitos” que bradam o nome de substâncias milagrosas prometendo a cura, com o claro intuito de fazer a vida das pessoas voltar ao “normal”. O mesmo “normal” que levava a humanidade ao abismo de Löwy. Será que queremos voltar para esse normal?³⁹ Morin (2020, 71’38” a 72’01”) sinaliza que “toda a crise é uma oportunidade de progresso da consciência evidentemente, mas também é uma oportunidade de regressão da consciência porque o medo da crise faz buscar no passado uma solução, buscar em um passado autoritário, buscar por um salvador”.

Além dos perigos da chegada de estados neautoritários e do medo da crise se tornar uma justificativa para buscar soluções do passado, Morin (2020) também alerta sobre os malefícios da globalização e sua tendência de naturalização da barbárie quando ignora direitos inalienáveis a vida humana, pois, em meio a tantas fábricas que produzem tantas coisas em diversas cores, tamanhos e acabamentos, acaba por produzir pouca ou nenhuma solidariedade

39. Durante a pandemia o grupo GEPEADS lançou a campanha “#NãoQueroVoltarAoNormal!!!” no perfil @tessituras.rededesaberes no Instagram com o intuito de desvelar o abismo de crises econômicas, sociais e ambientais que já estávamos rumando antes da pandemia.

nas suas relações.

[...] a globalização não é uma globalização de solidariedade humana, não é uma globalização de cooperação contra os perigos comuns, como o perigo ecológico e o perigo dos conflitos e das guerras. É unicamente um desenvolvimento técnico e econômico que não produz nenhuma solidariedade (MORIN, 2020).

Na mesma medida que a solidariedade está em falta no mercado, sobra cobiça, ganância e competição. Desde a escola aprendemos a naturalizar as relações por meio de uma ótica, insistentemente, competitiva. Sanchez (2020) se refere a esse tipo de pedagogia como uma “necropedagogia” e a define como sendo “aquela pedagogia que educa as pessoas a achar que as coisas são naturais”. Ou seja, é a lei do mais forte da modernidade que requer aparecer mais, ter os melhores preços, o produto mais bonito, ser bem-sucedido, se destacar sempre, publicar as melhores fotos nas redes sociais e assim por diante. Uma imensa insensatez que corre contra o tempo, já que o envelhecimento também é uma fraqueza, enquanto devora vidas, sonhos, comunidades, outras culturas e outros povos. Neste terreno árido por tantas disputas intermináveis, a solidariedade e a amorosidade se tornaram raras.

Buarque (2020) acredita que “o vírus não muda a ganância de quem quer utilidades, tampouco a voracidade dos que querem consumir. Essas duas estruturas mentais creio que seguirão dominando”. Ele não crê em mudanças trazidas pela pandemia a curto prazo, e coloca que a epidemia vai despertar e não mudar a realidade que vivemos. A desigualdade social certamente ganhou visibilidade e realmente isso pode representar um despertar de parcelas da população brasileira e ainda um ganho de solidariedade para a sociedade como um todo. Porém, em meio uma crise econômica sem precedentes é difícil crer em mudanças positivas em um mundo capitalista globalizado que é dependente do crescimento econômico.

Nesse sentido Buarque (2020) faz um importante questionamento: “como melhorar o mundo sem crescimento econômico?” E, ainda, nos aponta uma direção,

[...] uma mudança que nos faça buscar uma sociedade que no lugar de violentar

a natureza, tenha matrimônio afetivo com a natureza, portanto, que pare de medir o progresso pelo Produto Interno Bruto e sim pelo bem-estar das pessoas (...) a epidemia tem um papel de despertar e não de mudar. Nós somos os vírus da mudança, nós somos o vírus da transformação da mentalidade que domina (BUARQUE, 2020).

Buarque, então, sugere que a real mudança se estabeleça a partir de um despertar coletivo da consciência que nos mova no sentido da transformação da realidade. Afinal, em que ponto da civilidade estamos? Temos alto desenvolvimento científico e tecnológico, porém também temos uma degradação humana e ambiental de tal ordem que não podemos garantir a vida mesmo com tantos avanços. Sob essa perspectiva fica fácil compreender que não há um futuro fértil se continuarmos seguindo pelos mesmos caminhos de antes. Morin (2020) também expõe receios consonantes com Buarque com relação ao caminho que estamos trilhando enquanto humanidade.

[...] a pandemia tem demonstrado que apesar de todo o poder humano sobre os mísseis, sobre as viagens espaciais, sobre a técnica e sobre o controle de todas as coisas estamos enfermos de frente para a morte, de frente para enfermidade, de frente para a dor de perder a pessoa que amamos e queremos (...) não há unicamente essa grandeza humana, há também a humildade, a enfermidade humana e que devemos ver os dois aspectos (MORIN, 2020).

Morin (2020) ainda traça uma linha que diferencia claramente os diferentes progressos da nossa civilização e revela suas direções e sentidos distintos dentro do modelo capitalista, e explica que “nós devemos saber que o progresso científico, técnico e econômico não significa progresso humano na relação entre humanos, ao contrário, vemos uma regressão ética, uma regressão moral e uma regressão intelectual”. Essa colocação fere de morte as esperanças de quem acreditava que a evolução tecnológica e/ou científica pudessem nos levar a um progresso humano real, como a prevenção global de doenças, a erradicação da fome no mundo e até a mitigação da crise climática.

Para finalizar Marques (2020) liga os pontos das causas e consequências de todas as crises que estamos enfrentando, expondo o desastroso destino que espera por nós.

A primeira questão refere-se ao caráter, por assim dizer, antropogênico da pandemia. Bem longe de ser adventícia, ela é uma consequência, reiteradamente prevista, de um sistema socioeconômico crescentemente disfuncional e destrutivo. (...) Há uma única espécie responsável pela pandemia Covid-19: nós. Assim como com as crises climáticas e o declínio da biodiversidade, as pandemias recentes são uma consequência direta da atividade humana – particularmente de nosso sistema financeiro e econômico global baseado num paradigma limitado, que preza o crescimento econômico a qualquer custo. (...) Desmatamento crescente, expansão descontrolada da agropecuária, cultivo e criação intensivas, mineração e aumento da infraestrutura, assim como a exploração de espécies silvestres criaram uma ‘tempestade perfeita’ para o salto de doenças da vida selvagem para as pessoas. (...) É provável que pandemias futuras ocorram mais frequentemente, propaguem-se mais rapidamente, tenham maior impacto econômico e matem mais pessoas, se não formos extremamente cuidadosos acerca dos impactos das escolhas que fazemos hoje (SETTELE, 2020; DIAZ, 2020; BRONDIZIO, 2020; DASZAK, 2020 apud MARQUES, 2020, s/p).

Ou seja, temos pesquisas, temos ciência e temos dados, assim como temos possibilidades e caminhos, porém continuamos seguindo o “caminho único” que tem nos levado seguidamente a degradação, morte e doenças.

Creio que a formação de educadores ambientais precisa perpassar por essas questões, e talvez, o processo demande certa dose de angústia frente aos desafios cada vez mais assombrosos que nos assolam. Para vencer qualquer desafio é preciso encerrar a realidade dos fatos, então, eu acredito que o impacto desse embate pode gerar uma energia em potencial, uma indignação ética mobilizadora de caminhos, que encontra na desestabilização do choque, a criatividade necessária para abrir outras rotas de possibilidades, “precisamos de esperança crítica” (FREIRE, 2015, p.14) para alimentar o processo de transformação.

CONSIDERAÇÕES EM BUSCA DE ESPERANÇA

Como podemos produzir esperança depois de encarar os fatos dessa forma? Depois de décadas insistindo obstinadamente nos mesmos erros, será que há esperanças para a mudança? Talvez se for um vírus da mudança como propôs Buarque (2020), mais contagioso que o novo coronavírus, de maneira que nos contaminemos sem chance de escolha.

Alegorias à parte, como não ser mais um refém da nossa própria história que nos leva sempre aos mesmos caminhos? Como não se sentir invisibilizado nas próprias ações por se tratar de uma questão planetária? Como não sucumbir perante a crise da solidariedade humana? Não faço essas perguntas esperando respostas, pois certamente as soluções são diversas e os caminhos a trilhar são múltiplos. Na verdade, o intuito é compreender a essência humana e revelar a realidade que é própria da minha origem e da minha trajetória. Nossas histórias, individuais e coletivas, podem nos orientar sobre as próximas escolhas que tomaremos, mostrando que as crises podem e devem ser construções de caminhos.

Afinal, o que já somos enquanto humanidade? E o que podemos ser ainda? As escalas aqui devem ser levadas em conta. Por exemplo, sob a ótica do universo estamos, enquanto humanidade, numa perspectiva tão ínfima que é quase desprezível. Nossa fragilidade perante esse universo é tão real e intrínseca que torna meio patética qualquer forma de opressão se instalando por aqui. O mundo não existe para nos servir. Já existia antes e continuará existindo depois de nós. A vida, que é esse milagre que nos aconteceu, é um privilégio para poucos na escala colossal do universo. É algo para ser cuidado e celebrado todos os dias. É o bem mais precioso desse planeta, muito mais que petróleo e minérios. A defesa da vida, qualquer vida que seja, devia ser o propósito maior. É o que dá real sentido e objetivo para os esforços científicos e tecnológicos até aqui acumulados. Em tempos tão controversos, até querer que a medicina nos cure e a ciência nos guie parece utópico ultimamente.

Penso que é preciso enxergar para além de nossa visão antropocêntrica que reforça padrões hegemônicos de pensar e experienciar o mundo. Considero que romper com a lógica capitalista em direção a um modelo mais humano e solidário é um ponto de partida. Também é necessário e urgente romper com a hegemonia humana sobre o planeta para concretizarmos uma transição paradigmática plena e completa. Sem isso não será possível ir em busca de uma real pluralidade de caminhos onde todos os seres são considerados.

Os povos originários, que nos apresentam uma diversidade de modos de vida possíveis, foram desmerecidos e invisibilizados pela cultura moderna ocidental e sua globalização. Creio que muitas dessas culturas podem inspirar um fazer diferenciado para reverter ou amenizar a crise civilizatória da qual estamos nos afundando cada vez mais. Ao abrir espaço para um diálogo de saberes horizontal, aceitando o diverso, cria-se a oportunidade para a tomada de consciência da nossa identidade planetária.

A modernidade é marcada pela insatisfação e isso abarca a própria insatisfação que nos move, inclusive, a que me fez escrever este trabalho. Apesar de a natureza buscar sempre o equilíbrio nós, enquanto seres humanos, temos a potência de analisar, planejar e executar saídas para as dificuldades que se apresentam, evitando, assim, estragos maiores do que seguir ignorando o rastro de degradação que o desenvolvimento econômico moderno nos proporciona. Sob essa ótica reflito que é necessário tomar consciência de si e de suas questões pessoais e compreender como nos refletimos no mundo, assim como, também é preciso atuar, lutar e se posicionar, individualmente e em grupo, perante essas questões.

Considero que a “ComVivência Pedagógica” é uma metodologia muito potente e didática, a partir da criação de um ambiente educativo. A apresentação da metodologia é desafiadora para pessoas que não são da área da educação, como foi o caso deste trabalho. É preciso manter uma linguagem bem acessível e provocar bastante os sentidos para que a experiência toque mais pela sensorialidade, e menos pela complexidade dos conceitos.

Os princípios formativos despertam bastante reflexão, interesse e curiosidade nas

pessoas, tanto que considero fundamental que a apresentação dos conceitos tenha abertura para que os participantes possam relatar e comentar a memória de suas vivências provocadas durante a apresentação. Essa abordagem parece produzir uma experiência pessoal muito rica de sentidos, conectando as memórias de cada participante aos princípios expostos.

É possível que o debate sobre as diversas concepções de cada um provoque certo confronto de visões de mundo e crenças. Este momento é delicado, pois é um campo muito pessoal e o ambiente educativo não pode ser um espaço de imposição, violência ou exclusão. A postura conectiva é a etiqueta do início ao fim da atividade.

A sensação de sentir-se desafiada constantemente é desconcertante e instigadora, ao mesmo tempo. Eu creio que este é o maior desafio da prática dentro de uma pesquisa participante. O equilíbrio entre a intencionalidade e a espontaneidade para que o inédito viável nos aconteça demanda certa dose de segurança e paciência, que nem sempre somos capazes de ter. Identifiquei que este lugar é, no mesmo momento, uma fragilidade e uma potência da metodologia, pois é exatamente onde a transformação nos acontece, é a morada da experiência significativa.

Neste aspecto, eu percebi que o trabalho dentro dos três âmbitos potencializa o autoconhecimento, pois repercute para dentro de nós os conceitos trabalhados, dando ênfase a uma reflexão crítica sobre como nos relacionamos com tudo que existe. Este processo pode expor incoerências e fragilidades, e quando se lida com pessoas em qualquer estado de vulnerabilidade é preciso ter um cuidado redobrado com a forma como nos colocamos, buscando sempre manter uma postura empática.

A bioconstrução com barro se conecta fortemente com os conceitos abordados por meio de uma experiência sensorial e intuitiva dentro da coletividade. Ela mobiliza internamente nossas experiências de vida que vão sendo postas à prova constantemente durante a vivência. Construir um espaço para o bem coletivo já é, por si só, uma atividade bastante enriquecedora. Associá-la ao uso de um material natural local, e ainda dentro da

metodologia da “ComVivência Pedagógica” provocou uma conexão profunda entre prática, conceito e realização, potencializando muito o processo pedagógico para a formação de educadores ambientais críticos e conscientes.

O trabalho com bioconstrução possui limitações, pois necessita de espaços ao ar livre e com acesso a materiais naturais que possam ser usados na construção, inviabilizando uma atividade dentro da sala de aula, por exemplo. O uso de ferramentas como pá, picareta e pilão demandam cuidado e apresentam certo nível de risco que precisa ser considerado e esclarecido aos participantes. Dessa forma, trabalhar com grupos menores é mais indicado para que a segurança de todos possa ser garantida.

As atividades de construção em grupo consolidam o sentimento de pertencimento nas pessoas, a alteridade sacraliza as relações e concretiza um viver diferenciado. Vejo que esses valores são cruciais na criação do ambiente educativo crítico, emancipador e sensibilizador.

Para além de uma reflexão crítica sobre a realidade, sustentada por estudiosos, sobre as trajetórias das relações ao longo da história, apresento um olhar outro e particular com várias lacunas a serem preenchidas. Uma manifestação ética de indignação frente ao constante mergulho no abismo que o modelo capitalista hegemônico tem nos proporcionado. Buscando criar mundos em que caibam outros mundos e a coexistir na pluralidade.

O humano antropocêntrico, que é essencialmente opressor, reproduz relações verticalizadas e desconectadas da complexidade da realidade da qual ele faz parte. Esse problema estrutural produz devastação, fome, desigualdades, doenças e pandemias, pois é parte de uma forma equivocada de compreender sua própria existência.

Já entendemos que não podemos voltar ao normal de antes, mas quais são nossas perspectivas de ruptura desses paradigmas? Acredito que isso parta de uma profunda indignação ética e uma profunda reflexão crítica sobre as relações que estabelecemos com tudo e todos. Não sabemos qual futuro nos espera, mas temos a certeza que é preciso

transformar nossa realidade hoje, agora, e encontrar novos caminhos e novas relações pautadas na partilha do mundo e na comunhão.

Valorizar a cultura, a educação e a ciência como pilares centrais das sociedades me parece condizente com essa perspectiva e, ainda mais, se elas ditassem sobre a economia, conduzissem os direcionamentos científicos e mediassem a política e tomadas de decisão, objetivando, assim, esforços com e para a vida e superando a prática política apenas para a esfera humana.

Dentro da perspectiva do universo, a raridade da vida, que vai além da matéria, dota sentidos outros à nossa existência e escancara o quão sem sentido e nocivos nos tornamos. Uma racionalidade tola que tenta convencer e se convencer de que é progresso, porém muito mais alinhado com degradação, devastação e genocídio. Que esse humano antropocêntrico se cure de sua doença ética e sua cegueira e dê espaço para a grande comunhão e diversidade que é SER humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGENCIA IBGE NOTÍCIAS. Brasil. **Abate de bovinos e frangos cai e o de suínos cresce no 2º trimestre de 2020**, 2020. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28840-abate-de-bovinos-e-frangos-cai-e-o-de-suinos-cresce-no-2-trimestre-de-2020>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

ANDRADE, Joachim; APOLLONI, Rodrigo Wolff. Dos ciclos da natureza à roda de samsara: a geografia na raiz do budismo. **Interações - Cultura e Comunidade / Uberlândia / v. 5 n. 8 / p. 63-78 / jul./dez. 2010**. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/6440/5894>> Acesso em: 10 mar. 2021.

BARAN, Paul A. **A Economia Política do Desenvolvimento**. São Paulo. Abril Cultural. 1977

BERETTA, Virgínia.; LOBATO, José. Fernando. Piva.; NETTO, Carlos Guilherme Mielitz. Produtividade e eficiência biológica de sistemas de produção de gado de corte de ciclo completo no Rio Grande de Sul. **Revista Brasileira de Zootecnia**. Vol. 31. Nº2. Viçosa. 2002, s/p. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-35982002000400023>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. Lisboa: Difel Editorial, 1989.

BRASIL. **Diário Oficial da União (DOU)**. Página 58 da Seção 1 de 26 de Janeiro de 2010.

Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/1574500/pg-58-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-26-01-2010>> Acesso em: 01 mai. 2019.

BRASIL. Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (Carta de Princípios da Rede Brasileira de Educação Ambiental) Fórum Global das Organizações Não Governamentais., 1992

BRANDÃO, Carlos R. **A pergunta a várias mãos**. São Paulo: Cortez Editora; 1a. Edição, 2003.

_____ A pesquisa participante e a participação da pesquisa. Texto, 2013

_____ Aqui e Agora: alguns horizontes diante de nós entre a Educação Popular e a Pesquisa Participante. Escritos da Rosa dos Ventos. 2017.

BRUGMANN, Bruna. **Acervo pessoal**. 2019.

BUARQUE, Cristovam. Veredas do Futuro: Cenários Pós Covid-19. In: Veredas do Futuro: Cenários Pós Covid-19. 2020. 1 vídeo (1h18'56''). Espanhol (tradução livre da autora). Publicado pelo canal CDS UnB. Disponível em: <<https://youtu.be/3VLaAVICRQA>> Acesso em: 6 jun. 2020.

CAPRA, F.; STEINDL-RAST, D. (com Thomas Matus). Pertencendo ao universo: explorações nas fronteiras da ciência e da espiritualidade. Editora: Cultrix, 1991.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Sujeito ecológico: a dimensão subjetiva da ecologia**. Artigo. 2010. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/me4655.pdf>> Acesso em: 17 jan. 2020.

_____ **A invenção do sujeito ecológico: sentidos e trajetórias em Educação Ambiental.** Tese. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2001.

CENTRO DE EXPANSÃO DE CONSCIÊNCIA BRAHMATMA DIVA. Site: <<http://brahmatmadiva.site/sobre-nos/>> Acesso em: 30 abr. 2019.

FIGUEIREDO, Marília Z. A.; CHIARI, Brasília M.; GOULART, Bárbara N. G. **Discurso do Sujeito Coletivo: uma breve introdução à ferramenta de pesquisa quali-quantitativa.** *Distúrb Comun.* São Paulo, p. 129-136. 2013. Disponível em: <encurtador.com.br/aOV12> Acesso em: 30 nov. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 54^o ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016a. 143p.

_____ **Pedagogia do oprimido.** 60^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016b.

_____ **Pedagogia da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos.** 1^o ed. São Paulo. UNESP, 2000. 63p.

_____ **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** 22^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FURTADO, Celso. **O Mito do Desenvolvimento Econômico.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974, 2^a edição, p. 15-94.

GUERRA, Emerson. Ferreira. **Organização Política e Segurança Alimentar na Sociedade Krahô.** Uberlândia, MG: EDUFU, 2008. 182p.

GUIMARÃES, Mauro. Pesquisa e Processos Formativos de Educadores Ambientais na Radicalidade de uma Crise Civilizatória. Artigo. 2018

_____ **Outras epistemologias em educação ambiental: o que aprender com os saberes tradicionais dos povos indígenas.** Revista eletrônica do mestrado em educação ambiental – Universidade Federal do Rio Grande – FURG. 2016. p. 50 – 67.

_____ et. al. **Pensamento complexo, dialética e educação ambiental.** Brasil: Cortez, 2006. 214 p.

_____ **A formação de educadores ambientais.** Campinas: Papirus, 2004

GUIMARÃES, Mauro.; GRANIER, Noeli. Borek. **Educação ambiental e os processos formativos em tempos de crise.** Revista Diálogo Educacional, v. 17, n. 55, p. 1574-1597, 2017.

GUIMARÃES, Mauro.; PRADO, Carlos. Educação em direitos humanos e educação ambiental. Artigo, 2014

GUIMARÃES, Mauro.; PINTO, Vicente. P. S. Alternativas para processos formativos de educação ambiental_a proposta da “(com) vivência pedagógica diante de grandes e radicais desafios. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. p. 118 a 131, 2017

GUIMARÃES, Mauro.; MELLO SILVA, Clélia Christina. Mudanças climáticas, saúde e educação ambiental como política pública em tempos de crise socioambiental. Artigo. 2018.

GRANIER, Noeli. Borek. Experiências De “COMVIVÊNCIA Pedagógica” A Partir De Outras Epistemologias Em Processos Formativos De Educadores Ambientais. Dissertação.

Rio de Janeiro. 2017

SANTOS, Debora Gisele Graúdo. **A relação entre o Sentimento de Pertencimento e a Educação Ambiental**. 2018. 122p. Dissertação. Rio de Janeiro. 2018.

GUTIÉRREZ, F.; PRADO, Carlos. **Ecopedagogia e cidade planetária**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

HOLMGREN, David. **Princípios e caminhos da permacultura para além da sustentabilidade**. Brasil: Via Sapiens, 2013.

IPEC – Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado (site): <<http://www.ecocentro.org>>
Acesso em: 18 fev. 2020.

KRENAK, Ailton. **Entrevista concedida ao Correio 24horas em 25/01/2020**, publicado em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/vida-sustentavel-e- vaidade-pessoal-diz-ailton-krenak/>> Acesso em: 25 abr. 2020.

LAROSSA, J. B. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. Tradução de João Wanderley Geraldi, p. 20-28, 2002.

LEFEVRE, Fernando.; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. **Discurso do sujeito coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tce/a/wMKm98rhDgn7zsfvxnCqRvF/?lang=pt>> Acesso em: 30 nov. 2021.

LOUREIRO, C. F. B. **Crítica ao fetichismo da individualidade e aos dualismos na educação**

ambiental. Educar, Editora UFPR, n. 27, p. 37-53, 2006.

_____ **Trajetórias e fundamentos da Educação Ambiental**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

LÖWY. Michael. **Entrevista concedida a Miguel Fuentes** em 11/05/2017, publicado em: <<https://racismoambiental.net.br/2017/05/11/lowy-historia-razoes-e-etica-do-ecossocialismo/>> Acesso em: 25 ago. 2019.

MARQUES, Luiz. *A pandemia incide no ano mais importante da história da humanidade. Serão as próximas zoonoses gestadas no Brasil?* Notícias Unicamp, São Paulo, 2020.

Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2020/05/05/pandemia-incide-no-ano-mais-importante-da-historia-da-humanidade-serao-proximas>> Acesso em: 13 jul. 2020.

MARTINS, C. E. Globalização, Dependência e Neoliberalismo na América Latina. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011, p. 313-345.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MATURANA, Humberto.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. Tradução: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo. Editora Palas Athena, 2001.

MINKE, Gernot. **Manual de Construção com Terra: uma arquitetura sustentável**. São Paulo: B4 Editores, 2015. 228 p. Tradução de Jorge Simões.

MOBAID, Renato Pereira Campos. Nuvens de palavras criadas pelo site: <<https://wordart.com/create>> em: 06 dez 2021.

MOLLISON, Bill. **Permaculture: A Designers' Manual**. Austrália: Tagari, 1988

MOLLISON, Bill. e HOLMGREN, David. **Permaculture one: a perennial agriculture for human settlements**. Austrália: Corgi, 1978. 130p.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 350p.

_____ **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução: Eliane Lisboa. 5ª ed. Porto Alegre. Ed. Sulina, 2015. 120p.

MORIN, Edgar. Veredas do Futuro: Cenários Pós Covid-19. In: Veredas do Futuro: Cenários Pós Covid-19. 2020. 1 vídeo (1h18'56''). Espanhol (tradução livre do autor). Publicado pelo canal CDS UnB. Disponível em: <<https://youtu.be/3VLaAVICRQA>> Acesso em: 6 jun. 2020.

NAGALLI, A. Gerenciamento de resíduos sólidos na construção civil. São Paulo: Oficina de Textos, 2014

PELLANDA, N. M. C. **Maturana & a Educação**. Coleção Pensadores & Educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

PIEPER, D. S. Representações às margens do São Gonçalo: o pertencimento e sustentabilidade na perspectiva da Educação Ambiental da UFPEL – Um estudo de um processo de formação/capitação dos servidores. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental). Universidade Federal do Rio Grande (FURG), 2012.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte, MG. Feminismos Plurais. Letramento. Justificando. 2017. 112 p.

SÁ, L. M. Pertencimento. In: FERRARO JÚNIOR, L. A. (Org.). **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores.** Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

SANCHEZ, Celso. Decolonialidade e Educação Ambiental: diálogos potentes. In: Decolonialidade e Educação Ambiental: diálogos potentes. 2020. 1 vídeo (2h17'35"). Publicado pelo canal Kaipora UEMG. Disponível em: <<https://youtu.be/10GBa6bdssE>> Acesso em: 27 jul. 2020. Português.

SOARES, A. L. J. **Soluções Sustentáveis - Construção Natural.** Pirenópolis: Editora Mais Calango, 2008.

STEIN, M. **Jung: o mapa da alma: uma introdução.** Tradução: Álvaro Cabral. 5ª ed. São Paulo. Ed. Cultrix. 2006

TIBÁ- RIO – Tecnologia Intuitiva e Bio-Arquitetura. Site: <<https://www.tibario.com>> Acesso em 18 fev. 2020.

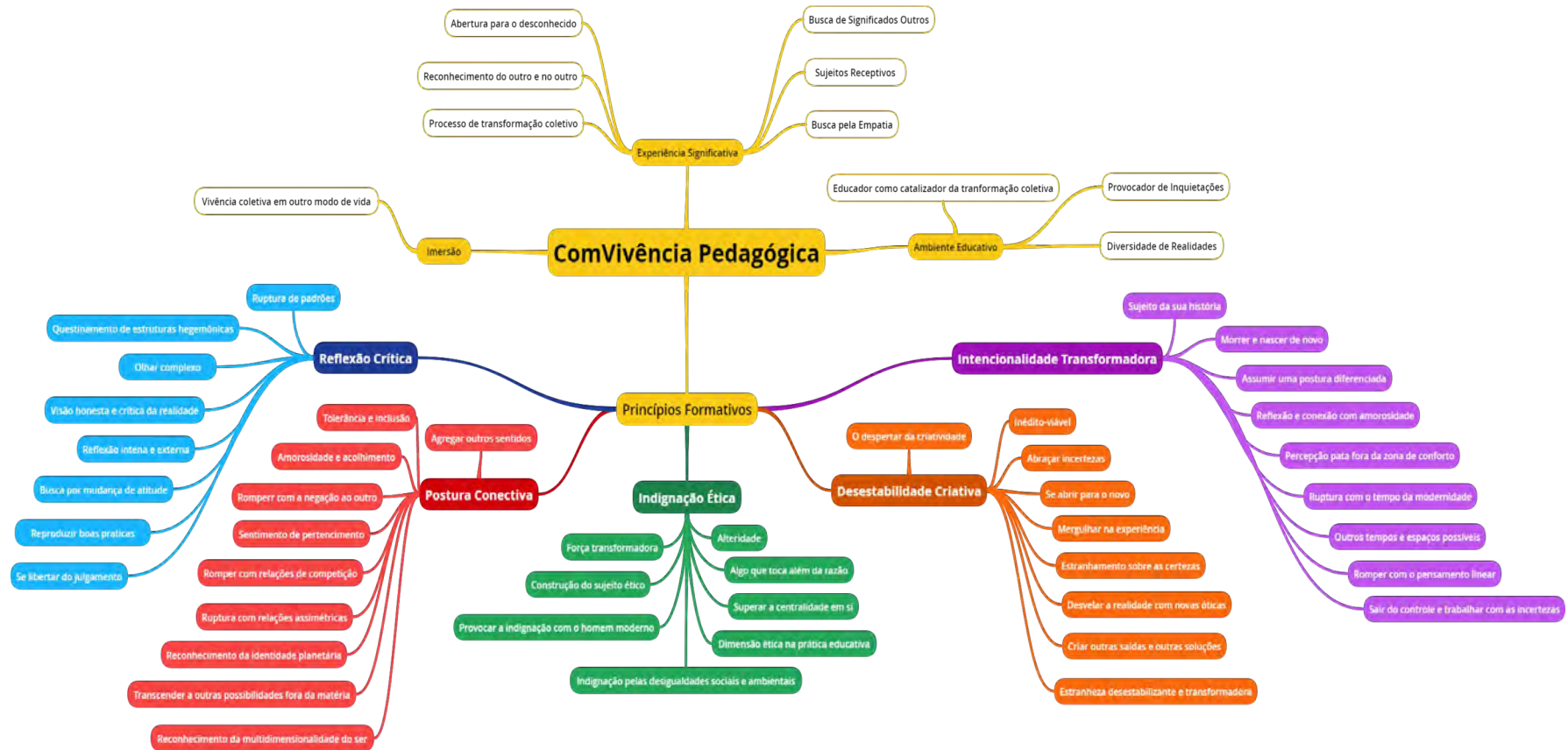
VALENTIM, Bruno Veiga. **Acervo pessoal.** 2019

VAN LENGEN, Johan. **Manual do arquiteto descalço.** Rio de Janeiro: Casa do Sonho, 2002. 724 p.

_____ **Arquitetura dos Índios da Amazônia.** Rio de Janeiro: B4 Editores, 2013. 121 p.

WHATELY, Marcelo. Confinamento: ganho médio diário ou conversão alimentar? **Beefpoint Educação**. 2012. S/p. Disponível em: <<https://www.beefpoint.com.br/confinamento-ganho-medio-diario-ou-conversao-alimentar/>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

APÊNDICE A: Organograma de relações entre a "ComVivência Pedagógica" e os cinco princípios formativos



APÊNDICE B

PROGRAMAÇÃO DA VIVÊNCIA

01 a 03/11/2019 – Itatiaia - RJ

SEXTA 1/11

- 17 h às 20h30 - Chegada (recepção, lanche, organização nos quartos e jantar)
- 21 h - Palestra sobre a vivência com apresentação dos âmbitos e princípios formativos
- 22 h - Desligar dos celulares (até domingo) e dormir

SÁBADO 2/11

- 8 h - Café da manhã coletivo
- 9 h - Bioconstrução com hiperadobe (preparação do local | cama de brita | primeiras fiadas)
- 11 h - Divisão da equipe (almoço e bioconstrução)
- 12 h - Almoço | Banho no lago
- 14 h - Bioconstrução com Ayahuasca (Homenagem aos finados - trabalho com a ancestralidade)
- 17 h - Lanche | Banho
- 19 h - Jantar
- 20 h - Roda de conversa | Meditação guiada
- 22 h - Dormir

DOMINGO 3/11

- 8 h - Café da manhã coletivo
- 9 h - Bioconstrução com silêncio
- 10 h - Bioconstrução com meditação guiada
- 11 h - Divisão da equipe (almoço e bioconstrução)
- 12 h - Almoço | Banho no lago
- 14 h - Roda de conversa | Considerações finais
- 16 h - Encerramento | Lanche

O QUE LEVAR

- Roupas de cama
- Cobertor ou saco de dormir
- Filtro solar
- Repelente
- Roupas de banho
- Toalha
- Roupas leves e que podem sujar de terra
- Chinelos

CONTRIBUIÇÃO

- Estou pedindo 100 reais para contribuir com os custos de eletricidade, gás, água, ayahuasca e alimentação por todo o retiro, mas fiquem à vontade para contribuir com quanto puderem. Os moradores da casa são isentos da contribuição.

ALIMENTAÇÃO

- Como a proposta da atividade é nos transformar e nos abrir a novas possibilidades, toda a alimentação será vegana. Cozinharemos coletivamente com música, alegria e criatividade.

CELULARES

- Peço a todos que, se possível, mantenham seus celulares desligados durante toda a vivência. Isso fará com que possamos nos conectar mais profundamente com nossos processos individuais e também melhorará nossa conexão com as pessoas e ambiente. A ideia é fazermos uma imersão com a maior profundidade possível.

DIVULGAÇÃO DE IMAGEM

- Toda a vivência será fotografada e filmada. Essa atividade faz parte da minha pesquisa do mestrado em educação que estou fazendo pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

APÊNDICE C

RELAÇÃO DE INSUMOS PARA A VIVÊNCIA:

Para a bioconstrução:

- Brita no 1: 2 m³ (comprado);
- Areia lavada: 1 m³ (comprado);
- Luvas de segurança tricotada: 4 pares (comprado);

Custo com material: R\$434,00

Demais insumos utilizados na obra:

1 Cone plástico de sinalização; rolo de saco contínuo para hiperadobe (cerca de 75 metros lineares); 3 enxadas; 3 pás de obra; 1 picareta; 7 baldes de plástico; 1 pilão de madeira; 2 carrinhos de mão; 1 lona de 3x2 m (aproximadamente). O cone era de minha posse e os demais itens eram da casa e estavam a nossa disposição.

Para alimentação:

- Abacaxi, melancia, alface, alface roxa, hortelã, cheiro verde e alho-poró: 1 unidade de cada.
- Cenoura: 1,3 kg; batata: 2 kg; abóbora: 2,3 kg; alho: 0,3 kg; tomate: 1 kg; cebola: 0,6 kg; abacate: 2,2 kg; gengibre: 0,1 kg; maçã: 1,5 kg; limão: 0,4 kg; laranja: 1 kg; mamão: 2,6

kg; uva: 0,5 kg; banana: 3,3 kg.

- Pacote de *cream cracker*: 1 unidade; pacote de água e sal: 1 unidade.
- Pão de forma: 3 unidades; pão árabe: 3 unidades; leite de coco: 2 garrafas.
- Gergelim: 500 g; aveia grossa: 500 g; tapioca: batata palha: 500 g; linhaça: 200 g.
- Açúcar: 2 kg; café: 1 kg; feijão: 2 kg; arroz: 3 kg; lentilha: 1 kg; ervilha: 1,5 kg; farinha: 1 kg; canjica: 1 kg; sal 1 kg; pipoca: 500 g.
- Azeite: 1 L; geleia: 1 pote; creme de arroz: 1 caixa; suco concentrado (manga e caju): 2 garrafas.
- Curry: 1 envelope; canela em pó: 1 envelope;
- Azeitonas: 1 pote; milho verde: 2 latas; ervilha: 2 latas; grão de bico: 1 lata; mostrada: 1 pote; ketchup: 1 pote; extrato de tomate: 2 latas.
- Sabão pastoso: 1 unidade e papel toalha: 1 rolo.

Custo com alimentação: R\$489,00

Demais insumos utilizados na cozinha:

Talheres, pratos, panelas e demais utensílios pertencentes a casa que estavam a nossa disposição. Levei da minha casa um *mixer*, duas facas e uma tábua para auxiliar nos preparos.

Cardápio proposto:

Café da manhã e lanches: frutas, pães, café, tapioca. granola, geleia, requeijão de batata, pastinhas, chá e biscoitos.

Almoço de sábado: arroz, feijão, farofa, salada verde, salada de grãos e suco.

Almoço de domingo: arroz, estrogonofe de carne de jaca, salada verde, salada de grãos e suco.

Jantar: caldo de ervilha, caldo de abóbora com gengibre e canjica vegana.

Observação 1: preparei em casa as pastinhas de tomate seco e azeitona (a base de linhaça), o requeijão de batata e também a granola para agilizar as refeições durante a vivência.

Observação 2: solicitei aos participantes (exceto os moradores) que, caso pudessem, a contribuição no valor de R\$ 100,00 para ajudar nos custos da alimentação. Consegui arrecadar R\$400,00 no total.

APÊNDICE D

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar, como voluntário, de uma pesquisa de caráter científico. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir e caso ainda deseje participar do estudo assine ao final deste documento, em duas vias, sendo uma sua e outra para o pesquisador responsável.

A pesquisadora Sofia Eder, sob o número de matrícula 20181000537, encontra-se regularmente matriculada no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDUC) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). A referida aluna tem como proposta de dissertação: **“A BIOCONSTRUÇÃO COMO UM POTENCIAL DINAMIZADOR DAS RELAÇÕES NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES AMBIENTAIS CRÍTICOS: Uma forma de edificar a autonomia nas novas sociedades sustentáveis”**, sob a orientação do professor Dr. Mauro Guimarães.

A atividade proposta será realizada no Centro de Expansão de Consciência Brahmátma Diva com seus moradores e frequentadores dos dias 01 a 03 de novembro de 2019, onde realizaremos uma imersão com atividades práticas de construção com terra com meditações e consagração da ayahuasca, e demais atividades da convivência com o intuito de trabalhar as relações humanas, sociais e ambientais em seus vários âmbitos.

A atividade será filmada, fotografada e as rodas de conversa terão seus áudios gravados. Toda a informação coletada será apresentada apenas para fins acadêmicos e científicos da área. Vale ressaltar que a pesquisadora garante total sigilo das informações e que sob nenhuma circunstância nenhum nome será divulgado durante o desenvolvimento e publicação da pesquisa.

A metodologia aplicada tem um sentido de busca por autoconhecimento e autorreflexão, caracterizando assim uma atividade terapêutica com possíveis benefícios aos participantes. Além disso tem a intenção de criar possibilidades educativas e transformadoras para a comunidade científica.

A prática da bioconstrução proposta oferece riscos físicos mínimos por ser uma atividade que demanda certo esforço físico, mas que devem ser considerados no aceite da participação. Além disso, sendo uma prática com uma intencionalidade transformadora os participantes correm o risco de sentirem desconfortos, náuseas e vômitos decorrentes do consumo da ayahuasca.

Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida ou me sinta prejudicado(a), poderei contatar a pesquisadora responsável ou seu orientador. O pesquisador se compromete a prestar qualquer assistência relacionada à pesquisa que se fizer necessária aos participantes antes, durante e depois da atividade prática.

Vale ressaltar que posso me retirar desse estudo/pesquisa a qualquer momento que quiser sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos, e que também não há compensação financeira pela participação na atividade.

Assinatura do participante: _____

Assinatura do Pesquisador: _____

Assinatura do Orientador/ Coorientador: _____

Itatiaia, 01 de novembro de 2019

APÊNDICE E

TERMO DE ACEITE DE PARTICIPAÇÃO DE PESQUISA CIENTIFICA

Eu, _____, sob o documento _____ declaro, por meio deste termo, que concordei em ser um(a) participante e objeto de estudo da atividade prática para colaborar com a pesquisa intitulada “**A BIOCONSTRUÇÃO COMO UM POTENCIAL DINAMIZADOR DAS RELAÇÕES NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES AMBIENTAIS CRÍTICOS: Uma forma de edificar a autonomia nas novas sociedades sustentáveis**”, desenvolvida por Sofia Eder e orientada pelo Professor Dr. Mauro Guimarães a quem poderei contatar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone 21 988431983 ou e-mail sofiaeder@gmail.com.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Fui informado(a) dos objetivos do estudo e dos procedimentos metodológicos a serem utilizados e estou ciente que minha colaboração se fará por meio da participação em uma atividade de imersão durante 3 dias que será gravada filmada e fotografada a partir da assinatura desta autorização.

Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida ou me sinta prejudicado(a) poderei contatar a pesquisadora ou seus orientadores.

Assinatura do participante